O SECULO E O CLERO

POR

JOÃO BONANÇA

SEGUNDA EDIÇÃO

Factos desenvolvidos 'nesta obra:

O suicidio — A mulher — O amor — O casamento — O fatalismo O celibato dos padres — O catholicismo e as perseguições religiosas — A vida monastica — A immortalidade — O vicio e a miseria — O castigo e o perdão — O socialismo — O despotismo e a liberdade — O grande pensamento do seculo XIX — As prisões — A desgraça e a morte — Transformação melhoradora da sociedade portugueza pela extincção das ordens monasticas.

LISBOA
IMPRENSA LUCAS
93 — Rua do Diario de Noticias — 93

1900

Inteira de
porcealina
azul escura

O SECULO E O CLERO

O SECULO E O CLERO

POR

JOÃO BONANÇA

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
IMPRENSA LUCAS
93 — Rua do Diario de Noticias — 93

1900

PROLOGO

A primeira edição de este livro fez-se em 1872. Teve um exito enorme e exhauriu-se rapidamente. Poderia ter feito outra ou outras; o motivo, por que se não fizeram, não interessa o leitor.

De então para cá variaram muito a minha ordem de estudos, o meu estylo e algumas das minhas crenças: hoje ser-me-ia impossivel escrever *O Seculo e o Clero* de 1872; mas nem por isso elle deixará de agradar muito mais, do que as minhas obras da actualidade, a um numero de leitores consideravelmente maior.

O Seculo e o Clero é, em forma de romance, um quadro da sociedade portugueza do segundo quartel do seculo, que vae findar.

Nos 28 annos decorridos, depois da primeira publicação de este livro, esta sociedade tem, pelo conflicto dos interesses de pessoas e de classes, assumido aspecto differente : facto que determinou no meu espirito a idea de uma segunda edição, reproduzindo fielmente a primeira, no intuito de fazer bem e de ser util.

Lisboa, 26 de Maio de 1900.

João Bonança.

PARTE I

I

Onde foi encontrado este livro

Era na quadra em que a natureza derrama com profusão verdura, flores e perfumes. Tinham as fontes um gemer suave e os arroios corriam limpidos e sonorosos.

A brisa embalsamada pelos perfumes exhalados das flores campesinas suspirava docemente. De flor em flor poisava a abelha anciosa, e as aves esvoaçavam de arvore em arvore, de arbusto em arbusto, descantando hymnos de magica harmonia. Dava o sol um calor temperado, e a luz sorria meiga no veo azul da immensidade.

Este saudoso tempo passeio-o em A., pittoresca povoação do Algarve. O quarto que me deu o amigo, que me offerecera gasalhado, estava adornado com singeleza ; mas as bellezas e os encantos que o rodea-

vam faziam esquecer toda a commodidade, todo o luxo oriental e artificial goso que ha nas casas das grandes cidades.

Debaixo da janella que deitava para oeste havia uma fonte, a qual, pelo seu gottejar constante se assimilhava a uma cascata perenne. Adormecia todas as noites embalado pelo rumor suave da agua que se despenhava. Quando de manhã me erguia, dava-me pressa em espraiar os olhos pelos formosos panoramas que da minha alcova se avistavam.

Levantava-se orgulhosa ao norte a Serra de Monchique, sobranceira a muitas que, destacando-se harmonicamente umas após outras, lhe iam morrer ao sopé. De manhã apparecia envolta em pardacento veo; vestia-se alto o dia, de azul escuro.

E que bella paizagem se desenrolava para o occidente! Que de formosas collinas esmaltadas de verdor e povoadas de oliveiras, figueiras e amendoeiras, cujo verde languido enleia a vista e deleita o coração!

E no fundo de todas ellas, que soberbo monte, elevando ao espaço uma infinidade de pinheiros, os quaes pelo verdor pesado se parecem com o bulcão, que ao romper do dia, assoma no horisonte de um puro ceo!

Se me volvia para o sul, apresentava-se-me o oceano, ora espraiando-se mansamente, ora agitado, estendendo á borda da praia espaçosos mantos de alvejante espuma. E qual bando de aquaticas aves que, deixando as campinas do oceano, vem poisar nas arenosas praias, taes os barcos dos pescadores, armados de elegantes velas, vinham sulcando o crystal das aguas e abicar em terra.

Contemplava aquelles pescadores ingenuos, aquellas mulheres simples, affaveis e joviaes, de tez dourada pelos raios do sol, aquella doçura de clima e anilado de ceo, aquellas louçanias e caprichos de natureza; e perguntava a mim mesmo se todos aquelles

maravilhosos quadros, que os paizagistas da antiguidade debuxavam na Palestina, açoitados pelo vandalismo dos filhos de Agar, se não tinham vindo refugiar ali.

'Nesta especie de paraiso terreal morava um padre, o qual morrera poucos dias antes de eu ali chegar. Achava-se á venda a livraria que fôra sua. Quiz ver que livros possuia o cura de uma pobre aldeia. Fiquei admirado, quando encarei com uma grande sala, cujas quatro paredes estavam revestidas de estantes, carregadas de livros. Ahi encontrei os melhores poemas. Pretendi comprar as obras completas de Homero, vertidas em francez por Giguet; porém uma senhora dos seus vinte e tantos annos, um tanto obesa, de tez morena, olhos negros, bellos e vivos, respondeu-me: «De esses livros de poesias vende-se apenas o inglez». Era o *Paraiso*, de Milton.

Uma das estantes continha só romances. De entre estes livros, dois, pela sua encadernação de luxo, attrahiram-me especialmente a attenção: um era o *Eurico* do snr. Alexandre Herculano; outro o *Monte Christo* de Dumas.

A um dos angulos da sala, sobre o pavimento, havia um monte de papeis em confusão. Encontrei ali dois manuscriptos: *Critica do Apocalypse*, e *A Sociedade do meu tempo.* Este ultimo continha os elementos com que formei *O Seculo e o Clero.*

II

Um suicidio frustrado

Dizia Seneca: «O varão forte, lutando com a desgraça, é comparavel á divindade». E' com effeito grandioso o homem, em luta com os prejuizos inveterados da sociedade e com todos os rigores de uma especie de destino fatal e implacavel que se compraz em perseguil-o. Sem uma estrella rutilante que o acompanhe nem um genio que o inspire, vive alentado pela satisfação da propria consciencia e pela crença inabalavel em principios vivificantes.

Tal era Henrique da Silva, filho de um abastado proprietario do Algarve, homem sem educação, de um genio virulento e vontade de ferro, cioso, como o egoismo, atroz e inflexivel, como a crueldade. Henrique fôra destinado por seu pae á vida sacerdotal, para a

qual sentia e revelava invencivel repugnancia, que lhe grangeou malquerenças de pae e de mãe, e lhe fez no sanctuario da familia, onde as phrases são innocentes e segura a amisade, tragar o fel do despreso e do odio immerecido. A crueza paternal impressionava-o vivamente : de noite em sonhos via seu pae, comprimindo na mão o punhal do assassino e dirigindo-se contra elle. Acordava então soltando gritos pavorosos.

Os soffrimentos moraes estampavam-lhe no rosto funesta tristeza ; definhavam-lhe o corpo, mas apuravam-lhe a razão. Lia e meditava muito ; amava a solidão ; fugia especialmente dos homens rudes, porque a rudeza considerava-a elle o mais perigoso inimigo da humanidade.

Em 1815 Henrique morava em Lagos. O vicio, o terror e a discordia reinavam no lar domestico : e o mancebo assistia ás scenas occultas e medonhas de sua familia, como o archanjo da virtude entre os horrores do crime.

As agonias que lhe amarguravam a alma ameigava-as, refugiando-se na solidão e na vida contemplativa. Quando, alta noite, o mar se levantava soberboso, Henrique atravessava um campo, povoado de ruinas, semeado de ossadas : depois avançava por um rochedo que affrontava insensivel as iras do oceano e ia sentar se no cume mais elevado. Ahi, ora fitava os olhos na face pavorosa do abysmo, ora contemplava as vagas alterosas que se despedaçavam nos farelhões, cobrindo-os de espuma e deixando-os, quaes phantasmas, cobertos de brancos sudarios ; ora cerrava as palpebras e se punha a escutar o clamor monotono e desenfreado do mar que se quebrava ao longe nas bordas da praia, ou o resoar cavernoso das ondas, rebentando no seio das grutas; ora emfim levantava os olhos ao espaço, pregava-os na estrella mais brilhante e escutava com indizivel prazer a harmonia

produzida pelos milhões de mundos que povoam a amplidão celeste. Só quando a aurora assomava e com os seus labios de rosa lhe beijava o rosto, é que elle se erguia, e merencorio ia esconder-se da luz que lhe era importuna.

Algumas noites, quando a lua desdobrava sobre a Terra o manto de pallor suave, Henrique ia sentar se nas ruinas d'um templo derrocado pelo grande terramoto de 1755 e ahi passava horas esquecidas em triste meditar.

Em tardes de serenidade deleitosa ia até á Piedade, poetica ermida solitaria, assentada sobre um penhasco, batido do oceano ; sentava-se sobre a arcada e espraiava a vista pelas campinas do mar, ou contemplava o sol adormecido em brilhante crepusculo de oiro e de azul.

Quando o ceo estava toldado de nuvens procellosas e o raio impetuoso rasgava o ar, encruzava os braços e punha-se a admirar a magestade da tormenta.

A sua vida solitaria, sombria, excentrica, o seu olhar fixo e reflectido, o seu ar grave e nobre, como a virtude, merencorio como a noite, e mysterioso como o infinito, davam azo, a que alguns o escarnecessem; e uns lhe chamavam o *triste ;* outros o *louco ;* estes o *excentrico ;* aquelles o *propheta.*

Ao ouvir as vozes de insensatos que o escarneciam, Henrique dizia no intimo da sua alma :

«Mal hajas, sociedade, que me não comprehendes !... Se eu te revelara as agonias que me despedaçam a alma, a dor que me opprime e esmaga o coração, tu, que és implacavel, escarnecer-me-ias ainda mais !»

E o propheta despregava um sorriso de amarga ironia : e respondia com o despreso aos insultos das porções mais vis da humanidade.

Repassado de agonias, farto de lutar com a vonta-

de inflexil de seu pae, Henrique decidiu-se a ir para Faro estudar sciencias ecclesiasticas. Apesar de estudar doutrina para que não sentia vocação, a sua razão clara, aguçada pelo soffrimento e desenvolvida pela reflexão ; a sua logica invencivel, a sua eloquencia vigorosa, impetuosa e arrebatada, como agua de pedra, levantam-no acima de todos os seus collegas, o que lhe trouxe o odio acerado dos mais vis e mais rudes.

Ahi cimentou amores com Elisa de Alba, formosa filha da Andaluzia. Dispoz-se a affrontar o desprezo e maldição com que seu pae o ameaçava, para se desposar com a imagem seductora que tantas vezes lhe apparecera em sonhos, anjo que julgara impossivel nos jardins da vida ; a morte porém escarneceu-o, assassinando-lhe a amante.

Vergado ao peso da acerba dor, amargurado por saudades de Elisa, apertado por instancias da familia, Henrique recebeu ordens maiores. Passado algum tempo, a sua repugnancia pela vida ecclesiastica recrudesceu com mais violencia, á maneira do vulcanico fogo que surge pavoroso, depois de estar algum tempo represado pelas ruinas da erupção passada : occorreu-lhe então a idea de suicidar-se, mas a sua razão vigorosa lutava denodadamente com essa idea funesta.

Uma noite toda consumida em luta desesperada entre a vida e a morte, depois de ter empregado todos os esforços para adormecer a imaginação escandecida e os sentidos vivamente despertados, o suicidio sorriu-lhe, como a luz sorri ás trevas ! chamou-o, como um abysmo chama outro abysmo.

O infeliz saltou apressadamente do leito, passou a mão pela fronte abrazada, tomou um ar tragico e exclamou :

«Que resta ao filho sobre quem paira a maldição

paternal ? Ao filho que não tem amor de pae, nem de mãe ; o que resta ? A morte !»

«Que resta ao desventurado que não tem sequer um amigo na face da Terra ? A morte !»

«Que resta ao infeliz, cujo passado tenebroso lhe prognostica um futuro ainda mais tenebroso? A morte!»

«Que resta ao homem cuja vida é uma torrente caudalosa de lagrimas e dores ? A morte !»

«Ao homem que sonhou um anjo sobre a terra e o encontrou : e quando ia recostar-se-lhe no regaço, esse anjo fugiu... morreu... !... que resta ? A morte !»

«Pois bem ! continuou elle, despregando uma risada horrivel, venha a morte !»

E tomou de repente um vidro com acido cyanhydrico, metteu-o no bolso, envergou a batina, sobraçou o manto e dirigiu-se a uma estrada de Faro a Loulé.

Ia triste, cadaverico ; os labios crispados de febre ; pejados os olhos de um fogo ominoso e cercado de roixas aureolas. Os raios de sol mal intensos de Abril, caindo lhe a prumo sobre a cabeça, e reduplicando o ardor, reverberados pelas calçadas, faziam-lhe escorrer da fronte grossas bagas de suor.

Depois de ter andado cerca de dois kilometros, sentiu-se quebrantado de calor e de fadiga : cortou por uma vereda, á direita, onde encontrou a sombra de uma oliveira que o convidava a repousar. Desabotoou o manto e estendeu-o no chão, coberto de mimoso tapete de relva branca, esmaltada de lirios. Deitou-se depois sobre elle ; apoiou o cotovello do braço direito sobre a terra ; recostou a face na palma da mão e poz-se a olhar com tristeza para as flores que vestiam o prado.

Só de longe em longe murmurava :

«Elisa !... meu anjo !... morta na flor da vida !... Era tão cedo para morrer !...»

Á tarde, quando a brisa refrescava, Henrique pregou os olhos no ceo e exclamou:

«Oh! como é pesada esta vida! É o passado um sonho?! o futuro um mysterio?!...

«Ah! bem te vejo, meu anjo! bem te vejo lá no ceo!

«Bem vejo o teu gesto brando! bem diviso o teu olhar meigo! bem sinto o teu sorrir suave!

«Sim, bem ouço a tua voz maviosa que me diz:

«Parte!... vem!... Deixa a Terra que é triste! os homens que são refalsados!...

Henrique levantou se com energia; tomou na mão o frasco de veneno e dispoz-se para o tragar. Quiz porém antes de morrer dizer ao mundo um derradeiro adeus. Fitou os olhos no sol que se ia pôr e saudou-o, dizendo: «Sol de Abril, vou hoje morrer comtigo! Dentro em pouco sobre a Terra abrirá a noite suas negras azas! e a morte estenderá sobre mim o seu veo sombrio! Mas... astro do ceo, tu estás radiante de luz e de alegria!... insensivel ás dores do homem!...»

Achava outr'ora Henrique o seu mais querido refrigerio na vida contemplativa; agora, porém, assombrado de cruel paixão, as scenas mais arrebatadoras da natureza ou lhe passavam despercebidas ou lhe inspiravam ideas lugubres.

O sol ia-se reclinando 'num leito de nuvens alvissimas, transparentes, orladas de grandes listões de ouro e de purpura; o oceano como que parecia erguer seus braços gigantescos para o receber. Henrique havia se deitado á margem de uma ribeira. Na margem opposta havia uma ala de romeiras, beijando a agua com as pontas dos ramos, cujas folhas recemnadas apresentavam um cambiante de roixo e de verde.

Mais abaixo estavam alguns arbustos e freixos, em cujos ramos a philomela espanejava as azas buliçosas e entoava hymnos de terna e inimitavel harmonia. A

agua por entre as pedras se derivava sonorosa, e a brisa perfumada ciciava com doçura.

A voz de Deus vinha pelo espaço, rolando de mundo em mundo, cair sobre os seres que povoam a Terra, e por elles repercurtida se elevava até Deus.

Tudo sorria e respirava vida. Na morte só pensava o homem que, esquecido da dignidade propria e de toda a energia de sua liberdade, se deixara arrastar pela violencia de uma paixão ardente. Ia levar o veneno aos labios, quando uma voz vibrante e sonora lhe brada: «Isso é cobardia!» E ao mesmo tempo vigorosa mão lhe sustém o braço.

— Augusto! exclamou Henrique, como despertando de um sonho horrivel.

—Quando um homem, —tornou este 'num tom grave —para acabar com a existencia, pretende dizer pela boca de um anjo que todos *os homens são refalsados*, Deus desmente-o solemnemente, dando-lhe o seio de um homem de bem para reclinar a cabeça e o braço de um amigo para o conduzir. É o que eu te offereço.

— Sim, dizes bem: o suicidio é uma cobardia! Mas lembra-te de que não ha homem justo ou forte que não tropece uma vez na vida!

«O mundo só me não tem podido envenenar duas eternas consolações: *Deus e a minha consciencia!*

«A minha consciencia está pura, livre e tranquilla! Deus afflige-me por um lado, mas consola-me por outro! É sufficiente isto para qualquer homem viver feliz!... Esqueci-me de Elle um momento!... e tu!... tu vieste-me acordar de esse horrivel pezadelo! Bem hajas, que me salvaste á borda do abysmo!

— Sublime! meu Henrique! não pareces o mesmo homem de ha dois minutos. Vamo-nos, que se avisinha a noite.

III

Real e ideal

QUANDO os dois amigos chegaram a casa, era já noite fechada.

Augusto sentou-se. Henrique cruzou as mãos atraz e deu-se a passear pela sala, triste; o rosto um tanto inclinado para o chão.

Depois, erguendo a fronte, como sacudindo um pensamento que o perseguia, disse a Augusto:

— Mas como foste tu ali ter?!

— Fui guiado pela estrella da amisade. Vim hoje duas vezes procurar-te em casa e não te encontrei. Ora o ar sombrio, que ha dias apresentas fazia-me desconfiar de ti; e o coração dizia-me que te procurasse: busquei-te por ahi, até que alfim me disseram que tinhas ido para aquelles lados. Imaginei logo que foras para aquelle mesmo risonho sitio, onde pela vez pri-

meira deparaste com Elisa, sentada a desfolhar boninas do prado. Fui e a Providencia perfez o resto.

— Esta maldita idea de suicidar me — exclamou Henrique, levando tristemente a mão á fronte—ha de dar cabo de mim !

«Se uma hora a vida me sorri com todos os seus enleios e me diz que o suicidio é uma cobardia, outra me fascina a morte, dizendo-me que a vida é um grilhão pesado, o qual só na tumba se pode quebrar !...

— Isso não vae mao ! tornou Augusto com um riso sardonico. Com que então sempre te queres matar ?! Fazes mal, meu amigo ! Ou tu crês ou não 'numa outra vida. Se crês, não te deves suicidar, porque assim não a alcanças. Se não crês, Henrique, a lei suprema é prolongar a existencia ; enchel-a de prazeres e semeal-a de flores. Acabado um goso, deves procurar outro ainda mais suave, mais permanente. Morta a mulher que adoravas, faze por encontrar duas, vinte, mil ainda mais bellas, mais...

— Augusto !... Vês-me esmagado pela dor, e queres ainda anniquilar-me pelo ridiculo da tua maldita philosophia ? !

— Que ? !... Estás doido, homem ? ! Crês por ventura que pretendo escarnecer-te ? Julgas que zombo da tua dor e quero que digas, como os estoicos : a dor é um bem ? ! Não, não, Henrique !

«O que eu escarneço, o que eu pretendo dissipar, é o pensamento vil e tenebroso do suicidio.

«Meu amigo, a vida existe no homem, mas o homem não é completamente senhor de ella ; quando muitas vezes a quer suster, foge-lhe ; quando a quer acabar, commette um crime nefando, sacrilego, arrogando-se um direito que só pertence ao Creador. Dize-me : quem ha ahi que tenha o direito de descontar os dias de vida que estão marcados pelo dedo da Pro-

videncia ? Quem tem o direito de tirar o que não pode dar nem restituir ?

«O suicidio, Henrique, é o parto monstruoso da razão desvairada.

«O suicidio é indigno de um ente, em cuja fronte irradia o sol do infinito.

«O suicida attrae sobre si a compaixão e muitas vezes o escarneo dos homens e sempre a colera dos ceos !

«Julgo, meu caro, que o coração angustiado acha refrigerio nas lagrimas ; julgo que estas, represadas no coração matam : se o pranto que tens vertido ainda não é sufficiente para apagar a chamma que te consome, dá ainda ás lagrimas livre curso, mas acabar com a existencia, isso jamais !

— Perdão ! Augusto. Fui injusto para comtigo, quando ha pouco dizia que não tinha um amigo na face da Terra. Mas tu és philosopho, como o são todos os homens, em quanto não soffrem. Falas de esse modo, porque ainda não amaste realmente mulher nenhuma.

—Creio que não. Tenho até certo respeito ao amor ardente, cego, desmedido. Amor tal só o consagro a Deus, para que me não succeda ser victima de algum de estes amores cá da Terra, que nos transfiguram e pagam quasi sempre mal a quem os serve.

«O amor produziu em ti notavel mudança. Tu, que desprezavas e escarnecias as mulheres ; tu, que consideravas a mulher uma especie de machina para a propagação da humanidade ; tu, que definias a mulher —fraqueza, inconstancia, mentira, vaidade, corrupção —agora por uma mulher levas a paixão até ao delirio!

—O que tu de ahi deves inferir, redarguiu Henrique, fazendo por dar força ás suas palavras, é que eu andava errado. Mostrou-m'o a mulher que amei com todas as forças da minha alma. Sim, mostrou-me

Elisa até á evidencia que na mulher ha tambem energia, constancia, verdade e virtude; que ha 'nella um espirito intelligente e sublime, como o do homem; que ha sentimentos mais suaves, e mais delicados pensamentos, mais graça, mais amor, mais doçura e mais encanto; que a sociedade sem a mulher fôra insupportavel, e que sem ella a Terra seria um ermo desconsoloso. Agora é que eu comprehendo aquellas palavras sublimes: «Não é bom para o homem existir só!»

— De esse modo pareces possuido de uma irresistivel sympathia para o matrimonio?

— Sim. E tu?

— O matrimonio será uma nobre instituição, mas, a dizer verdade, não está afinado com o meu genio. Eu contrahil-o-ia, se ainda existisse na Terra a arvore da vida, posto que servisse para remoçar só as mulheres. Infelizmente porém a arvore da vida já lá vae ha muito; perdeu-se com o paraiso! e a mulher que hoje é bella, joven, seductora, angelica, innocentemente voluptuosa, com o andar do tempo vão-se-lhe murchando as rosas das faces, vae-se lhe sumindo o nacar dos labios, apagando a luz dos olhos, amarellecendo a cutis alvissima, assetinada, e enrugando o rosto; os cabellos negros, como o ebano, vão-se-lhe tornando brancos de neve: e alfim da belleza ideal de outr'ora não resta mais do que uma creatura, velha, fria, horrenda e impertinente!

«Confesso que não tinha coragem para assistir a este sacrificio lento do anjo dos meus sonhos, que recebesse por esposa 'num momento de delirio enthusiastico.

«Demais, gosto antes de Platão, sentado entre seus discipulos, ou de Bossuet, passeando celibatario entre as damas da côrte, do que do maior monarcha do mundo, rodeado de filhos e prisioneiro de uma mulher impertinente e encarquilhada!

— Então de que nos serve o amor que Deus nos insuflou no coração: paixão nobre que nos arrasta para esta ou aquella mulher?

— O amor para mim, Henrique, é o mesmo que era para o *divino Platão* :

«O amor é um poeta tão habil, que faz poeta quem «bem lhe parece. Ainda que estranho ás musas, o ho«mem torna-se poeta, logo que o amor o inspira.

«O amor dá paz aos homens, ao mar serenidade, si«lencio aos ventos, e á dor um leito de repouso.

«O amor, principio e laço de toda a reunião amiga«vel, preside aos festins, aos coros e ás festividades «religiosas. Enche as almas de dulçor, bane de ellas «a rudeza e é prodigo em benevolencia.

«Em nossas penas, temores, saudades e impressões, «o amor serve nos de guia, conselheiro, sustentaculo «e salvador.

«Propicio aos bons, admirado pelos sabios, agrada«vel a Deus, objecto do desejo dos que o não possuem, «thesouro dos que o teem, pae do luxo, das delicias, «dos doces encantos, dos ternos desejos, das sua«ves paixões, o amor vela pelos bons e despreza os «maos.

«O amor emfim occupa-se da geração e producção «da belleza e aspira á immortalidade !»

— O que ahi vae de bello ideal ! — replicou Henrique, sorrindo tristemente.— Meu caro amigo, tudo isso são doces miragens que tu ora vês nas bellas regiões ideaes, mas que se hão de esvaecer um dia, mal que deres o primeiro passo no mundo frio do positivismo.

— Serão muito embora... mas vivo alentado por ellas !

'Nisto, Henrique foi sentar-se ao pé de uma banca, fincou sobre ella os cotovellos e entre as mãos escondeu o rosto.

Passados alguns momentos de silencio, Augusto despediu-se dizendo :

—Henrique, vejo que necessitas de repouso: adeus.

— Já ?!. . . tão cedo ? ! — redarguiu Henrique.

— Sim, excepto se mandares o contrario.

— Mando que fiques para cear comigo.

Pouco depois os dois amigos estavam sentados á meza. Henrique estava triste, pensativo e comia pouco. Augusto, depois de ter o estomago bem provido, tomou um copo de vinho generoso, como o que Homero apresenta nos banquetes dos deuses, teceu-lhe grandes encomios, mostrando quanto, pelas sympathias que produz entre os homens, contribuira para a civilisação da humanidade, e concluiu libando-o.

Tomando ainda a palavra, disse :

— Henrique, não sei que livro da Escriptura aconselha o vinho como balsamo para nos curar da tristeza ?

— É o *Ecclesiastico*, respondeu Henrique 'num tom grave. Bem sei o que tu queres ! pretendes que eu beba. Pois bem ! beberei este copo em memoria de Elisa !

— Ora ahi estás tu feito judeu, fazendo libações em memoria dos mortos ! Parece-me que se possuisses Elisa, não lhe terias a millessima parte do amor que ora lhe consagras.

— Porque ? perguntou Henrique com vivacidade.

— Não te amargures. Dize-me : lembras-te do que se disse a respeito da mulher no banquete de um tyranno de Corintho?

— Que a mulher e o vinho eram as duas cousas melhores do mundo ; e a mulher e a rosa as duas coisas mais bellas ?

— Sim : Muito bem ! Confessemos que os gregos eram homens de bom gosto.

— Se eram !

— Ora attenta, meu caro Henrique, em que a mulher é mui comparavel á rosa. Emquanto está na roseira, a rosa em botão que vae abrindo, encanta, seduz, fascina e arrasta-nos a colhel-a.

«Assim que se colhe e se traz entre as mãos, a pobre flor desmaia, perde o viço, o perfume e a belleza. Atira-se então com ella ao chão, calca-se aos pés e despresa-se.

«Assim a mulher, emquanto está ao longe, radiante de belleza no seu pedestal de virgem, encanta a vista, seduz o coração, excita-nos um amor ardente que asvezes acaba em delirio. Tanto porém que a possuimos, perde o perfume da virgindade, a formosura do rosto, a seducção do gesto: e então esquecemol-a, quando não a aborrecemos.

«Ainda mais: suppõe tu que fostes a um jardim, onde encontrastes uma rosa de peregrina formosura, a qual quizestes colhêr, mas não podestes. Tornaste de ahi a algum tempo em busca da flor; ella porém já tinha perdido a cor, já se havia desfolhado e sumido.

«Foste na primavera seguinte, e encontraste outra rosa inda mais seductora, flor que tu colheste a teu bel-prazer.

«O jardim é a humanidade. A rosa que tu quizeste colher e não podeste é Elisa. A outra é uma outra mulher, ainda mais formosa, que tu no bello e espaçoso jardim da humanidade podes encontrar e colher, quando bem quizeres.

— Isso é uma deliciosa parabola, ou antes uma extravagancia da tua boa imaginação oriental — redarguiu Henrique, sorrindo a furto.

— Será!... Mas olha: eu tenho aqui uma carta de Antonio Lucio, convidando-nos para irmos amanhã passar com elle o dia ao campo. Tu has-de ir, e lá encontrarás a rosa mais linda e mais fragrante de esta terra; e então me dirás se o que eu te acabei

de dizer, é apenas um desvario da minha imaginação oriental!

« Has mister de socego: adeus; até amanhã.

— Boas noites, Augusto — disse Henrique, apertando cordialmente a mão do amigo.

IV

Um anjo

No dia seguinte Augusto e Henrique estavam com A. Lucio 'numa quinta, ao Ludo.

Augusto era um de aquelles homens de presença agradavel, maneiras delicadas e espirito fino, que logo á primeira vista captivam sympathias. Começava, amoldando-se ás ideas de tal ou tal individuo, com quem travava conhecimento, e acabava, exercendo sobre elle uma especie de predominio. Tinha, 'numa palavra, o talento de se fazer tudo para todos, afim de os agradar, ganhar ou seduzir.

Por intervenção de Augusto é que Henrique teve conhecimento com A. Lucio. Mas dizia muitas vezes ao seu amigo especial :

— Não sei que de ominoso leio no rosto de aquelle

homem! O coração presagia me de elle o quer que é de mau e repugnante!

Augusto replicava sempre com um sorriso de cruel ironia.

Assim, Henrique cedeu ao convite de A. Lucio só por deferencia a Augusto.

Entrando com Henrique 'numa sala, onde estavam algumas damas, Augusto passou a vista por ellas, como se buscara especialmente alguma. Depois, fazendo um gesto com os olhos para uma donzella de formosura deslumbrante, disse a Henrique:

— Acolá tens a flor de que te falei hontem. Vê se já encontraste mulher mais linda?!

— Não, não, por certo. Mas a belleza do espirito corresponde á formosura do corpo?

— Se corresponde! Aquella mulher não é bella, material, muda e fria, como a estatua de marmore, não; é formosa como Lucrecia; poetisa e apaixonada, como Sapho; dada, como Deotina, á philosophia transcendente; politica, democratica e inspiradora, como Aspasia ou Roland.

Assim disse: deixou o amigo e escocu-se por uma das portas.

A mulher, de que falavam, sobresaia de entre as outras, qual astro fulgurante sobresae entre milhares, de luz amortecida.

Trajava um vestido de lã azul; e apertava-lhe a cintura uma faxa de seda côr de rosa, cujas pontas lhe iam cair aos pés.

Os cabellos espessos, macios, longos e negros, como o veo da noite, divididos por um risco branco, formam-lhe grossas tranças, graciosamente pregadas.

O rosto oval, que parecia de rosa e neve pura; os olhos negros e bellos; os labios de carmim ligeiramente grossos; o sorriso fino, ledo, innocente, mostrando a furto dentes alvissimos; a garganta de ala-

bastro bem destacada, deixando transparecer veias finas, azuladas; um gesto brando; um olhar seguro; andar nobre e grave; um todo elegante e seductor; formavam uma de aquellas formosuras peregrinas que asvezes se encontram na Circacia, ou na Grecia, que inspiram a todos poesia e amor e são capazes de fazer cair em tentação o solitario mais austero.

Contemplando esta mulher de embriagante formosura, decididamente muito mais bella do que Elisa, Henrique já não podia dedicar á amante de outrora senão um sentimento brando sim, mas nobre e constante — *amizade*. O amor, o sentimento ardente, caprichoso, egoista, cheio de orgulho e de aspirações, que ancioso corre sempre após o mais bello, havia-lhe esvoaçado para Luiza. Esta, levantando seus formosos olhos, encontrou os de Henrique: contemplou o um momento e sentiu estremecer o coração; as almas creadas uma para a outra, conhecem-se, comprehendem-se logo que se avistam.

«Não sei que poderosa influencia, estava Henrique dizendo comsigo mesmo, esta mulher ha de ter na minha vida! quem me dera nunca a haver conhecido!...» quando A. Lucio, aproximando-se de elle, lhe poisou a mão sobre o hombro direito, exclamando:

— Olá, meu amigo! que fazes por aqui só?

— Estou admirando as bellas mulheres que tu cá tens hoje. Quem são as duas que estão sentadas além 'naquelle sofá?

— A que está de azul é Luiza dos Martyres. E' uma encantadora pequena. A outra é Julia, minha irmã. São duas mulheres que se disputam formosura; porém Julia é sem duvida rival vencida. Queres que te apresente?

— Se quero! exclamou o interlocutor de Antonio, mal disfarçando o alvoroço.

'Neste comenos, Luiza levantou-se e foi ter com

outras damas que estavam a uma janella, a qual deitava para o jardim.

— Espera!... disse o amigo de Henrique. Lá se levantou Luiza; mas é o mesmo: apresentar-te-ei a minha irmã, e como ellas andam quasi sempre juntas, terás facilmente ensejo de lhe fallar.

— Mana! disse A. ao chegar com Henrique ao pé de Julia, apresento-lhe o meu particular amigo, Henrique da Silva. É um cavalheiro digno da mais alta consideração e estima.

— Basta ser seu amigo, meu irmão! tornou Julia, inclinando cortezmente a cabeça.

A. Lucio apartou-se; e Julia convidou Henrique a sentar-se 'numa cadeira, a seu lado.

Depois de alguns momentos de silencio, Julia disse ao recemconhecido:

— O snr. Henrique é estudante ecclesiastico?

— Sim, minha senhora, tornou elle com affabilidade.

— Não sei como segue essa vida tão fria e tão desconsolada!

— A falar verdade, não tenho vocação nenhuma para ella. Sigo-a, porque estava destinado a ser victima, barbaramente sacrificada pela vontade da minha familia.

— Deve ser bem triste!...

— E' verdade, minha senhora: é bem triste esta existencia nas trevas, sem um lume consolador, sem um fanal de esperança! Muitas vezes hei na minha vida sonhado com um mundo povoado de sombras; mas este sonho pesado acaba sempre por uma scena esplendida; no horisonte sombrio apparece de repente um anjo, o qual com a luz de seus bellos olhos expelle a escuridão e com o sorrir de seus labios suffoca a tristeza que me envolve a alma!

As maneiras delicadas, a linguagem terna e apai-

xonada do moço, a doce tristeza que lhe anuviava o rosto, impressionaram vivamente Julia.

E como ella visse que elle não tirava os olhos de Luiza, a qual, de quando em quando, o fitava com um olhar expressivo e ardente, convidou-o a passar ao vão de uma janella, de onde aquella se não avistava. Henrique foi, mao grado seu, sacrificando o prazer á delicadeza.

Luiza, para vingar-se da sua rival, pegou 'numa harpa que estava a um dos angulos da sala; correu pelas cordas os seus lindos dedos, inspirados pelo fogo do amor, e tocou, em allegro, uma harmonia repassada de paixão como as mais bellas de Rossini.

Quando bella, a musica deleita, enleia e arrebata geralmente, elevando cada um em especial ás mais altas regiões do ideal de que se acha possuido. Se um guerreiro ouvira tocar Luiza, sentir-se-ia enlevado pelas recordações de uma grande victoria alcançada em batalha renhida. Se a escutara um asceta, sentiria o coração inundado por uma alluvião de sentimentos mysticos que lhe fariam voar o espirito pelas regiões do espaço, penetrar nos umbraes celestes, atravessar por entre as phalanges dos anjos e pousar aos pés de Deus. Ouvindo-a, Henrique, sentia o peito banhado de amor. Estava preso 'num doce encanto, que Julia quebrou, dizendo:

— Aquella rapariga tange tão bem harpa!... tem tanta habilidade!... E' pena ter coisas de louca!

— Louca!... disse Henrique com espanto.

— Louca, sim, senhor, insistiu Julia; põe-se as-vezes a dizer coisas que a gente não entende.

'Nisto chegaram Augusto e Antonio Lucio, o qual convidou Henrique a ir dar um passeio.

Julia pisou docemente o pé do seu interlocutor e fez-lhe com os olhos um signal de recusa.

Henrique recusou com solemnidade, e Augusto

despediu-se, deitando-lhe um olhar e um sorriso malevolo.

Quando os dois amigos o deixaram, Henrique buscou Luiza com um relance de olhos ; mas não a encontrou: tratou de despedir-se cortezmente de Julia e foi passear pelo jardim, onde encontrou a mulher que amava, sentada 'num banco de pedra, ouvindo gotejar a agua que saia da fenda de um tanque.

— Aqui sosinha e tão triste, sr.ª D. Luiza ! ?

— Ah !... exclamou ella surprehendida. Depois compondo-se : Quando tenho alguma coisa que me afflige, busco a solidão e 'nella encontro uma doçura que me consola. Mas hoje !... como que sinto o coração sob o peso de uma grande montanha ! Não sei o que isto me presagia !

— E' que V. Ex.ª teve alguma coisa que lhe deu pezar.

— Talvez.

— Se eu não receasse ser imprudente, pedir-lhe-ia que me revelasse a causa da sua mágoa. E se eu a podesse dissipar ainda em troco da propria vida...

— E' muito generoso, senhor Henrique ! atalhou a donzella. Eram por ventura rasgos de essa mesma generosidade, que ha pouco offerecia a D. Julia.

— Ora ahi está !... Como V. Ex.ª se engana !... Quando eu estava com Julia, nem sequer ouvia o que ella me estava dizendo. Não cuidava senão 'numa imagem bella, innocente, vaporosa, que tantas vezes me apparecera em sonhos ! Não cuidava senão 'num anjo de formosura, que se me affigura surgir de entre as nuvens que fazem cortejo ao sol, ou de entre as sombras dos valles ou de entre o fumo das ondas espumosas ! Não cuidava senão 'num anjo consolador, cuja idea me acaricia, quando soffro ! Não cuidava senão 'numa donzella que me fazia calar no coração

echos extraidos da harpa que pulsava! Não cuidava senão no meu ideal! Cuidava só em ti, Lui...

A phrase foi-lhe cortada por uma gargalhada estrondosa, despregada por Julia e outras damas que a acompanhavam.

— Muito bem! muito bem! snr. Henrique! Que coisas tão lindas que está dizendo! exclamou Julia a rir.

— Ah! minha senhora!... Estava fazendo á snr.ª D. Luiza a descripção de uma bella manhã de rosas! — tornou Henrique com um riso sarcastico.

— É verdade: confirmou Luiza, levantando-se.

— Ah! sim?! redarguiu Julia. Talvez... mas...

— Vamos passear, disse Luiza ás suas amigas.

E partiram.

Henrique sentou-se no banco, de onde ella se levantou. Por detraz corria um longo e alto tecido de buxo e de roseiras de armar, que apresentava bellos festões de rosas 'num fundo verde.

Algum tempo depois de estar sentado, Henrique ouviu falas que se vinham aproximando. Reconheceu Augusto e Antonio Lucio, os quaes se assentaram num banco opposto. Ouviu-lhes este interessante dialogo:

— Pois sim, meu caro Augusto, houve tempo em que eu dirigi a Luiza olhares de amor, palavras apaixonadas, cartas de amantes e ella... nada! Era fria e insensivel! A sua ultrajante indifferença indignou-me: jurei vingar-me!

«Como a vibora se occulta debaixo da flor, a fim de morder o pé do caminhante, eu tratei de me encobrir com a sombra de minha irmã para saciar a minha sêde de vingança!

«Fiz com que Julia cimentasse amisade com Luiza e a trouxesse hoje aqui. O passeio ha de lhe custar bem caro!... As familias que ahi estão vão-se em-

bora depois de jantar. Irás tu e Henrique tambem. E eu !... á noite farei de Tarquinio; tomarei um punhal na mão; penetrarei no quarto de Luiza e apontando-lhe o ferro ao seio, dir-lhe-hei: «Silencio ou morte!» Roubar-lhe-hei então a sua coroa de virgem e ficarei vingado!

— Com os infernos!... — exclamou Augusto em tom reprehensivo. — Isso é infame e indigno de ti! Pois tu queres ser algoz de aquella mulher tão bella, tão pura e innocente?!

— Innocente!... Tu vês pureza 'naquelles olhos tão lascivos?! Innocencia 'naquella mulher, que lê Plutarco, que é apaixonada pelos poetas, que é revolucionaria e republicana?!

— Porque não?! Ella é revolucionaria do pensamento; e nem a revolução do pensamento é um defeito, nem a republica um crime: são aliaz virtudes das mais bellas intelligencias. Qnanto á lascivia dos seus olhos, essa é produzida só pelo prisma impuro, por que tu a vês.

«Ora dize-me: se tiveras uma filha tão bella, como Luiza, soffrerias que alguem a manchasse?

— Pouco me importava. Demais, creio que não terei filhas nem ainda mulher. Se a tivera, faria como meu pae: apunhal-a-ia de desgostos secretamente, ao passo que em publico a cobriria de caricias; ou então dava-lhe em vinho fel de jacaré: e os medicos diriam que tinha sezões: e ella iria definhando até morrer. Pouco depois morreria tambem o charlatão que a tratasse, que eu lhe havia de pagar com uma boa dose de corrosivo.

— Antonio! nenhum filho deve seguir o mao caminho que abriu seu pae, porque irá cair no mesmo abysmo! Se acaso sentires e fizeres o que dizes, és o homem mais infeliz que o sol cobre! Na terra ha justiça!... ella virá sobre ti!

— Não te enfades !... — replicou A. Lucio com um sorriso de suprema ironia. — Acredita que os homens são egoistas e hypocritas ; que a terra é de quem mais gosa e apanha, e que o ceo é só para as estrellas, que não para os tolos que 'nelle creem. O mal invade tudo e predomina em a natureza: e o homem mais feliz é o que se faz apostolo do principio mao ! Sou teu amigo, e se o não fôra, não te falaria assim. Conheces-me, ha pouco tempo, mas soubeste-me ganhar uma confiança que eu não deposito em nenhum outro hòmem.

— Estás então intimamente convencido de que no homem ha mais tendencia para o mal do que para o bem ?

— Sim.

— Pois sabe, meu amigo, que laboras 'num erro triste ; se no homem houvera mais tendencia para o mal do que para o bem, a humanidade em logar de progredir teria retrogradado ; ora, quando os factos de todos os dias, quando a luz da civilisação nos demonstra irrefragavelmente que o homem caminha 'num ascendente continuo, é absurdo sustentar que ha 'nelle mais inclinação para o mal do que para o bem. Se a tendencia geral do homem fosse para o mal, sob o cutelo do mal teria já perecido a humanidade.

A. Lucio, não encontrando uma resposta frisante para dar ao bom raciocinio de Augusto, escapou-se pela tangente :

— Embora... Muito amo a liberdade — e deixame te dizer : se o mundo se poder regenerar, ha de ser por este principio fecundo — fica pois tu na tua opinião que eu tambem fico na minha.

— Sinto que fiques mal.

— Não importa !. . . — exclamou A. Lucio com um gesto de desespero. — Porém nem uma palavra do que se disse aqui !

— Está promettido. Agradeço a tua prelecção sobre o mal, mas peço-te que não a reiteres. Mudemos de assumpto, que este é desagradavel.

A estas palavras levantaram-se e recomeçaram a passear, conversando em trivialidades com a affectada serenidade e bom animo que apresentam dois amigos depois de um tanto despeitados. A. Lucio era um rapaz galhardo e intelligente, mas estragado pela má educação que recebera: seu pae dera-lhe pessimos exemplos de moral e apenas lhe havia mandado ensinar a ler. Se lhe legara tanta instrucção, quanta fortuna, A. Lucio fôra um cidadão prestadio. No seu extravagante modo de pensar elle deixava asvezes transparecer jactos de luz; e um dos maiores é este: «*Se o mundo se podér regenerar, ha de ser por este principio fecundo — liberdade.*»

Para os que estão convencidos de que a humanidade é como o planeta que descreve sempre a mesma orbita, este principio não vale nada; para os que, porém, veem as coisas áquelle reflexo de luz divina, a que chamam rasão, e perante factos brilhantes, não podem deixar de crer no desenvolvimento do homem; a liberdade é a escada dourada pela qual elle pode chegar ao fim de suas grandiosas aspirações; formosa filha do ceo, dom precioso do espirito humano e sacerdotisa do progresso!

Tornemos a Henrique: ouviu elle com espanto a execranda revelação de A. Lucio. A cada palavra sentia a indignação ir augmentando: e a colera e o desespero abrasavam-lhe o coração. O amor, a honra, a virtude, todas as suas paixões de homem de bem o exasperavam contra o cynismo de aquelle homem descrente e devasso.

«Eis ali, dizia elle em sua alma, um phariseu de hypocrisia! um cynico e vil, afivelando a mascara de homem de bem, como tantos que por ahi ha!»

Volvia e revolvia no espirito o modo de salvar Luiza; ergueu-se de repente, deu um passo e estacou fitando os olhos no chão, como quem pensa seriamente; levantando depois a fronte, como que inspirado por uma idea luminosa, disse comsigo mesmo: «Augusto desenhou-me vastos recursos e bastante sagacidade 'naquella mulher... Pois bem! irei ter com ella, apontar-lhe-ei ligeiramente o facto: e achará meio de se escapar sem desar de ninguem.»

Assim disse: e partiu rapido, como o pensamento. Foi ter com Luiza, a qual estava sosinha a uma janella. A dama offereceu-lhe um botão de rosa que elle prendeu nos labios.

— Que fez além sentado tanto tempo? disse ella. E que tragica posição foi a que tomou depois de se levantar?

— Quem lhe contou isso?! perguntou Henrique admirado.

— Ninguem; vi eu mesmo aqui de esta janella, de onde tenho estado a observar todos os seus movimentos.

— E porque me estava a observar?

— Eu sei?! tornou a donzella, corando. Talvez por uma irresistivel sympathia... Esse modo triste, esse olhar fino e reflectido, essa fronte rasgada como que vergada ao peso de uma idea grandiosa, esse espirito agudo e inflexivel que parece ter pensado seriamente 'numa grande revolução social... formam a imagem do meu ideal querido!

— Minha senhora!... exclamou Henrique, inclinando a cabeça em signal de agradecimento. Uma alma unida a outra por uma irresistivel sympathia, cede-lhe sempre a qualquer pedido; não é assim?

— Sim, tornou Luiza, sorrindo docemente e fitando os seus bellos olhos nos de Henrique, a fim de ler 'nelles o pensamento que lhe atravessava o coração.

— Bem está! eu peço lhe que parta hoje mesmo para sua casa.

— É impossivel! redarguiu ella, mostrando sentimento; porque Julia e A. Lucio não partem senão amanhã; e Julia que me foi buscar a casa, é quem me deve lá conduzir. Mas que interesse tem 'nisso?

— O interesse é todo seu.

— Meu?!

— Sim; olhe: quando eu estava além sentado, sonhei que esta noite a snr.ª D. Luiza 'nesta casa faria de Lucrecia...

— De Lucrecia?! atalhou a donzella, sorrindo. De Lucrecia, não!

— Perdão! minha senhora... Eu esquecia-me de que... Eu queria dizer de Virginia...

— E quem é o Appio?

— Não sei; o sonho não me o disse.

— Ora... nunca me pareceu que a sonhos o senhor desse importancia. Visionario!... sonha acordado, alto dia!...

— Não zombe, D. Luiza! eu sonhei acordado, é verdade; porém os meus sonhos, acordado, teem muitas vezes realidade.

— Ah! já comprehendo: ouviu?... disseram-lhe alguma coisa?...

— Nada. Mas, como o lavrador pede agua a Deus, quando a terra está arida e o ceo é de ferro, peço-lhe que vá hoje mesmo para sua casa!

— Homem!... para que me quer aterrorisar?! Irei! fique descansado!

— Com Julia e A. Lucio?

— Sim.

— É impossivel; creio que não ha meio de fazer sair hoje de aqui Antonio.

— Não lhe dê isso cuidado — replicou Luiza com um sorriso de ineffavel doçura. — Os homens que nas

grandes crises são corajosos e inventivos, embaraçam-se com pequenas coisas.

Ao findar do dia, dos convidados de A. Lucio, só estavam ainda na quinta Augusto e Henrique. Este, ao despedir-se, interrogou com os olhos Luiza que estava sentada 'num sofá, como se lhe dissera : «Vens?»

A donzella respondeu-lhe com um sorriso de confiança. Encostou-se, depois cerrou as palpebras e deixou pender a fronte angelica. Dir-se-ia que o vento da morte a tinha ferido e derribado, como o sopro da procella derriba a flor.

Julia, mulher ingenua, correu a tomar a amiga nos braços. Empregava esforços e caricias para a reanimar : e as lagrimas marejavam-lhe nos olhos.

— Que fatalidade ! — dizia Henrique no intimo da sua alma. — Como tudo corre bem áquelle miseravel ! De aqui a pouco mandará conduzil-a para a alcova : e quando ella despertar, achar-se-á victima nas garras do algoz. Oh !... eu tenho aqui um punhal... Fingir-me-ei doente, e ficarei deitado 'num de aquelles sofás. E quando aquelle infame for perpetrar o seu crime, eu hei de sahir-lhe ao encontro e bater-me-ei como um leão : e elle ficará vencido, que o ceo protege a innocencia.

Entretanto davam agua a Luiza, e A. Lucio, no coração a alegria, e a tristeza hypocrita no rosto, mandava conduzil-a para um quarto. Ao ouvir a ordem, ella suspirou e disse :

— Já estou um pouco melhor ! mas quero que me levem de aqui para minha casa ; receio que isto seja alguma doença grave e eu aqui não estou bem.

— Pois sim, vamo-nos — respondeu Julia.

— É melhor ! é melhor ! — exclamaram Augusto e Henrique ao mesmo tempo.

— Com um milhão de raios !... — murmurou A. Lucio, á parte. — Que infeliz que eu sou ! Esta mu-

lher parece que advinba! Porém, ajuntou elle com um riso infernal, quanto mais demorada, mais terrivel é a vingança!... Vamo-nos todos, concluiu em voz alta.

Pouco depois estavam a caminho. Luiza melhorava de momento para momento e quando chegou a casa estava inteiramente boa.

Henrique depois de lhe conhecer o estratagema, sorria-se, invejando ás mulheres, o condão de simular. Chegou a casa já tarde. Deitou-se, fatigado da jornada e de impressões fortes; e adormeceu fascinado pelas embriagantes miragens do amor. Quando se levantou pensou seriamente no que lhe havia succedido: a reflexão veiu semear lhe de nuvens negras o horisonte que ainda ha pouco se lhe apresentara puro.

Henrique da Silva era de uma probidade incontestavel; austero para comsigo mesmo e até virtuoso. Acaso era isso que lhe dava não sei que imperio que sobre os outros exercia. Pensava muito; pesava e media o alcance das acções: pelo que algemava não raro o coração ao raciocinio.

A imagem seductora de Luiza era-lhe estrella fixa nos ceos da alma. Desejava possuir em realidade aquella mulher formosa, intelligente e singular, recostar-se-lhe no regaço e amal-a como esposa; mas o juramento de se conservar celibatario, prestado á face de Deus e do mundo, fazia-o recuar.

— Aquella mulher — dizia elle — é o meu ideal: e eu não quero ver o meu ideal escarnecido pelo mundo ignaro e hypocrita, cevado na torpeza e no vicio! N'aquella fronte tão pura não quero que os malvados gravem o ferrete ignominioso: *prostituta!*

«Oh! nunca mais a buscarei, embora me consuma o fogo da paixão que trago no seio! Direi aos olhos que não a viram; ao coração que não a ama; ao espirito que se illudiu!

«Persuadir-me-ei de que foi brilhante miragem que vi no ermo e que um sopro gelado esvaeceu; doce visão que em sonhos tive, encanto ledo que se me quebrou nas tempestades da vida!

«Amor! amor! estrella refulgente nos ceos da existencia, summo sacerdote que unes as almas e presides á fé conjugal, dourado elo da humana vida, numen que tens altares no intimo do peito, por ti é que o homem comprehende a Divindade, o bello e o sublime! Tu dás explendor ás trevas e á luz cores deslumbrantes! alivio a dor e ao prazer melifluos sabores! Mas quantas vezes, deshumano, não amarguras tu a alma e não partes o coração?!

A febre de um amor infeliz fazia-o delirar. Queria illudir-se a si mesmo e fazer-se forte contra a paixão, porém esta zombava de elle; mettendo a mão no bolso do casaco que vestira no dia antecedente, encontrou um bilhete que resava assim:

«*Uma alma unida a outra por uma irresistivel sympathia cede-lhe sempre a qualquer pedido: peço-lhe que amanhã, ás 11 da noite, va á porta do meu jardim, onde o espera*

LUIZA.»

— Ora agora, exclamou Henrique, depois de ler o bilhete, diga eu lá aos olhos que não a viram e ao coração que não a ame!

«O seu primeiro pedido cumpril-o-ei eu! Irei, dir-lhe-ei que a amo; mas pedir-lhe-ei que me esqueça; que assim o exige a força irrevogavel do destino!

A' hora aprasada, o malfadado guardou no seio um punhal e dirigiu se ao logar indicado. Mal ahi chegou, entreabriu-se-lhe uma porta. Entrou, e ao pallido clarão da lua viu Luiza, a qual lhe apertou docemente a

fronte entre as mãos e, aproximando-a da sua, murmurou com doçura indizivel: «Meu Henrique!»

Trémula, fria de neve, conduziu-o para um banco á sombra de uma arvore. Bem como a flor mimosa, batida pelas geadas do inverno, murcha, desmaia e pende; assim a candida donzella pendeu nos braços de Henrique, que teve de acalental-a á força de caricias. Quando a viu reanimada interrogou-a sobre aquella estranha sensação.

— E' que, murmurou ella, é esta a vez primeira que nas sombras da noite me vejo a sos com um homem, que teve o condão magico de me dominar! E' que sinto no coração um presagio terrivel!... Receio... não sei o que!...

— Luiza! disse Henrique com enthusiasmo, quem seria, ao pé de mim, capaz de te offender?! Defender-te-ei sempre, em quanto me bater nas veias uma gotta de sangue! De mim que tens tu a recear? de mim que te amo como irmão, e como os anjos se amam no ceo?!

— E juras-me que esse amor não será de mais ninguem?

— Juro!

— Oh!... agradecida! agradecida! murmurou Luiza, estreitando extremosamente entre as suas as mãos de Henrique. E tu has de vir aqui ver-me todas as noites; não é assim?

— Minha querida Luiza! és bastante intelligente para conhecer quaes seriam as funestas consequencias de essa nossa intimidade. O encanto do nosso amor quebrar-se-ia um dia, e tu apparecerias coberta de vergonha e exposta ao escarneo pungente de este mundo implacavel. Assim pois, esquece-me, por quem es, esquece-me para sempre!

— Ora ahi está!... Era isso mesmo que me esta-

va dizendo o coração — retorquiu Luiza com uma expressão de tocante tristeza.

— Luiza ! não quero que te amargures por amor de mim...

— Agora é que vejo que me não tens amor nenhum...

— Oh ! se te o dedico !

— E a prova é que nem ao menos me queres ver.

Luiza lançou então mão do supremo recurso das mulheres apaixonadas : largou friamente as mãos de Henrique, velou o rosto de pesada tristeza, orvalhada de lagrimas.

— Pois bem ! — exclamou elle, tomando-lhe convulsivamente a mão — vir-te-ei ver, quando mandares.

— Promettes ? !

— Sim, disse Henrique muito de mansinho.

— Agora — continuou Luiza dando aos labios e aos olhos leda expressão — has-de-me dizer uma coisa : que te disse hontem A. Lucio a meu respeito ?

— Nem palavra.

— Parece incrivel !... Não sabes que elle morre de amores por mim ?

— Quem não ha de morrer de amores por ti, minha seductora Luiza ? !

Ao despedir-se, Henrique beijou-lhe as mãos mimosas e deixou, a pezar seu, cair sobre ellas duas lagrimas ardentes, dizendo comsigo mesmo : «São as primeiras e as ultimas !...»

Protestou no intimo do coração jamais tornar a vel-a.

Passados alguns dias recebeu a seguinte carta :

«Cruel ! votaste-me ao olvido !... Fizeste bem!... Estás arvorado em algoz para vingar tantos que eu despresei, não lhe concedendo o amor puro que tu engeitas !

«Ha uma força irresistivel que me arrasta para ti!

e tu despresas-me ! Ainda assim... amar-te-ei sempre e será teu nome o derradeiro que meus labios moribundos pronunciarão !

«Hoje vivo só de tristeza e de lagrimas ! E quando o fogo mais vivo do amor me abraza o coração, eu ameigo-o, escrevendo-te como Sapho ou Heloisa :

«A HENRIQUE

«Se em sonhos vires lacrimosa imagem
alto queixar-se do despreso teu ;
se á noite ouvires suspirar a aragem,
sou eu ! sou eu ! sou eu !

«Se no ceo vires nebulosa estrella
carpir os males do destino seu,
o genio afflicto que pranteia 'nella
sou eu ! sou eu ! sou eu !

«Quando co'as lagrimas da fria aurora
a fronte altiva te orvalhar o ceo,
é triste pranto que a minha alma chora !
sou eu ! sou eu ! sou eu !

«Se tu ouvires ae romper do dia
dizer o bronze que um christão morreu,
foi uma victima que o amor pungia !...
sou eu ! sou eu ! sou eu !

LUIZA.»

Depois de ler a carta, Henrique beijou-a, ensopou-a de lagrimas e exclamou :

— Não respondo, não a tornarei a ver : e ella chegará a esquecer-me de todo.»

V

A filha das aguas

LUIZA dos Martyres vivia com um ecclesiastico ja curvado ao peso de largos annos, que a tinha educado, como se fôra filha sua. Dotada de graça, de genio e sensibilidade, soube aproveitar se da instrucção que lhe deram, adornando o espirito de aquellas galas que tanto realçam a formosura do corpo.

Cultivava com paixão a musica e a poesia, e sabia com perfeição algumas linguas. A' noite, quando seu pae adoptivo se ia deitar, ella ia sentar-se-lhe junto do leito e lia em alta voz alguns dos eloquentes discursos de Bossuet, os *Pensamentos* de Pascal ou algum dos Psalmos inspirados de David. .

Quando o velho se deixava adormecer embalado por aquella lição, repassada de religião e melancolia,

retirava-se para o seu gabinete, onde lia muitas vezes Camões e Petrarcha. Os episodios de Dido e de Ignez de Castro, nos quaes dois athletas da poesia— Virgilio e Camões — se disputam talento e gloria, sabia-os ella de cor.

Luiza era o sol que alentava a velhice fria do seu protector; flor brilhante e perfumada que lhe embalsamava a existencia; anjo que lhe sorria, como a estrella fulgurante sorri ao nauta em manhã de bonança.

O velho que sonhava com encantos e repouso no ceo, teria ha muito deixado a Terra, se aquelle anjo o desamparasse.

Se a via padecer do peito, ou quebrantada de tristeza, dizia-lhe, como Sevigné a sua filha: «Tenho as dores do teu peito; sinto as amarguras da tua tristeza.» Se a via radiante de alegria, sorria-se elle tambem.

No dia que escreveu a Henrique, Luiza, nutrindo a esperança de que elle se commoveria ao queixume seu, esperou-o; mas, passando a final por um cruel engano, retirou-se magoada. No dia seguinte a paixão recrudesceu: soffria horrivelmente. Para esconder as lagrimas e a dor não saiu da alcova.

Contristado o velho foi sentar-se-lhe á cabeceira e interrogou-a sobre a causa de seus males. A donzella guardava silencio; mas o ancião, qual pae carinhoso que deseja descobrir o mal que afflige o filho, insistiu pacientemente, até que alfim lhe arrancou esta resposta dissimulada:

— Não sabe porque estou triste? é porque me faltam os mais queridos entes de esta vida: meus paes! O regaço e os carinhos de mãe, o amor de pae, que devem ser tão doces, ainda os não conheci eu! Quem é meu pae? Minha mãe quem é?!... Muito ha que penso 'nisto!... Mas hoje!...

— Não creio, anjo do ceo, — retorquiu o velho com a sua muita experiencia, — que seja essa a verdadeira origem do teu mal. Queres saber quem é teu pae? Pois bem! dir-t'o ei! Teu pae... é Deus!

— Ora!... vê-me doente e está a zombar comigo!

— Pois que te hei de eu dizer, minha querida, se tu não tens pae nem mãe!

— Então sou filha das hervas?!

— Não, não; és filha das aguas!

— Sou alguma creatura fabulosa, nascida, como Venus, da espuma dos mares? disse Luiza com um triste sorrir de incredulidade.

— Não, não, por certo; não és filha da espuma dos mares, tornou o velho em tom grave.

— Então, *como os irmãos que Roma edificaram*, fui encontrada á margem de algum rio, amamentada por alguma fera?

— Tambem não.

— Acaso fui, como Moysés, encontrada 'nalguma ribeira, dentro de um cesto, preso n'algum cannavial?

— Agora sim; o parallelo é mais exacto.

— Está-me causando um vivo interesse a historia do meu nascimento. Ha de m'a contar, sim?

— Creio que nada lucrarás com isso, minha Luiza.

— Oh!... lucro sim, lucro muito: olhe, deixo de soffrer, disse Luiza, sorrindo docemente.

— Não creio; mas já que assim o queres, escuta: A historia do teu nascimento é mui singela e narra-se em poucas prlavras:

« 'Num dos ultimos dias do mez de Fevereiro de 1799, era eu então cura de P.; fui chamado logo ao romper da alva, para levar os ultimos soccorros a uma pobre mulher lá no campo. Posto que soprasse um nordeste frio e cortante, puz-me a caminho, porqne nunca me resultou mal dos serviços que prestei em nome do ceo. Quando chegui, lá estava aquella

alma afflicta! ungi-a; disse-lhe com uncção e magestade algumas palavras de consolo e esperança, que ella escutou com alegria. Horas depois entrou na eternidade.

« Quando tornei para o povo, o sol ia-se levantando de uma cama de nuvens pardacentas. Ao passar uma ribeira que vae ter ao mar, ouvi os vagidos de um recemnascido: fui ver o que era e encontrei entre uns loendros um cesto, o qual continha uma linda creança. Essa creança... eras tu, Luiza! Era um partir de coração ouvir como tu te lamentavas!

« Horrorisou-me a crueldade dos que te haviam ali expostos! Compadeci-me em extremo de ti!... Do que reservava para dar aos pobres paguei a quem te criasse: e de ahi para ca, tu foste o anjo bom que entrou em minha casa: Deus tem-me dado cem por um!

« Tenho-te visto crescer em flores e graças; tenho-te educado, e hoje!... Oh! hoje amo-te como se foras minha propria filha, filha do meu coração!... »

E o velho apertava junto do coração as mãos de Luiza e beijava-lhe a fronte, cobrindo-a das ultimas lagrimas.

Depois de longa pausa continuou:

— Que te parece, Luiza, a historia do teu nascimento? Porém... vejo-te cada vez mais triste!... que tens? que te falta?

— Que me falta?!... O seio maternal, onde eu podesse derramar as minhas lagrimas! a amiga intima e carinhosa a quem eu podesse revelar os segredos da minha alma! Só... no mundo... Enoja-me esta vida; desejo acabal-a!...

Ouvindo estas palavras, o velho cura ergeu-se: Luiza soleyantando-se, agarrou-o por um braço, exclamando:

— Oh!... não me deixe, meu bom amigo! meu

bemfeitor? meu pae! Perdão!... não sei o que digo... soffro, deliro...

A exposta apertou fortemente com os braços o pescoço do velho, reclinou a cabeça sobre o hombro de elle e chorou.

Passado algum tempo, o velho disse:

— Luiza, está-me perecendo que o ar do campo te ha de fazer bem. Lá temos aguas, passeios, jardins, flores. O ar campestre é livre, puro e saudavel. A solidão suscita bons pensamentos e cura os males do mundo. Queres ir passar alguns dias á nossa quinta? Queres?

— Sim. Vamos; e ha de ser já amanhã, tornou ella, animada pela idea de que Henrique poderia soffrer, se acaso soubesse que já não estava na cidade.

VI

Amor e ouro

Homens ha que por mais esforços que façam para fugir a certo destino que sobre elles pesa, mais se lhe submettem. Henrique era um de esses homens.

Julia contou a seu irmão que encontrara Henrique a sós com Luiza, fazendo-lhe declarações de amor. A. Lucio sentiu o coração intumecer-se-lhe de raiva, raiva acerada pela sobranceria e despreso, com que ora o começava a tratar Luiza. No ultimo grau do cynismo, agora victima do ciume e do amor, desfazia-se em imprecações contra Henrique e illuminava o rosto de uma alegria infernal, meditando terrivel vingança.

Emquanto Luiza se dava pressa em ir para o campo. A. Lucio mandava chamar um dos seus criados,

Thomé, a quem chamavam o Valente, homem de estatura collossal, taciturno, feia apparencia, modos grosseiros e brutaes.

— Thomé — disse A., ao vel-o — temos que tratar de um negocio importante. Dize-me lá: és capaz de fazer o que eu te pedir?

— O que mandará o senhor que eu não faça? — redarguiu o homem em tom pesado.

— Bem! Tu és capaz de mandar para o ceo um infame que me quer mal?

— Ora?... Quem é elle? quem é?

— Conheces aquelle sujeito pallido, triste, que esteve, ha dias, comigo no campo?

— Quem?! O senhor Henrique da Silva?!

— Sim, Henrique da Silva, esse mesmo.... Mas que tens tu, homem?! Empallideces ao ouvir o nome de Henrique?! Queres apostar que o temes?! disse A. com um riso de escarneo pungente.

— Eu não, senhor! Era capaz de lhe arrancar o coração; mas isso é que eu não faço, que teria pesares.

— Já vejo que és um cobarde! exclamou A. Lucio desesperado.

— Cobarde eu? não, senhor! Eu lhe digo porque lhe não faço o gosto: é porque de familia já não tenho senão minha mãe, pobre velha que mora 'num sotão das casas do senhor Henrique. Aqui, ha tempos, adoeceu ella gravemente: iam leval-a para o hospital; Henrique passou e perguntou o que tinha. Disseram-lh'o. Mandou que a recolhessem; foi elle mesmo chamar um medico e fez todas as despezas da cura. Ia vel-a todos os dias; e se me encontrava lá a mim tratava-me muito bem; apertava-me sempre a mão; dava-me tabaco, e asvezes dinheiro. Aquillo sim, aquillo é que é um bom rapaz! é um homem ás direitas! Ora diga-me agora lá o senhor: se me ti-

vesse feito isto, achava de razão que eu o matasse?

— Insensato! como tu ainda crês na franqueza dos homens! replicou A. Lucio com um riso ironico. Os que te apertam a mão e te dizem palavras doces, são hypocritas que te despresam no fundo da sua alma e te querem fazer seu escravo!

«O mundo é assim, meu simples: mostrar amizade a todos e não a ter a ninguem! Defender sempre os nossos interesses, embora para isso se haja de odiar, matar ou ferir! A lei suprema é ser bastante rico, porque é o ouro quem governa o mundo!

Thomé ouviu com espanto aquelle homem que elle respeitava como senhor e mestre.

Antonio lançou ao criado um olhar fascinador, como para o contaminar das doutrinas que elle acabava de expender; dirigiu-se depois a uma secretária, abriu a gaveta, de onde tirou um cartuxo de peças de ouro, que derramou sobre uma banca, e disse:

— Thomé! ves todo esse dinheiro?! E' teu! Dar-te-ei muito mais, se deres cabo de Henrique!

De repente um mau pensamento aggrediu a alma de Thomé; imaginou um futuro brilhante, dourado pela riqueza. Fitou no ouro um olhar de cubiça, e como se fôra apenas orgão de um genio superior, exclamou:

— Pois bem!... já outro tanto e está dito: eu mandarei o tal Henrique fazer uma viagem até ao outro mundo!...

Dias depois que fôra infamemente ajustada a morte de Henrique, Augusto, seu amigo intimo, dizia-lhe:

— Henrique, parece-me que ha dias para cá tens um pensamento cruel que te amargura. Por certo andas mais triste; já te não vejo errar de quando em quando nos labios aquelle sorriso de fina ironia que asvezes te ficava bem e te dava certo ar de superioridade. Pareces-me um inglez com *spleen*, apaixona-

do por alguma ingleza magra, esguia, olhos azues, longos pés....

— Que estás tu para ahi a dizer?

— Estou dizendo se queres ir á tarde dar um passeio a cavallo até ao Riosecco?

— Vá feito; estou aborrecido: um passeio ao campo hade me distrahir.

Pela volta das quatro horas os dois amigos cavalgavam na direcção de Santo Antonio do Alto, onde gosaram algum tempo da encantadora perspectiva que offerece aquelle grande ponto de vista.

A tarde ia amena. Estava o ceo risonho, bordado de rolos de nuvens alvas, que se moviam languidamente do sul para o norte. A viração do mar amenisava os ardores do sol de Julho. Era uma de aquellas tardes de poesia, em que é prodigo no estio o clima benefico do Algarve.

—A folhagem de um verde desmaiado das figueiras e amendoeiras que vestem aquella collina, dizia Henrique ao seu amigo, não cansa a vista e tem o que quer que é de suave melancolia.

— Olha, dizia a seu turno Augusto a Henrique, olha como aquelles navios escorregam placidamente pelas aguas do oceano!

«Não gostas do orgulho com que acolá, no occidente, se levantam aquelles pinheiros?

«Ves aquella palmeira? Jogando a maior parte dos ramos para o sul, parece morta de saudades pelo sol e areias de Africa.»

Os dois cavalleiros desceram uma encosta. Quando estavam já perto do sitio, onde tencionavam parar, ouviu-se a detonação de uma arma de fogo. Ao mesmo tempo Augusto ouve uma queda: olha para o lado e vê o seu collega prolongado no chão. Olhando em derredor, buscando com os olhos quem havia disparado o tiro, ve apenas um rolo de fumo que vinha

saindo de um cannavial. Apeia-se, sacode o amigo, brada por elle... em vão, que lhe não acode!

Vendo-lhe uma ferida na cabeça e o peito ensopado em sangue, leva com desespero a mão direita á fronte e exclama: «Oh!... morto!... morto!...»

Grossas bagas de suor frio lhe rolam pela face. Aterrado, lança aos ceos um olhar supplicante, como que pedindo remedio para tão grande mal. Abaixando os olhos, vê ao pé de si um ancião que lhe diz com brandura:

— Boas tardes, irmão. Estava além á janella de aquella casa, quando ouvi um tiro e vi ao mesmo tempo cair este sujeito. Que vem a ser isto?

— Não ve?! tornou Augusto, fitando no homem um olhar desconfiado. Mataram-me o meu mais querido amigo!... Ah!... Vingar-te-ei, Henrique! descobrirei o teu assassino, enterrar-lhe-ei no seio um punhal! reduzirei o seu cadaver a cinzas e hei de lançal-as aos quatro ventos do ceo, para que jamais se possam encontrar sobre a Terra!

— Deus tal não permitta, redarguiu o velho sem alterar-se.

Depois de examinar o ferido continuou:

— A ferida que elle tem na cabeça fel-a 'nessa pedra, quando caiu. Ainda está vivo: pode ser que torne a si. Elle tem familia na cidade?

— E' estudante; vive só com um criado, respondeu Augusto já um tanto maravilhado pelo imperturbavel sangue frio e affabilidade do ancião.

— 'Nesse caso dê-se pressa em ir buscar um cirurgião, que eu mando conduzir o seu amigo ali para aquella quinta.

De ahi a momentos o velho entrou em casa e disse a uma donzella de peregrina formosura:

— Luiza, manda já e já preparar um quarto para um hospede que vem doente.

Ao ver Henrique ensanguentado, meio morto, Luiza, como se de repente sentira um dardo varar-lhe o peito, soltou um grito agudo, escondeu o rosto entre as mãos e sentindo fraquejar os joelhos, atirou-se para uma cadeira estofada. Pouco depois, recobrando animo, murmurou:

— É elle!... é elle!... Foi assim mesmo desfallecido, ensanguentado, que eu hontem o vi em sonhos! Vi-o, porém, depois, a meu lado, radiante de vida, animado de esperança! De ahi achei-me inesperadamente 'numa caverna escura, pavorosa, cheia de espectros medonhos e acordei muito afflicta!... Oh! é um sonho mysterioso, cuja primeira parte eu vejo realisada! Quem me explicará o resto?! O tempo e o amor!

A estas palavras Luiza levantou-se e foi ao quarto, onde estava o ferido.

—Luiza, minha filha, porque te impressionou tanto a presença de este homem! disse o antigo cura, indigitando Henrique.

— E' que, respondeu ella corando, não pude resistir ao estado despedaçador em que elle vinha.

De ahi a algum tempo entrou Augusto com o cirurgião, o qual, depois de examinar o doente, declarou que estava em perigo; mas que não desesperava da cura. Tratou de lhe pensar a ferida e passou toda a noite ao pé de elle.

O projectil havia-lhe offendido gravemente duas costellas do lado esquerdo; era larga e perigosa a ferida da cabeça.

Quanto a Luiza: passou a noite, ora ajoelhada no seu quarto, orando com fervor a Deus pela vida de Henrique; ora levantando-se, a fim de ir saber como elle estava.

Na seguinte noite, quando o cura já se tinha ido deitar, a sua filha adoptiva dirigiu-se ao quarto do en-

fermo e mandou repousar um criado que alli velava.

Ardendo em febre, o ferido delirava. Luiza era a unica voz que de quando em quando lhe assomava aos labios. Ouvindo Henrique murmurar o seu nome, Luiza regou-lhe as faces de pranto, ensopou-as de beijos e ajoelhou, pedindo, com a fé de um martyr, a Deus que lhe desse vida.

De ahi a dias o doente, graças aos cuidados da familia que o tratava, ia a melhor. Estava dormindo um somno placido, quando um raio do sol nascente, coado a furto pela fresta de uma janella mal cerrada, lhe foi beijar o rosto. Dir-se-ia que a luz ia dourar a vida 'naquella fronte amarellecida pela doença. Luiza, que durante a noite velara pelo seu amante, ia agora deixal-o ao romper do dia: inclinou-se e beijou-lhe os labios. A este beijo, Henrique despertou e deu com os olhos no semblante angelico da mulher que lhe o dera.

— Luiza! disse elle com voz enfraquecida, Luiza! meu anjo! es tu ?! Impossivel... isto é sonho...

— Não é sonho, não, atalhou a donzella com um sorriso de inexpremivel doçura; sou eu, sou eu mesma, sou Luiza. Tenho chorado muito por ti! hei rogado muito e muito a Deus para que te dê vida.

— Mas onde estou eu ?

— Onde estás? Em minha casa... quero dizer: em casa do snr. G , meu... meu pae.

— E como vim eu para aqui ?

— Fallaremos a esse respeito. O snr. cura costuma vir aqui ver-te assim que se levanta: não tarda por ahi. Adeus.

Os dias da convalescença de Henrique escoaram-se para elle rapidos como as horas passadas na embriaguez do amor. Ouvia com prazer a linguagem grave e instructiva, perfumada de uncção e magestade, de um homem, ensinado pela experiencia de largos an-

nos, versado em lições santas e apurado pela virtude. A' tarde recebia a visita de Augusto, amigo dedicado. Bebia o ar embalsamado de um campo deleitoso; vivia emfim ao pé da mulher que idolatrava, com a consciencia de que era por ella amado com paixão. Esta felicidade era-lhe comtudo envenenada por um pensamento cruel: ter de deixar Luiza.

Uma tarde, Luiza dos Martyres levantou-se da janella, de onde olhava com tristeza para a face do oceano, ligeiramente encrespada pela briza, e foi ter com Henrique, que estava lendo.

— Que estás tu lendo? perguntou ella.

Elle ergueu a voz e leu:

«Senhora, é necessario confessar-vos:
quando encarei o horrifico momento,
em que, forçado por dever austero,
deixaria de ver-vos para sempre;
quando o chegar previ deste adeus triste,
lutas, temores meus, accessos vossos,
prantos, dispuz minha alma ás dores todas
que suscitar pode a maior desgraça;
temi muito, porém, força é dizel-o,
antevia somente a menor parte;
meu animo cuidei mais corajoso:
hei vergonha do estado em que ora o vejo!
Ante meus olhos vi...» [1]

—Não gosto de isso! atalhou Luiza, com secca inflexão.

— Não tens razão, redarguiu Henrique; é um dos mais bellos trechos da litteratura franceza.

— Não duvido; eu mesma gostei outrora muito de essa tragedia de Racine; já li *Berenice* duas vezes; hoje porém acho todos esses versos pessimos, detestaveis...

— Talvez por uma tal ou qual analogia que *Tito* e *Berenice* tem com certas pessoas que eu conheço?

[1] Racine, *Berenice*, acto v, sec. vi.

— Talvez.

— O certo é, Luiza, que me vejo compellido a deixar-te; e hade ser já amanhã, que me acho restabelecido e ha de parecer mal ao snr. G. demorar-me aqui mais tempo.

— Está enganado; elle é mui teu amigo; gosta do teu modo de pensar; sympathisa ardentemente com o brilho e arrojo das tuas ideas. A harmonia do pensamento parece-me que os tem unido de laços mais apertados que os do sangue: ha de estimar por tanto que te demores mais algum tempo.

— Não importa. Convem que eu sáia de aqui...

—Dizes bem! replicou Luiza com as lagrimas nos olhos; tens sido muito mal tratado; e além de isso, eu sou mulher sem belleza, sem espirito e sem encanto, emfim uma de aquellas mulheres estaticas, materiaes e estupidas, com quem se não pode passar um momento!

— Ó Luiza, não sejas injusta para comigo! Aborrecer-te eu!... eu que desejara estar sempre ao teu lado, beber incessantemente o teu sorrir suave, respirar o teu halito perfumado, sentir o teu respirar sereno, ver o teu olhar embriagante e ledo, ouvir a tua voz argentina, maviosa, e embriagar-me no maravilhoso das phantasias que offerece o teu bello genio?! eu, que desejava durante a vida ter o meu coração unido sempre ao teu e no sepulchro as minhas misturadas com as tuas cinzas?!

— Não te comprehendo, Henrique!

— Não me comprehendes?! Pois não sabes que pesa sobre mim o dever austero de ter o coração gelado para o amor humano? Não ves que a nossa união seria escandalosa aos olhos do mundo?

—Henrique! esta vida que vale sem a luz do amor? Quem tem o direito de dizer ao coração — *Não ames* —quando a sua natureza é amar? Não é o amor por

ventura a parte divina do coração humano? E essa quem lhe a pode roubar sem commetter um crime? Negar o amor ao coração é negar o brilho ao sol, o agrado á harmonia, a omnipotencia ao Creador. A lei que prohibe a união pelo amor exigida, não é lei; é um mandado barbaro, immoral, contrario ás leis da natureza e ao desenvolvimento social; mandado, filho de um capricho extravagante, ou de uma ambição desmesurada, ou antes promulgado por algum phantasma de gelo ou de marmore que se levantou sombrio e implacavel para denegar a vida ao genero humano.

«E que me importa a mim o mundo com os seus prejuizos?! Olha, Henrique: se de um lado me pozessem todas as grandezas da Terra e de outro o teu amor, rejeital-as-ia para o abraçar; se o mundo por amor de ti me quizesse escarnecer, ou gravar na fronte um ferrete de ignominia, eu levantar-me-ia tão alto que não veria o seu despreso e escapar-lhe-ia aos insultos.

«Se esse é pois o motivo, por que me queres deixar, parece-me indigno de ti! Se sacrificares o amor a um dever mal entendido, ficar-te-á o eterno remorso de teres matado a mulher que te amou!

— Luiza, que diria a isso o teu protector?

— Oh!... aquelle bom homem está já com um pé á beira da tumba! tem já erguida sobre a fronte, vergada ao peso de largos annos, a mão implacavel da morte! De aqui a pouco deixará de existir: e eu ficarei só!... só no mundo, sem pae, nem mãe, nem protector, nem um amigo sequer!

E Luiza levou um lenço aos olhos para enxugar as lagrimas que lhe vinham rebentando.

O coração humano é asvezes como a atmosphera; pressente o porvir tempestuoso: a Henrique dizia uma voz intima que seria funesta a sua união com Luiza. Demais, seu espirito vacillava na duvida; faltava-lhe

ainda um grau de energia para santificar o amor que tantos julgavam um crime. Levantou-se, aborrecido de si mesmo, e foi-se pôr a uma janella. Baixando os olhos do espaço, onde buscava uma resolução forte, viu debaixo de uma nogueira duas creanças entretidas em brinquedo infantil; uma camponezasinha, de cinco ou seis annos, sentada na relva, estava tecendo uma capella de flores para o irmãosinho, que, sentado ao lado observava, com singella attenção a obra de sua irmã. Henrique invejou aos innocentes aquella ingenua felicidade. 'Neste momento Luiza travou da sua harpa e tirou de ella alguns acordes tristes; rompeu depois 'numa harmonia plangente e poz-se a cantar os versos que outrora enviara a Henrique:

«Se em sonhos vires lacrimosa imagem
. . . .
. . . .
. . . .

Quando chegou á ultima estrophe, ergueu mais a sua voz argentina, vibrante e harmoniosa e acompanhou o canto de lagrimas.

Então Henrique se lhe foi prostrar aos pés, exclamando:

— Perdão, Luiza! perdão... de ora avante serei teu amigo, teu irmão, teu escravo...»

Luiza ergueu-o e beijou-lhe a face, vangloriando-se interiormente do poder da sua eloquencia de lagrimas.

Uma hora depois entrava Augusto, com certo ar de satisfação, na sala, onde estava o amigo.

— Que bem te succedeu, Augusto? vens hoje mais risonho que de costume: disse Henrique depois de o comprimentar.

— Alegro-me de te ver já restabelecido e de te dar a boa nova que amanhã se vae julgar o amigo que attentou contra a tua existencia: espero que va gosar do ar balsamico das plagas africanas.

— Sempre o mesmo tom de pungente ironia, Augusto, até para com os desgraçados! Aquelle homem está innocente ; não ha nem uma só testemunha que o visse disparar o tiro ; apenas dizem que o viram com uma arma ao hombro por aquelles sitios. Depois, que motivos tinha Thomé Valente para me assassinar a mim, que ainda lhe não fiz senão bem ?

— Pois olha, meu caro: estou inteiramente convencido de que ninguem foi senão elle, induzido por outrem talvez. A' fé que, se morreras, cumpriria o juramento de te vingar.

— Obrigado! obrigado! meu Augusto! A vingança pertence-me agora a mim.

— Pois que vingança queres tu tirar d'elle?

— A mesma que qúalquer homem de bem deve tirar do seu inimigo.

— Faze o que entenderes; lembro-te porém: «quem os seus inimigos poupa, ás mãos de elles vae morrer.»

— Isso é um dos principios mais immoraes e destruidores que o mundo tem inventado ; a vingança gera o odio e o crime; a clemencia produz a rehabilitação e a virtude: se em vez de se vingar, a sociedade tivesse perdoado; ou ainda se em logar de punir despiedada e vigorosamente, tivesse corrigido pelo amor e pelo trabalho, o numero dos criminosos sobre a Terra seria muito menor e a humanidade teria adeantado mais.

—Ora... isso já é velho; prégou-o o Homem-Deus, ha dois mil annos.

— Mas Jesus ensinou-o ao coração : hoje, que os tempos estão mudados e que a civilisação é outra, nós outros devemos ensinal-o á intelligencia. É mister que nos convençamos de que o bemestar dos homens depende do amor que mutuamente se consagrarem.

— Ainda te não vi tão philosopho nem tão humanitario.

— É porque ainda não amei tanto, como hoje. O amor que, no teu entender, produz em mim notaveis mudanças, vae me tornando cada vez melhor.

A estas palavras um raio de alegria brilhou no rosto de Luiza; que o saber que era amada e tinha parte no bom desenvolvimento das ideas de Henrique, a encheu de orgulho e de jubilo.

No dia seguinte com a frescura da manhã, foi á cidade a pretexto de decidir um negocio urgente. A amante seguiu-o com os olhos até elle desapparecer. Á uma hora da tarde entrou no tribunal, onde se estava julgando Thomé, e pedio para fazer uma declaração em prol do reo: deferiram-lhe.

— O homem, disse elle, que alli está sentado no banco dos reos, accusado de haver attentado contra a minha existencia, está innocente ; pois que o meu ferimento foi produzido por uma arma que levava comigo, a qual se disparou, mao grado meu.

Visto ninguem contradizer a asserção do offendido, o reo foi mandado em paz.

Quando pela volta da tarde, Henrique se dispunha a ir de novo embriagar-se dos encantos da seductora Luiza, o criado annunciou-lhe Thomé Valente. Depois de pensar um momento, ordenou que o mandasse entrar.

O assassino que levava o chapeo na mão esquerda, com a direita tomou a mão de Henrique e ia leval-a aos labios para a beijar : este retirou-a gravemente, dizendo:

— Não me beije as mãos e ponha o chapeu.

— O senhor sabe...

— Sei perfeitamente que me quiz matar. Mas de um homem pensar e proceder mal uma vez não se pode concluir que elle não seja aproveitavel e capaz de boas acções.

— E apezar...

— Apezar de tudo serei sempre seu amigo, Thomé: e se precisar de alguma cousa...

— Para mim não quero nada ; mas se eu faltar áquella triste velha que é minha mãe, a quem o senhor já fez bem, peço-lhe que a soccorra.

Assim disse : e escoou-se pela porta. O modo com que Thomé pronunciara as ultimas palavras deixou Henrique 'numa duvida cruel.

Ao mesmo tempo A. Lucio pedia Luiza em casamento a G. —A. resolvera assim apoderar-se de ella para a escravisar e vir afinal ainda a ser possuidor de uma grande fortuna. Luiza porém regeitou com indignação, dizendo que jamais se entregaria nas mãos de um assassino.

A. Lucio saiu corrido. A colera, o desespero, abrasavam-lhe o coração : chegou a casa respirando ameaças de sangue e de morte. Esquecendo-se do proverbio — *Non bis in idem* — chamou de novo pelo seu criado e disse-lhe :

— Thomé ! estou hoje como doido !... o infame de Henrique roubou me a unica mulher que podia fazer a felicidade da minha vida ! Consome aquelle infame e dar-te-ei quanto possuo !...

— Infame !... redarguiu Thomé com um riso infernal ; infame és tu, cobarde, que me queres seduzir de novo com um punhado de ouro, para tirar a vida a um homem de bem ! Mas... juro-te pelo inferno : será esta a ultima vez que attentarás contra a sua existencia !

Disse : e no seio lhe enterrou um punhal. O ferido soltou um grito agudo, vacillou, caiu. Da ferida lhe saiu um jorro de sangue e com elle se foi a vida. O assassino evadiu-se: e ninguem mais soube de elle. O esquecimento ou obscuridade perpetua, a que se condemnou, desafrontou a justiça ultrajada.

VII

Predicção

TARDE se reconheceu a poderosa e benefica influencia que a mulher pode exercer na civilisação; foi mister que aos pés de formosa dama, pedindo-lhe inspiração e amor, se curvasse algum de aquelles homens raros que o ceo dotou de genio, e aos quaes o mundo chama asvezes indistinctamente poetas ou doidos, e os apedreja com o despreso e com o insulto, como os judeus lapidavam os prophetas, para depois de mortos se vangloriarem de elles, erguendo-lhes moimentos; foi mister que o christianismo no seio da ultima obra da creação fizesse encarnar a Divindade; foi mister que a cavallaria defendesse a dignidade mulheril; foi mister que Sévigné, 'num estylo individual e brilhante, revelasse o sentir da vida intima e as santas affeições da familia;

que Stael disputassse a palma aos escriptores do sentimento e do progresso; foram emfim necessarias mil diversas circumstancias para que a sociedade declarasse que a elegancia, que a affabilidade, que a delicadeza, o gosto, o espirito, e muitas vezes a inspiração e gloria de muitos homens e celebridade de muitas nações, provinham da mulher.

O velho G. entendia que as primeiras palavras que o homem ouve dos labios maternaes lhe estão sempre soando aos ouvidos; que os primeiros pensamentos, revelados por sua mãe, gravados lhe ficam na alma para sempre: e por isso que a mulher era um poderoso motor da civilisação. Eis ahi porque elle deu a Luiza uma educação primorosa.

Depois da refeição da noite, entretinha-se em discursar com a sua pupilla. Emquanto A. Lucio era assassinado, G., depois de libar um calix de excellente vinho, onde Luiza desfolhara rosas, dizia:

— Poderemos saber, Luiza (Henrique estava presente) qual é o assumpto, com que tencionas entreter-nos esta noite?

— O assumpto—tornou ella, dando aos seus lindos olhos magica animação — é uma cousa que eu não hei de comprehender, se não me a explicarem.

— Pois tão difficil é, que não a comprehendes? Dize antes que nos queres deslumbrar com alguma de aquellas operações de fina dialetica, com que Socrates costumava aggredir os discipulos mais intelligentes.

— Oh! não, não, por certo, que eu não tenho o espirito arrojado e brilhante do grande philosopho da Grecia. Não comprehendo, porque é uma coisa mui difficil, e tão difficil quão importante.

— Que é pois?! perguntou Henrique muito seriamente.

— Uma alta questão social, meus senhores, disse

Luiza com vivacidade, cuja origem tem o que quer que seja de poetico, romantico ou divino. Eil-a:

«Hontem á noite, ao deitar-me, quiz ler um capitulo da Biblia para poder conciliar o somno: abria-a ao acaso. Não a pudera de preposito abrir melhor; o somno tem muita similhança com a paz, e eu abri o livro santo no cap. XI de Isaias. Escusado é dizer que adormeci embalada pelas esperanças doces de aquella paz tão bella, de aquella sociedade tão perfeita que o meu propheta querido viu ao longe nos horizontes da inspiração divina.

«Ficou o livro á cabeceira. Pela manhã, quando acordei, tornei a abril-o ao acaso e dei 'num logar que diz assim: «Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe um ajudante similhante a elle: infundiu pois o Senhor Deus em Adão um somno extatico e formou a mulher que lhe apresentou.» O que quer isto dizer, meus senhores?

— Quer dizer — tornou o velho, sorrindo-se — que a mulher é necessaria á vida da humanidade.

— Que explicação tão vaga essa!

— Creio que ninguem te a dará melhor.

— Pois bem, seja assim. Mas se a mulher é necessaria á vida da humanidade, tambem o é a cada homem em especial.

— Não padece duvida.

— Muito bem. Mas se assim é, meu illustre mestre, qual a razão, por que nenhuma mulher vejo ao seu lado?

Henrique mordeu os labios para conter o riso, excitado por uma especie de embaraço, em que por um momento ficou G. Depois de reflectir elle respondeu:

— Porque não tenho mulher nenhuma ao meu lado? Pois não te hei eu, ha vinte annos, a ti? E que melhor mulher poderia eu ter, do que tu, tu que és meiga, intelligente, pura e formosa, tão formosa, como a aurora na primavera?

— Ora... o meu generoso protector que é illustrado, como Bossuet, comprehendeu perfeitamente o meu pensamento. O que eu queria dizer é: porque não ha de estar ao seu lado uma esposa que o acarinhasse, quando soffresse, e que fosse o modelo das mães de familia?

— És demasiado insistente!... replicou G. com um gesto de amargura. Não tenho esposa, porque sou padre, e o padre deve ser um homem excepcional, destacado do commum dos homens por brilhantes virtudes, e não ha nenhuma mais brilhante, do que a castidade. Demais: a Egreja prohibe-m'o expressamente.

— Perdão! exclamou Luiza, beijando com ternura verdadeiramente filial a mão do velho. — Não insisto; não quero que se amargure por minha causa.

— Ja agora continua.

— Então promette que se não ha de enfadar comigo? disse ella com doce inflexão.

— Palavra.

— Então bem: permitta-me que lhe diga que o padre não deve ser um homem excentrico, porém social, como o Evangelho. Depois, a prohibição da egreja parece-me rigorosa e não sei se irracional...

— Não é, não é; está auctorisada por S. Paulo, quando diz: «Bom seria ao homem não tocar mulher nenhuma.»

— O senhor bem sabe que isso é um conselho, retorquiu a donzella com voz insinuante; pois o mesmo S. Paulo diz: «Quem não tem o dom da continencia case-se, que é melhor casar-se, do que abrazar-se.» Ora do conselho á lei vae uma distancia immensa: e convertel-o em regra universal e invariavel é coarctar a liberdade e produzir na sociedade um mal incalculavel.

— Pois imagina tu que eu sou dos espiritos arden-

tes que vivem do ideal, que amo a liberdade e que a virgindade me apraz: e terás a razão da minha vida celibataria.

— Mas concordemos, disse então Henrique com ligeira exaltação, em que o celibato forçado é um mal para a sociedade; rodeado pelas santas e queridas affeições da familia, o padre deixaria de tender para um centro despotico, e buscaria a egualdade que tanto lhe foi recommendada pelo Divino Mestre. Confessemos que essa lei não é nem pode ser em todo o rigor observada; e que faz muitas vezes humilhar vergonhosamente o sacerdote aos olhos de todos e cair do pedestal de religiosa belleza, onde Jesus o collocara. Um dia se reconhecerá isto, e esse escandalo desapparecerá, como a nuvem açoitada do norte, desapparece do ceo luminoso e puro, que enchia de sombra.

— Crê então, Henrique, perguntou attenciosamente o velho, que vae mal o clero?

— Creio.

— E que razões tem para isso?

Henrique levantou-se insensivelmente e passou a mão pelos olhos. O rosto livido e sombrio se lhe tornou corado e radiante; e pelos seus olhos animados de viva luz, pareciam perpassar magestosos pensamentos. O seu todo elevado, como que parecia revestido de um ambiente luminoso e engrandecido por auctoridade extraordinaria. Incutia respeito o seu olhar penetrante, e o gesto tinha a expressão da convicção suprema. Dir-se-ia que era um dos homens raros que vivem do fogo do pensamento e falam com o poder do infinito, que julgam trazer no seio.

Luiza fitou o com admiração e G. sentiu um estremecimento percorrer-lhe o corpo.

— Ai do clero! exclamou Henrique com voz trovejante, ai do clero! que andou transviado e tem

infringido as leis que devera respeitar! Ai de elle! que sobre a cabeça tem meio descarregado o golpe de uma espada flammejante!

«Não ouvis esse rumor vago que ahi soa terrivel, como o echo longiquo da tempestade?! É a colera de uma grande parte da sociedade que se levanta contra o clero que a tem opprimido!... opprimido pelos tragicos horrores da Inquisição, e pela brutalide da força material que a Egreja guerreou denodadamente nos seus primeiros e dourados dias.

«Ai do clero que, calcando aos pés os direitos do homem, tem querido monopolisar todos os poderes! Virá porém um dia em que a sociedade lhe tomará contas rigorosas!... Então elle, representante de um mao principio, reconhecerá o erro, e choral-o-á amargamente!

«Não vedes todos esses conventos, atulhados de homens, cuja maior parte, ignorando que o trabalho é a escada de Jacob, por onde se sobe ao ceo, passa a vida no ocio a mendigar?! Pois bem!... tudo isso dentro em pouco será derrocado e varrido pelo sopro ardente da guerra que rouqueja ahi perto!

«Virão dias em que o padre será menospresado! Será então o seu viver de trevas, o seu pesádo captiveiro, consequencia de passados erros!... No seio das trevas terá sêde de luz e de palavra! Illuminar-se-á da luz do Evangelho e beberá da palavra do Ideal! e caminhando á frente das ideas novas e mais ardentes, prégará a fraternidade, liberdade e egualdade; aconselhará a virtude e o trabalho; será o anjo exterminador da tyrannia, e conduzirá a humanidade áquellas regiões de poesia vaga e de paz vivificante, áquelle ideal de embriagante perfeição, com que ella, ha seis mil annos, incessantemente sonha! Será por isso accumulado de saudações do genero humano e de bençãos do Infinito.

— Crê portanto, perguntou G., no progresso da humanidade?

— Sim, creio firmemente.

— Mas não lhe parece que a sociedade caminha mais devagar, do que podia e devia?

— Por certo a sociedade vae lentamente, como os deuses da civilisação antiga; emquanto dá um passo, teem-se escoado seculos e seculos. Não sabeis porque a humanidade caminha tão morosa? É que, em logar de se governar a si mesma, ella tem abdicado os seus direitos nas mãos de um homem, a quem chama rei, imperador ou presidente, pouco importa o nome; é sempre um individuo insufficiente para attender aos interesses de uma população numerosa; é o egoismo, erguido em nome do monstro, denominado interesse geral, sacrificando vergonhosamente o bem individual; é o representante dos erros da sociedade ignorante; é emfim um monstro, creado, ha largos annos, pelo genio do mal para cortar o voo ao progresso nas suas grandiosas aspirações. Como porém a força do mal é inferior á do bem, o melhoramento ha de triumphar, e a sociedade, reconhecendo melhor os seus direitos e as vantagens da simplificação dos poderes, governar-se-á a si mesma entre as doçuras da paz e os esplendores da sciencia.

'Neste momento um clarão roixo pallido, atravessando a vidraça, encheu a sala. Despedaçando o ventre de uma nuvem prenhe de procella, um raio rasgou o ar produzindo ribombo prolongado.

— Oh! meu propheta da perfectibilidade!— exclamou o velho, abraçando enthusiasticamente Henrique — é Deus que nas vozes da tempestade confirma a tua predicção!

G., que nutria as mesmas ideas, ainda que não desenvolvidas com tanto arrojo, viu em Henrique um

apostolo ardente e abraçou-o com toda a effusão da amisade que traz a harmonia do pensamento.

Um segundo trovão ainda mais forte ribombou pelos valles, e um ruido impetuoso se foi aproximando com a rapidez da nuvem impellida pelo furacão: era uma corda de agua de pedra que vinha atravessando aquelles sitios.

Indo á janella observar o tempo, o ancião viu o horizonte purpureado pelos primeiros sorrisos da aurora. Volvendo-se para Henrique e Luiza, disse:

—Ide-vos deitar, meus anjos, que ahi vem ja rompendo a manhã.

Elle ficou só; ergueu um tanto o braço esquerdo e deitou a fronte na palma da mão com ar de quem se absorve em meditação profunda. Em que meditava? No pedrisco que açoitava o tecto? Teria saudades do passado? Veria esperanças ou terrores na escuridade do futuro? Desenrolar-se-lhe-ia de repente o passado, o presente e o porvir, como succede ao homem de genio, quando está para deixar esta vida? Parece-nos isto o mais provavel, attendendo aos factos que depois se deram. O que porém sabemos de certo é que elle apoz a meditação ficou á janella, vendo passar a tempestade; de ahi atravessou um corredor, entrou 'numa casa allumiada por uma alampada, e olhando para um crucifixo, inclinou respeitosamente a cabeça, murmurando: «*Ave Jesus, redemptor mundi!*» passou finalmente á alcova e deitou-se, quando os primeiros raios do sol vinham derramando no horizonte ondas de ouro e de luz.

VIII

O oratorio de G.

A casa allumiada que G. atravessou era um oratorio, de forma espherica, o qual tinha o que quer que seja de respeitoso apparato. O pavimento era coberto por um tapete de ramagem verde com flores azues e carmezins, em chão branco. Do centro do tecto pendia uma alampada de ouro e crystal, a qual, perennemente acesa, parecia guarda constante de aquelle recinto religioso. No fundo, em frente da porta, que deitava para o oriente, levantava-se um altar magestoso e elegante. Sobre este estava arvorada uma cruz de ebano, em que era pregado um bello crucifixo de marfim; aos lados bem acabadas serpentinas de ouro armadas de velas brancas. Maravilhoso quadro da Virgem, dominando o altar, quebrava o aspecto severo da cruz

negra e dava áquelle recinto magnificamente adornado, o mystico encanto de uma capella religiosa do V ou VI seculo.

A morada do antigo cura de P. respirava um acceio rigoroso: era a imagem da vida equilibrada com o bom gosto.

Apesar de viver 'num tempo, em que o absolutismo politico, de mãos dadas com o fanatismo religioso, pairavam sobre todas as instituições para as dominar e penetravam no lar domestico a fim de observar até os sentimentos mais intimos e os mais innocentes prazeres da familia, G. era homem de ideas livres e vivia uma vida condemnada pelos austeros religiosos do seu tempo. Amava o bello e o sublime que arrebatam a alma, sem desprezar os deleites suaves que dulcificam o coração.

Que Deus criasse o homem para assassinar lentamente o corpo pelo soffrimento; para se curvar e gemer cobardemente perante a dor, sem fazer um esforço para a destruir; fazer-se condemnar voluntariamente ao desterro, á fealdade, á indigencia, á misanthropia; para emfim renunciar a tudo quanto o mundo physico tem de bom, de bello, de suave, de risonho e sublime, não o comprehendia elle.

— O homem — dizia G. — é incompleto sem o corpo: ora, se dizem que Deus o ama e quer a sua conservação, são incoherentes quando affirmam que devemos mortificar e enfraquecer o corpo, em vez de o robustecer para combater e decepar o mal.

«O Creador não nos deu braços para os encruzar, nem orgãos para os destruir.

«A materia move-se; e este movimento tem leis que lhe regulam a conservação; a indolencia, portanto, ou o odio á existencia, é um attentado contra a natureza.

Este modo de pensar levava-o a combinar a riqueza com a virtude e os prazeres innocentes do corpo

com as alegrias do espirito. Eis ahi porque, sendo elle sincero amigo dos infelizes, conservava todavia mobilias custosas, quintas, passeios e jardins deliciosos.

Uma tarde abrasadora de verão entrava lhe pela porta dentro um frade mendicante. G. correu a recebel-o com muito carinho, tirando-lhe o sacco do hombro e foi elle mesmo pendural-o; depois conduziu o mendigo á sala e fel-o sentar 'numa cadeira flacida.

O desgraçado trazia uma tunica velha coberta de poeira; descalços os pés, gretados por falta de acceio; e sangue 'num tornozelo. Attentando 'nisto, G. foi buscar agua para lhos lavar.

— Que! — exclamou o mendicante ao ver a agua— eu trago assim os pés, porque isto é agradavel a Deus.

G. encolheu os hombros, desabotoando ao mesmo tempo um sorriso de compaixão. De ahi poz-lhe deante uma banca e collocou sobre ella boas fructas e excellente vinho. O frade devorou as fructas e o vinho foi-o saboreando copo a copo.

Entretanto G. foi travando conversação amigavel com o seu hospede e acabou por lhe ir mostrar a capella, onde o mendicante caiu de joelhos e orou, ao parecer com muito fervor. Acabada a oração, ergueu a fronte e poz-se a observar detidamente cada um dos objectos que adornavam o oratorio. O que porém lhe prendeu mais a attenção foram certas maximas gravadas em lettras de ouro nos muros revestidos de pintura. Depois de as ler franziu a sobrancelha e concluiu que eram indignas do templo de Deus. Desde então ficou fazendo de G. uma idea triste; julgou-o uma alma transviada dos caminhos do Senhor e impoz se a missão de o converter.

Depois de lhe mostrar as aguas, os passeios e as flores do jardim, G. conduziu-o a um quarto, onde sobre magnifico leito estava uma cama coberta de sedas e ungida de perfumes, e lhe disse:

— Pode ahi deitar-se, quando quizer.

O frade, que vira em tudo aquillo a condemnação de todas as suas ideas e sentimentos e a de toda a sua vida: não pôde conter-se: exclamou:

— Isto não serve para mim que estou costumado a dormir 'num taburno ou nas lages do chão! Eu não sou a esposa do *Cantico dos Canticos* para me deitar 'numa cama de seda e de perfumes. Mas para que é todo este apparato?! Não vos parece tudo isto desagradavel a Deus?!

— Estaes enganado, meu irmão, redarguiu G. com um sorriso de bondade; a esposa do *Cantico dos Canticos* sois vós, são todos os pobres, os infelizes todos. Os bens que eu tenho adquirido pelo meu trabalho servem para soccorrer os desgraçados que me veem implorar gasalhado. A virtude não consiste, como vós cuidaes, na indigencia rigorosa e no despreso absoluto de todos os bens da vida. Essa existencia exclusivamente meditativa, que a todos aconselhaes, suppõe o homem mero espirito: e, sendo por todos seguida, produziria em pouco o suicidio da humanidade.

«Sois ainda moço, e, se em logar de arruinar a existencia, a conservasseis; se em vez de vos condemnardes á mendicidade, adquirisseis bens pelo trabalho, que é o germen da vida, da riqueza, da honra, da gloria e da virtude; pelo trabalho que é a penitencia imposta ao homem pelo Creador, serieis acaso mais util a vós e á sociedade e mais agradavel a Deus!

O mendigo arregalou os olhos, como se tivera ouvido inesperadamente o maior de todos os absurdos, e disse com um gesto de resolução suprema:

— Não dormirei aqui.

— Bem, bem; não vos magoeis, tornou G. com affabilidade; dormi, onde vos aprouver.

Depois de cear foi deitar-se sobre um feixe de vides que estavam na casa da lenha. Pela manhã, quan-

do acordou, sentiu um calafrio contrair-lhe vigorosamente os nervos e quasi que se arrependeu de ter despresado a boa cama, ao ver uma vibora que se lhe rojava ao lado.

Um momento depois julgou a apparição do reptil um aviso do ceo, para sem demora deixar aquella casa. Tudo ali se lhe affigurava conspirar contra elle. Decidiu magistralmente que G. estava ardendo no fogo do inferno, e foi-se sem ao menos lhe dizer adeus. A luta era impossivel: o espectro da ignorancia tinha de lisongear a vaidade do mais fraco e de arrastal-o a quebrar todos os deveres da delicadeza e da sociedade.

Nas ideas de estes dois homens ha, ja se vê, um contraste singular: um, vendo o bem e a immortalidade só atravez do prisma da consciencia ennevoada; arreigado ás ideas lugubres que no espirito lhe havia infiltrado uma educação antisocial e homicida; fechando os olhos á immensa cadeia de brilhantes victorias que a intelligencia tem alcançado em luta renhida contra o mal; caía desfalecido perante o espectro da desgraça; achava a vida longa e pesada, e tratava de destruir o corpo que lhe parecia um sepulchro, onde a alma respirava os miasmas da morte: outro mais avisado e mais logico cria na força invencivel do espirito e no progresso da humanidade, e considerava a natureza uma escrava que o homem pode e deve agrilhoar, sem remorsos. A vida parecia-lhe breve: desejava prolongal-a e empregava para isso todos os esforços para destruir o mal que a aggredia. Tinha uma esperança inabalavel na perfectibilidade do genero humano; era 'numa palavra um dos homens admiraveis e fortes, cuja esperança é cheia de immortalidade.

A sua grande alma, a luz, por onde dirigia os seus passos, transparecia, por assim dizer, nas maxi-

mas gravadas nos muros do seu oratorio. Eil-as:

I — A instrucção é a luz, e a luz é o bem e o bem é a vida: quem se não instrue, morre nas trevas.

II — E' digno de respeito o homem, que em lucta perpetua contra o mal, combate em prol da existencia: tem direito ás bençãos das gerações por vir.

III — Quem mata o assassino é assassino; quem lhe perdoa e o melhora é bemaventurado.

IV — Infelizes, que percorreis o mundo mendigando pão aos opulentos, arrojae para longe o vosso manto de andrajos.

Pensae, que o pensamento é fecundo.

Consagrae ao trabalho as forças que ainda vos restam, que o trabalho vos cobrirá de bens.

V — São de todos os bens que a natureza creou para todos, e sem os quaes ninguem poderia existir: a terra é um bem commum, destinado á sustentação do homem.

VI — Quem trabalha tem direito aos fructos do seu trabalho.

O trabalho é a origem e a base do capital e da riqueza.

VII — Poderosos da Terra! se quereis o bemestar da vossa descendencia, preparae o equilibrio das fortunas, que 'nelle está a alma da vida social.

VIII — Tremei ó vós, que, passando a vida no ocio apparatoso, bebeis o suor do povo, que roubaes e opprimis! Em bocados voarão vossos thronos e sumir-se-ão no pó do nada.

IX — É dever de todo o homem levantar-se contra a oppressão, contra a ignorancia, contra a dor e contra a morte.

X — Todo o homem tem o direito de se governar, e escolher quem administre os bens que, sendo communs, são tambem seus.

XI — A realeza é uma tyrannia: o seu governo uma usurpação.

IX

A queda do catholicismo

ESTAMOS em Novembro: o vento e os aguaceiros do outono deitam abaixo as folhas amarellecidas e inuteis á seiva das plantas. As arvores meio nuas vão apresentando um aspecto triste. Está o chão coberto de folhagem secca. O sol entre cumulos de nuvens dá a furto uma luz desconsolada.

A tristeza do ceo e da terra infiltra se no espirito do homem. A desorganisação de certos seres da natureza obriga-o a pensar na destruição do seu corpo, na morte, na outra vida.

Esta epoca de tristeza e de reflexão sobre o futuro escolheram-na os padres para fazer lugubres funcções em honra dos mortos: tiveram o cuidado de aproveitar para a sua causa as tendencias geraes dos espiritos.

'Nesse tempo a egreja faz preces por todos os finados: dá essa esmola aos pobres que não tiveram dinheiro para dar aos sacerdotes que lhes abrissem as portas do ceo.

Cada freguezia faz 'naquelle mez o seu officio de finados. Ora, ao norte da quinta de G., havia uma aldeia chamada Moncarrapaxo, cujos habitantes tinham grande respeito pelo velho cura de P. e muito enthusiasmo pela sua palavra. Os mesarios da irmandade que pagava as despezas do officio dos fieis defuntos, fizeram com que o seu prior fosse pedir a G., que elles, ha muito, tinham o desgosto de não ouvir, para ir prégar o sermão de exequias.

Com effeito ás onze horas da manhã parava á porta de G. um cavallo em que montava o prior de Moncarrapaxo. Pouco depois estava o padre a almoçar com G., Henrique e Luiza.

O prior de Moncarrapaxo era inteiramente catholico e apostolico romano; isto é, seguia cegamente todas as ordens e todas as doutrinas da curia romana.

Quando no fim do almoço disse a G. o fim para que o procurava, este respondeu que estava cansado e velho.

— Mas que quer que eu faça, tornou o outro padre, se elles o querem ouvir?

— Demais, accrescentou G., sabes que as minhas doutrinas não estão muito de accordo com as de aquella gente de Roma, que tu segues cegamente.

— Eu não sigo os homens; sigo a Egreja.

— Mas a Egreja é dirigida pelos homens.

— Eu não quero cá saber de isso: préga lá como entenderes.

— Ja vejo, disse Henrique, que o snr. prior é um intrepido defensor da curia romana.

— O que eu defendo é o catholicismo.

— Defende portanto a S. Bartholomeu, aquella in-

fame hecatombe de cincoenta ou sessenta mil victimas barbaramente apunhaladas 'numa hora pelos partidarios da curia; defende a *Inquisição* com os seus tormentos, com as suas fogueiras, com os seus roubos.

— Perdão; a Inquisição não rouba.

— Nada, não, senhor; em vendo alguma familia muito rica chama-a ao celebre tribunal do *Santo Officio* que a condemna sempre; depois a titulo de *confisco* usurpa-lhe os bens, que divide com o estado, quero dizer, com o rei.

— 'Nesse caso é o rei que tem a responsabilidade.

— A responsabilidade do rei não destroe a da *curia*; a *Inquisição* não é senão a curia de mãos dadas com o rei, para expoliar e opprimir os povos.

— Não faças caso; Henrique é um rapaz; disse G. para o seu collega, levantando-se e saindo, para não tomar a responsabilidade de tão grave discussão.

— E o mais é, continuou Henrique que esses grandes e horriveis morticinios, que esses infamissimos roubos são feitos em nome da religião!

«Oh! uma religião assim; uma religião que rouba, que fere, que mata; uma religião tão intolerante, tão sanguinaria e tão cruel, não é, não pode ser a religião de um Deus.

— Então, perguntou o padre muito espantado, a religião christã não é a religião de Deus?

— E' sim, é; mas a religião da curia romana, ou isso que chamam catholicismo, é que não é a religião christã.

— Então o que é?

— E' uma seita condemnada a desapparecer.

— Jesus! exclamou o padre; o senhor é um impio!

— Bem vê, respondeu Henrique sorrindo-se, que tenho pela Divindade o maior respeito.

— Pois então o senhor não disse que a Egreja ha de acabar, a Egreja que Christo disse eterna ?!

— Entendamo-nos bem ; o que eu digo que acaba é o catholicismo.

— E' impossivel ! exclamou o padre irritado e dando um murro na mesa.

— Ora ouça lá ; não se apoquente : o catholicismo tem os seus sacerdotes desacreditados, porque são elles os primeiros que transgridem escandalosamente as suas proprias leis.

— Como ?!

— Olhe : o catholicismo decreta o celibato em nome de uma virtude que chama *virgindade*, e que é antes *esterilidade;* mas desde o papa, até ao cardeal ; desde o cardeal até ao conego ; de este até ao parocho, todos infrigem a lei, todos desacatam a virtude com offensa da sociedade, porque os padres seduzem as esposas, as viuvas, as virgens : vivem por assim dizer 'numa polygamia, da qual não veem filhos : saem ladrões e engeitados.

«Este procedimento do clero tem-no desconsiderado, e chamado sobre elle os odios de todos os que amam a familia e tem por ella respeito.

— Mas que quer o senhor que façam, se a lei lhes prohibe o matrimonio ?

— Que deroguem a lei.

— Isso não pode ser ; na doutrina da Egreja não ha variação ; é sempre uma, a mesma.

— Oh ! E' exactamente isso mesmo que perde o catholicismo ; é a immobilidade que o perde ; a immobilidade é a morte.

«Meu padre, nas producções do espirito da-se o mesmo que na sociedade, que em a natureza ; para viver é necessario progresso, movimento : o estacionamento é a morte.

«A verdade é progressiva como o mundo : as dou-

trinas do catholicismo, as suas praticas são immuta veis: o catholicismo está por conseguinte em opposição com o mundo: não pode viver.

«De que serve ao catholicismo declarar que as suas instituições são divinas e eternas, se as revoluções, passando por cima de ellas, as destroem e aniquillam?!

«Vêdes portanto que o catholicismo, decretando o celibato dos padres, os lança na immoralidade e os expõe aos odios; decretando a *Inquisição*, a *S. Bartholomeu*, torna-se assassino, cobre-se de sangue; decretando a immutabilidade, decreta a si mesmo a morte.

«Como pode existir pois uma instituição que tem em si tanto vicio e tanto crime? !

—Mas que remedio? perguntou o padre estupefacto.

— Reformar, progredir, acompanhar o movimento ascencional da humanidade: deixar a tyrannia dos reis e por-se á frente da emancipação dos povos.

«Meu amigo, o fim para que foi creado o christianismo é este: emancipar as grandes massas de escravos da antiguidade, distribuir as fortunas accumuladas com o suor e com o sangue de esses escravos. Eis ahi porque essa religião manda aos ricos repartir os bens pelos pobres; ahi está porque ella préga a fraternidade universal.

«Ora, está porventura cumprida a missão do christianismo? Não; os povos ainda são *fieis subditos* dos reis; o proletario e o artista estão á mercê da vontade dos ricos que lhes dão alguns réis para que vivam apenas; é a escravatura sob uma forma menos horrorosa.

«O que tem pois de fazer a religião? Destruir pelo amor, porque a religião inspira-se do sentimento, a escravidão que ainda existe.

«O catholicismo porém, meu padre, tem feito o contrario de tudo isso; tem estado sempre ao lado dos reis contra os povos; ao lado dos ricos contra os

pobres: ao lado dos grandes despotismos contra as grandes liberdades.

«O catholicismo não obedece ao movimento fatal do mundo, porque préga aos povos a crença cega nas doutrinas e instituições immutaveis.

«O catholicismo não se inspira do amor e da fraternidade, porque está coberto de sangue, de muito sangue, do sangue derramado pela *Inquisição*, do sangue do tão horrivel, quanto infame morticinio da *S. Bartholomeu:* o catholicismo cae!

— Então ainda não acabaram com essa discussão? perguntou G., entrando na sala.

— Este senhor, respondeu o cura, é de uma atroz injustiça para a religião catholica; até lhe attribue a *S. Bartholomeu!* Nem que a egreja preparasse ou approvasse aquella matança!

— Nada, não senhor!... Approvou-a com o maior escandalo que se pode dar ao mundo! Fez solemnidades, como se a religião tivesse conseguido um brilhante triumpho com o assassinato infame e premeditado de cincoenta ou sessenta mil pessoas mortas cobardemente ás punhaladas dos sicarios de Catharina de Mèdicis e dos fanaticos da curia romana! Barbaros! monstros!...

— Repito, retorquiu o prior, a egreja não tem responsabilidade 'nisso.

— Não tem?! Eu ja lhe mostro.

Henrique saiu precipitadamente e de ahi a pouco tornou a entrar com um livro que era o primeiro tomo das obras de Muret.

— Ouça! exclamou elle: o papa Gregorio XIII está revestido das vestes pontificaes; vae entoar um *Te Deum* em acção de graças por um feito, que é uma *gloria* para a Egreja. Muret préga deante do Pontifice e do seu clero, fazendo o panegyrico de esse feito:

«Ó memoravel noite aquella, digna de juntar-se nos fastos a algum acontecimento eximio, noite que pela morte de um punhado de sediciosos livrou o rei do iminente perigo da morte e o reino do perpetuo receio das guerras civis!

«'Nessa noite por certo no firmamento as estrellas appresentaram brilho mais vivo, e as ondas do Senna foram maiores para envolverem depressa e arrojarem ao mar aquelles cadaveres de homens impuros!

«Ó felicissima mulher, Catharina, mãe do rei, que tendo conservado por tantos annos com admiravel prudencia e egual solicitude o reino, viu finalmente o filho reinar com segurança!

«Ó tambem felizes irmãos do rei! um de elles na edade em que os outros ainda difficilmente manejam as armas, quiz que a gloria de este brilhantissimo feito lhe pertencesse especialmente a si; o outro, posto que em edade não idonea para as armas, é comtudo dotado de tanto valor, que 'nesta façanha não consentiu que se lhe avantajasse senão o irmão!

«Ó dia em summa repleto de alegria e de jubilo aquelle, em que tu, beatissimo padre, recebida esta noticia, determinaste dar graças a Deus immortal e ao santo rei Luiz, em previlegio dos quaes se deram estes acontecimentos!

«Que melhor nova te poderia ser trazida? ou que mais feliz principio do teu pontificado poderemos nós desejar, que ver logo nos primeiros dias dissipadas as trevas horrorosas e quasi nascido o sol?!

«Ahi tem! ajuntou Henrique. Quer mais claro? Que vergonha para a Egreja! Que affronta á religião! Oh! não, não, não pode existir muito uma seita que se conspurca, que se cobre do sangue que em jorros corre das victimas que apunhala!

«Oh! não, não é, não pode ser santa uma religião que se sustenta com o punhal, como o bandido!

«Deve acabar uma religião que fere, que mata e que no dia dos seus horriveis morticinios se embriaga a ponto de ver as estrellas ostentarem maior fulgor no firmamento!

«Ó padre! quem premedita, como a egreja catholica o fez, um assassinio durante annos, e depois, á hora calculada, vae a casa da victima, apunhala-a, e ri sobre o cadaver e sobre o sangue, não tem consciencia, não tem juizo! está enfermo, morre de alienação!

— O' senhor! exclamou o padre; attenda a que está defendendo os herejes!

— Tambem aos primeiros christãos crucificados e queimados nos jardins de Nero chamavam impios e impuros, tal qual vós chamaes aos huguenotes!

— Vejo que é protestante...

— A minha religião é a humanidade, no exercicio de todos os cultos moraes.

«Que os catholicos não matem os protestantes, e que os protestantes não matem os catholicos.

«Quem mais proselytos faz pelo trabalho e pela sciencia, mais proximo está da verdade.

— Então acabam ou não acabam com essa discussão?! disse G. contrariado.

Henrique percebeu que G. achava essa discussão inconveniente. Saiu, deixando os dois padres.

G., para evitar algum desgosto a si e a Henrique tratou de mostrar ao prior o maior agrado possivel; desfez se em attenções e prometteu-lhe ia prégar o sermão.

Tinha de feito sido inconveniente Henrique, dizendo tão duras verdades áquelle homem, que era um lobo da egreja; com as feras não se discute.

X

Um banquete de padres depois de um officio de defunctos

No domingo á tarde, dez dias depois do prior de Moncarrapaxo ter estado com o padre G., estava *elle* na sua egreja parochial, casando um par de noivos, que foram para casa do parocho.

Chegados a casa, a noiva *foi*, como de costume, pôr o jantar na mesa, e sentou-se 'numa cadeira ao lado do padre.

O noivo ficou na cosinha, onde habitualmente jantava.

Estavam pois 'naquella casa um homem e uma mulher que se tinham casado, havia pouco: dera-se o facto da constituição legal de uma familia, e não obstante, tudo corria como se tal não acontecera. O que

de tudo isto se podia deduzir é que o verdadeiro marido era o padre.

Deitariamos um denso veo por cima de este grande escandalo, se não fôra util, indispensavel até, que a sociedade veja e conheça as chagas que a deterioram, para se applicar o meio de as curar.

O prior de Moncarrapaxo tivera outrora uma criada, ou antes uma ama. Mal ella deu signaes de gravidez, casou-a com o criado. Passados sete mezes, a mulher deu á luz um filho, que o padre baptisou com o nome de Pedro, o qual foi creado em casa do parocho, a quem ficou chamando padrinho.

Tivera a mulher mais um filho e uma filha, cuja paternidade era duvidosa.

Tinha a ama ja perdido o frescor e os encantos da mocidade: o padre, para se desfazer de ella e da sua familia, comprou uma junta de bois que deu ao marido, e poz todos na rua, excepto o Pedro, que era ja homenzinho.

Tomou depois o bom prior outra ama e outro criado. De ahi a um anno a mulher apresentou indicios de gravidez. O padre quiz casal-a com o criado; mas este não esteve pelos autos: em consequencia do que viu a luz uma desgraçada menina, a qual, por não ter quem tomasse a responsabilidade de pae, foi engeitada.

Como o criado não estivesse para ser o pae dos filhos do prior, foi posto na rua: em logar de elle veio outro, que esposou a ama, para quem o padre tinha comprado uma junta de bois e uma courella.

Estiveram estes *bemcasados* em casa do prior alguns annos. A' maneira que a mulher ia perdendo a mocidade e a belleza, o padre ia diminuindo a affeição. Tratada emfim com severidade e despreso, ella amou devéras como verdadeiro marido o que até ali não tinha sido mais do que o simulacro. Saiu de casa

do prior com seu homem e com tres filhos, e foi morar para a casa que o seu companheiro construira na courella que em dote lhes deu o cura.

O prior, ja se vê, tomou logo outra ama, em quem elle ja andava com o olho, havia tempo. Chamava-se Anna. Era uma rapariga alta, pallida; labios delgados, olhos grandes e lascivos.

O padre tinha assentado um plano invariavel quanto ás amas: quando esta apresentou o mesmo estado perigoso das outras, casou-a com o criado, que de esta vez era o Pedro, o proprio filho de elle!

Este o motivo por que Anna, em vez de jantar com seu marido, jantava com o prior.

Acabado o jantar, o padre chamou pelo seu filho, marido da sua ama, e lhe disse:

— Isto hoje não foi nada; amanhã depois da festa é que ha de ser a funcção: vae buscar dois carneiros, mata-os esta noite para o jantar de amanhã, que teem de cá vir jantar os padres que vierem ao officio.

O pobre Pedro saiu; e o padre ficou em casa acariciando a mulher de seu filho!

Isto é desusado no seio da sociedade que não vive envolta em mysterios; é infame, é horroroso! Mas é necessario que o povo conheça estas infamias e estes horrores para que se não deixe illudir e entregar.

Emquanto o prior, depois de jantar e acariciar a sua ama, dormia no regaço de ella o somno da volupia, os mesarios da irmandade das almas levantavam uma eça no centro da egreja parochial e vestiam o templo de negro para no dia seguinte celebrar-se o officio de finados.

Com effeito, na segunda feira pelas dez horas estavam doze padres cantando sem sentimento nem magestade os psalmos e antiphonas do officio de defunctos; pareciam doze proletarios, que tinham tomado

uma vinha de empreitada e que se davam pressa em em acabar o trabalho para receber o dinheiro.

Entre aquelles homens appareceu pela volta do meio dia um que, depois das devidas ceremonias, subiu ao pulpito e commoveu o auditorio pela sublimidade dos seus pensamentos e pelo arrojo da sua palavra: era o padre G.

Este padre, terminada a festa, montou no seu cavallo e seguiu para sua casa; os outros foram jautar com o prior.

Sentaram-se á mesa os doze levitas, tendo cada um deante de si uma garrafa de vinho, a qual era substituida por outra, mal estava vasia.

O jantar constou de um caldeirão de ensopado de carneiro; um tacho de fressura de carneiro guizada; um alguidar de carneiro com batatas; seis gallinhas com arroz; tres leitões assados e doze travessas de arroz doce. Para a sobremesa houve passas, romãs, amendoas, queijo, figos, com vinhos brancos da Fuzeta.

Serviram á meza Pedro e Anna. Era este o festim do seu noivado!

Os padres no principio comiam muito, bebiam pouco e não falavam nada; no meio bebiam muito, comiam menos e falavam alguma coisa: no fim comiam e bebiam pouco e falavam muito.

—O' prior, dizia o conviva da direita, então ja outra ama? E esta é bem bonita!

— Ao menos não sou, replicou o prior, como você, que tem duas.

— São duas primas, que eu costumo visitar.

— Que teem filhos seus com quinze dias de differença!

— Que faz você aos filhos, ó frei Joaquim Manoel? perguntou o diacono que estava defronte do homem das duas primas.

— Mandam-nos as mães para a roda, respondeu o frade a rir-se ás gargalhadas.

— E' cá o meu sonho, murmurou o diacono para o collega da direita: duas amas e duas pipas de vinho.

— Vocês desacreditam a religião! disse um dos convivas, que era prior de uma freguezia proxima.

— Olha o santo! exclamou o frade.

— Eu não sou santo, mas sei arranjar as coisas.

— Como é que tu arranjas isso, ó collega? perguntou o prior com a voz embaraçada pelo vinho.

— Optimamente; casei uma moça bonita com o sacristão, a casa de quem vou todos os dias.

— Quem faz bem, disse o padre com sua voz de trovão, é o Ramalho, que tem os filhos em casa.

— Por isso, atalhou um dos convivas, não lhe dão beneficio nenhum e o desprezam.

— Deixal-os, respondeu o padre, 'num tom de bondade e de satisfação; eu cá vou vivendo; a minha Catharina casou ha dois mezes com um rapaz que tem alguma cousa e é honrado; e o meu José acaba este anno a sua formatura.

«Esta consolação de criar e educar os meus filhos vale por certo mais, do que os favores do bispo e do cabido, que mandam os seus para a roda, que é um açougue.

— Eu cá não sou de essa opinião! exclamou outro padre. E' uma tolice a gente ter só uma mulher, quando pode ter muitas.

— Apoiado! gritou o frade.

— O diabo é a lei! atalhou o diacono.

— Qual lei, nem lei! retorquiu o conviva, a quem o frade apoiara. A lei do celibato o que manda é que o padre se não ligue perpetua e invariavelmente a uma só mulher. Esta lei foi feita, notemos bem, pelos padres, que gosavam e mandavam 'naquelle tem-

po: por consequencia essa lei o que quer dizer é que o padre não deve tomar o peso da ligação por toda a vida com uma mulher, para gosar sem responsabilidade tantas quantas puder.

— Apoiadissimo! berrou o frade, tomando um copo de vinho branco.

— Se assim não fosse era uma lei barbara e contranatural! concluiu levantando-se, o philosopho da lei do celibato.

A este tempo ja o prior se havia deitado na sua cama, onde resonava sob a influencia do vinho.

Um dos convivas estava na sala deitado sobre tres cadeiras, de onde tinha lançado ao chão golfadas de comer e de vinho que infeccionavam o ambiente.

O frade fôra, cambaleando, deitar-se 'num banco, estendido ao longo da parede da casa do jantar.

Os outros convivas sairam e foram-se embora, excepto o diacono, que era sobrinho do prior e que ficou sentado á mesa, capaz de beber ainda muito.

Era a primeira vez que Anna via o sobrinho do seu prior: sentiu por elle profunda sympathia, que lhe demonstrava em ardentes e voluptuosos olhares.

Acabada toda aquella fadiga o pobre Pedro foi deitar-se; e sua mulher sentar se á mesa ao lado do diacono.

Este homem chamava-se Ezequiel de Lima. Era alto, secco, olhos azues, bocca rasgada, parecendo continuamente rir. Era bestial e cynico. Mal viu Anna ao seu lado, lançou-lhe o braço direito em roda da cintura, comprimindo-lhe-a docemente. A mulher baloiçava-se no braço que a cingia, em quanto comia e bebia dos restos que ficaram sobre a mesa; e recebia de quando em quando um beijo do sobrinho do seu prior, seu verdadeiro marido.

Ezequiel disse a Anna que lhe ensinasse o quarto,

em que elle havia de dormir; Anna levantou-se, deu-lhe o braço e conduziu-o para uma alcova, de onde ella não saiu, senão depois do nascer do sol.

Assim acabou esta orgia, cujas personagens inspiram menos odio, do que dó!

XI

Crenças e acções de um bom homem

VOLTANDO de Moncarrapaxo, G. apanhou agua no caminho e chegou a casa molhado: tomou vinho quente com assucar e deitou-se. Ja lá vae porém a tarde do terceiro dia depois do banquete e elle ainda está de cama. Sentado 'numa cadeira de braços á porta da camara, Henrique lê attenciosamente as *Biographias dos Varões Insignes* de Plutarco. G. solevantando a cabeça diz-lhe:

— Henrique, venha ca para o pé de mim.

Depois de o ter perto:

— Diga-me: vossemecê ama Luiza?

Henrique ficou um tanto embaraçado.

O velho continuou:

— Não me o negue, que eu bem o sei.

— É verdade, tornou Henrique: confesso que a amo apaixonadamente desde que a vi a primeira vez. Conheci que entre mim e ella havia um abysmo que nos separava e protestei nunca mais tornar a vel-a; a sorte porém, o destino ou a Providencia trouxe-me inesperadamente para aqui. Eu ja devera ter attentado em que era de mais 'nesta casa, mas o mal ainda tem remedio. Antes da conclusão de este bello drama devo fazer duas declarações: uma é que estou em extremo penhorado da hospitalidade que recebi; creia o snr. G. que jamais me esquecerão os dias que passei em sua companhia; são os mais felizes da minha vida; na minha existencia amargurada, representam o mesmo que um botão de ouro 'num muro de crepe: outra é que sempre tenho respeitado Luiza, como o archanjo da pureza, em cuja fronte o dedo da Omnipotencia tivesse gravado esta inscripção: *Noli me tangere* — inviolavel.

G. tirou debaixo do travesseiro um papel lacrado que entregou a Henrique, o qual perguntou:

— Que devo eu fazer de isto?

— É o meu testamento. Mande-o abrir, quando eu morrer.

— Faz-me por ventura seu testamenteiro?

— E meu herdeiro tambem.

— A mim?!

— Sim. Admira-se? Luiza, a quem eu deixava todos os meus bens, veiu hontem pedir-me encarecidamente que lhe os legasse, Henrique. Conheci então que ella lhe consagrava um de aquelles amores que, não sendo satisfeitos, concluem por uma tragedia.

«Depois de gravissimas reflexões, entendi que ninguem me podia succeder melhor n'esta missão civilisadora, ainda que obscura: é pois o meu herdeiro.

«Encontrará nos meus papeis sommas importantes gastas na instrucção, especialmente dos expostos —

familia desgraçada, de quem a sociedade faz uma especie de escravatura branca; grossas quantias empregadas na remissão dos captivos de Argel; muitas distribuidas ás occultas, aos pobres honestos que lutam para se erguer da miseria; brindes feitos a tal ou tal escriptor mais humanitario e distincto; bastante ouro offerecido a sociedades que se propõem propagar ideas livres e regeneradoras; finalmente muito cabedal despendido em estabelecimentos pios e até em obras publicas.

«Só me resta a pena de, antes de morrer, não levar ao cabo uma ideia concebida ha pouco: 'nesta encantadora terra ha creanças infelizes que teem uma voz divina, e espantosa tendencia para a musica; ora eu, para as habilitar a irem colher palmas e ovações por esse mundo e a tornarem felizes á terra natal, tencionava fundar um bom conservatorio, dirigido por habeis professores.

«Isto está acabado, meu amigo; como que sinto todas as porções constitutivas do corpo quererem tornar á sua origem primitiva.»

Aqui G. suspirou e descansou um momento.

Recomeçando:

— Ha uma observação que eu lhe devo fazer, Henrique. Apesar de ter gasto muito, os meus cabedaes teem augmentado consideravelmente de dia para dia. Isto creio que é devido, parte á boa direcção que lhes hei dado, e parte á benevolencia de aquella mão providencial que fecunda e vivifica todas as acções do homem de bem.

«Assim pois, meu filho — conceda-me que lhe dê este nome, que eu não tenho filhos, senão pelo coração — espero que seja digno successor de este homem que morre na consolação eterna de ter passado a vida em bem fazer.

A Henrique parecia tudo isto um sonho. Refervia-

lhe o pensamento. Estava quedo e mudo com os olhos pregados no rosto livido do interlocutor.

G. continuou:

— Que lhe parece? Em que pensa?

— E para onde vae Luiza? murmurou emfim Henrique, cedendo á idea que mais poderosamente o dominava?

— Boa pergunta!... Viverão juntos.

— Oh!... era isso o anhelo supremo do meu coração. Mas quando me lembro de que ella um dia se arrependerá e ha de chorar a sua existencia ridicularisada pela sociedade, concebo a idea de sacrificar a vida. Passar-lhe-á a paixão: e depois será feliz.

— É um homem realmente excepcional, meu amigo! afigura-se-me ter dois genios: um logico, penetrante e energico; outro incoherente e timorato. Não vê que a sociedade estabelecida sobre o erro é venal? E o dever do homem civilisador é obrigal-a por todos os meios, ainda que seja a peso de ouro, a declarar absurdo o que erigira em verdade. Ahi ha dinheiro para tudo isso.

«Demais, Henrique: o mundo é largo e a patria do homem intelligente é o ponto onde vive melhor.»

Luiza, que entretanto se approximara, ouvindo estas ultimas palavras, precipitou-se entre os interlocutores; pegou nas mãos de G. e beijou-as, murmurando vozes de agradecimento.

Não encontrando termos para exprimir toda a grandeza do seu reconhecimento, Henrique manifestou-o 'num olhar significativo. As expressões, com que o homem costuma responder a qualquer cortezia, são de ordinario as mesmas que tem para agradecer grandes rasgos de generosidade: eis ahi porque asvezes, esgotando-se lhe a phrase, elle recorre aos olhos, cuja expressão scintillante é mais eloquente do que a palavra mesma.

Tornando a G. : querendo ver o pôr do sol de aquelle dia, que julgava o ultimo da sua vida, sentou-se no leito e mandou abrir a cortina de uma grande janella de vidraça que deitava para o poente.

O sol, a sorrir-se, ia se mergulhando 'num horizonte vaporoso, brilhante e diaphano. As folhas amarellecidas pelos primeiros frios do outono, suscitavam 'nalma tristeza pensativa.

Contemplando este quadro merencorio da natureza, G. arrancou um suspiro profundo e exclamou :

— De feito, isto está acabado ; o tempo affigura-se-me correr com uma impetuosidade cem mil vezes mais energica, e como que vejo todo o meu passado desenrolar-se-me perante os olhos da alma !

«Com viva saudade me lembro dos prazeres mais innocentes : aquella palmeira em que eu dava com os olhos, assim que despertava, com a coma illuminada pelos primeiros resplendores do sol nascente ; aquelles cisnes de alvo collo que além vão saindo de crystalino lago ; aquellas arvores copadas, a cuja sombra refrigerante me ia acolher dos ardores do sol do estio... Ah ! quando penso que amanhã todas as minhas gratas recordações hão de jazer comigo no po ou no somno eterno do nada ! Impossivel !... ha necessariamente um principio intelligente que todos os dias faz nascer e pôr-se aquelle astro que além está a despedir-se com adeus merencorio ; que sustenta e equilibra o innumeravel exercito de mundos que de noite se ostentam rutilantes na vasta amplidão do espaço ! Ora este principio intelligente deixaria de o ser, se, recusando a immortalidade ao homem, lançasse o crime, a desesperança, a desordem ou a apathia no seio da sociedade !

«E a crença universal e constante que o genero humano tem na immortalidade, será um sonho, um desvario ? !... Oh ! desvario é chamar sonho ao pen-

sar consoloso e coherente da humanidade inteira!

«E de onde veem á alma estes voos para o Infinito? De onde lhe vem o instincto que a leva a querer immortalisar todos os actos mais nobres? Daria Deus ao homem o instincto da immortalidade para se divertir com elle, como a briza se diverte com a fevera de palha que agita a capricho entre nuvens de po ?! Se tal assim fôra, a Providencia seria um sonho.

«Mas a prova evidente que eu tenho agora da immortalidade da alma é o meu espirito mais forte, mais energico e mais activo do que nunca, envolvido 'neste corpo que está a desfazer-se.

«Ó immortalidade! immortalidade! tu és a fé intellectual do genero humano, derradeira esperança do moribundo, cadeia invisivel que prende o homem ao ceo! Sem ti o erro afogaria a verdade! 'supplantaria o crime a virtude! e o homem, desconsolado e apathico, sentar-se-ia nos caminhos da morte, fincaria os cotovellos nos joelhos, entre as mãos esconderia o rosto e esperaria que ella o ferisse e arrojasse á voragem do abysmo pavoroso do nada!»

'Neste ponto G. tomou entre as suas mãos a direita de Luiza e a de Henrique e comprimiu-as convulsivamente, dizendo:

— Uni-vos, meus filhos, na vida social. Guiae a vossa união pelo amor, que é a luz mais bella da existencia humana. 'Neste momento supremo recebei a benção... Adeus... Lá vou esperar-vos...

— Aonde ?! perguntou Luiza muito afflicta.

G. levantou os olhos ao ceo; ergueu-se de improviso; porém de repente caiu inanimado sobre o leito. Dir-se-ia que pretendera o corpo seguir a alma no voo audacioso ás regiões do Infinito, por que ella suspirava.

Tal foi o passamento sereno de este homem intelligente e brioso que, trabalhando pelo desenvolvimen-

to da humanidade, morreu na consolação infinda de haver procedido bem. Quão diverso é elle da morte amargurada dos que, sacrificando no altar do egoismo, ou aferrados a ideas velhas e ruinosas, definham pungidos pelo remorso ou pela duvida!

XII

Duas tempestades

MORTO G., Henrique ficou vivendo com Luiza na mesma casa, onde ferido recebera gasalhado. Com a mais meiga e mais formosa de todas as mulheres passou elle dois annos de liberdade, de poesia, de ternura e de amor. Uma filhinha de onze mezes, bella como a estrella mais brilhante, esmaltava lhe de sorrisos e esperanças a deliciosa existencia, que o mundo foi aguar chamando-lhe escandalosa. Para os hypocritas e fanaticos, Henrique era hereje e amante criminoso. Jacobino lhe chamavam os realistas; e os devassos immoral. Podia 'naquelle tempo isto levar um homem á prisão ou á forca. Receando isso mesmo, elle resolveu ir viver para a America do Norte.

Estava então em Villa Nova de Portimão um navio

a sair para New-York. A's dez horas da manhã de um dos ultimos dias de Outubro, Henrique beijava com muito carinho sua filha, que 'nuns labios de carmim lhe abria um sorriso innocente, para a entregar a Luiza, que estava montada 'numa bella mula ruça.

— Bem! disse Henrique comsigo mesmo, ao montar a cavallo; passaremos a noite em Albufeira; amanhã estaremos em Villa Nova e, de aqui a alguns mezes, vivendo á nossa vontade nos Estados Unidos.

A's duas horas da tarde iam entrando no Valletisnado, grande pinhal, tres ou quatro leguas distante de Faro.

O dia amanhecera claro; á uma hora, porém, serras de nuvens procellosas, levantando-se do nordeste, foram encobrindo a luz e formando entre o ceo e a terra abobada tenebrosa que se desfez em tempestade. Quando os viandantes entraram no pinhal, apresentava a atmosphera a tranquillidade magestosa que precede a tormenta. De ahi a pouco romperam os bramidos da procella, agitando violentamente a copa dos pinheiros. A natureza offerecia então um espectaculo sublime, mas terroroso: o negrume das nuvens engrossava o bosque, e as rajadas do temporal pareciam arrancar vozes lugubres ás arvores gigantes. De quando em quando o raio abria de repente o seio da escuridade, e irado se precipitava contra o pinheiro mais soberbo para o despedaçar. Vibrava o trovão tetricas e prolongadas ondulações, e torrentes de pedrisco, caindo sobre o arvoredo com impetuoso ruido, lhe arrancavam fragorosos gemidos.

Tal era o magestoso drama que estava representando a natureza, quando Henrique entregava cautelosamente sua filha a um criado, para apear a extremosa Luiza, a fim de se abrigarem todos debaixo de um pinheiro mui copado.

O terror panico de que estavam assombrados dois

homens que Henrique levara armados para se defender, se fosse aggredido, fazia um bello contraste com a presença corajosa que ostentava Luiza. O amante, dando por isso, lançou-lhe um olhar de amor, regosijando-se no intimo de alma. 'Neste comenos ella ergueu os olhos para o pinheiro que estava defronte, soltou um grito de horror e entre as niveas mãos escondeu o rosto.

— Que é? perguntou Henrique assustado.

Luiza arrancou um gemido e estendeu o braço direito, deixando os olhos vendados com a mão esquerda.

Seguindo-lhe com a vista a direcção do braço, Henrique viu uma cabeça humana, dependurada pelos cabellos. Ao mesmo tempo ouviu se um assobio agudo que foi logo correspondido.

Então Henrique sentiu um tremor vivo assaltar-lhe o coração; recobrando porém animo, exclamou:

— Coragem, rapazes! a tempestade do ceo ja lá vae, mas agora temol-a de homens — que ainda asvezes é peior — ajuntou elle comsigo mesmo. O homem é impotente contra o ceo; contra outro homem porém, se tem coragem e sangue frio, o caso muda de figura.

A estas palavras o craneo de um dos criados voou em bocados: e o outro, recebendo pelas costas uma estocada, que lhe varou o figado, caiu exhalando um gemido doloroso. Luiza soltou um grito agudo, sentindo apertada a cintura pelo braço nervoso de um bandido, que por entre o bosque a levou para uma caverna de salteadores, como o abutre leva a presa nas garras para a fetida cavidade do rochedo, onde tem o ninho. O mesmo Henrique perdera a vida, se, ao ver contra si erguido um punhal, por um movimento instinctivo não descobrira e offerecera sua filha, que debaixo de um capote nos braços lhe dormia o somno da innocencia. Vendo inesperadamente o

innocentinho, o salteador abaixou os olhos e deixou cair o braço, como se de repente fôra fulminado por uma recordação pungente. Depois, dando aos sobrolhos uma expressão terrivel, fitou com altivez Henrique, indigitando-lhe energicamante o caminho, por onde se podia escapar.

Vendo os criados assassinados, e achando-se rodeado por uma quadrilha de ladrões, Henrique entendeu que a luta era impossivel: sentiu um suor frigido inundar-lhe o corpo e fraquejarem-lhe os joelhos. A dor era muito grande para lhe resistir impassivel. Recobrando animo por um esforço extremo, foi andando devagar e amaldiçoando de vez em quando a má organisação social. Lá ao longe sentou-se ao pé do tronco de um pinheiro elevado, onde batia o sol que ia decaindo a sorrir-se por entre nuvens, e que parecia 'neste momento escarnecer a miseria do homem que tem o arrojo de crer que 'num voo altivo vae muito além das regiões a que elle estende a luz. Beijou depois ardentemente sua filha, a qual se debulhava em pranto, como se conhecera que lhe haviam roubado a mãe.

A dor cortava-lhe o coração: teria succumbido, se acaso os olhos se lhe não tornassem duas fontes de lagrimas.

XIII

A caverna dos salteadores

HAVIA no pendor de uma collina uma vasta gruta escondida no seio de espessa mata de pinheiros novos mui viçosos. Uma ponta de rocha, formada de conchas petrificadas, atravessada no meio da ampla caverna, dividia-a em dois aposentos, deixando á direita uma abertura que servia de porta para o interior.

Esta especie de casa tosca e forte, construida pela natureza, servia de abrigo aos salteadores. Para ahi é que o bandido conduziu Luiza, a despeito dos esforços inuteis que ella fizera para se desembaraçar. Elle sentou-a 'num cepo junto do fogo que ardia no fundo da espelunca; e lançando-lhe um olhar ameaçador, foi collocar se á segunda entrada do espaçoso antro.

'Nesta horrivel attitude, Luiza evocou todas as forças do seu coração varonil, e volveu e revolveu no pensamento o modo de se libertar; mas de quando em quando copiosas lagrimas lhe inundavam o rosto: eram saudades e cuidados de Henrique e sua filha.

A' maneira que iam recrescendo as sombras da noite, as nuvens de tristeza iam-se-lhe aglomerando nos seios da alma. Sentia o coração afogueado pela dor e a cabeça atormentada pelo perpassar constante de pesados pensamentos.

Ri a mulher, quando pode, e chora quando quer.

Previdente, a natureza parece que lhe dera as lagrimas para lhe compensar o defeito da organisação debil. Com effeito o pranto mulheril tem asvezes melhor tempera que a espada de aço fino, e mais sentimento que os maiores arrojos de inspirada eloquencia. Luiza que, bem como todas as mulheres, conhecera isso instinctivamente; teve de improviso a idea de se lançar aos pés do salteador que a guardava e com a linguagem persuasiva das lagrimas implorar-lhe liberdade. Ia erguer se; porém um tropel como que a fez ficar pregada ao cepo, onde estava sentada. Um momento depois, seis bandidos penetraram no interior da caverna. Ao ver aquellas figuras repugnantes a pobre mulher sentiu o terror apoderar-se lhe do coração e occultou no chale o seu lindo rosto.

O capitão dos salteadores foi sentar-se ao lado da joven captiva, e elles, esfregando as mãos aproximaram-se do lume, emquanto um estendia no brazido grandes bocados de carne. Esta refeição homerica era a ceia de estes vermes da sociedade.

Luiza, descobrindo o rosto para ver que faziam estes homens ignobeis, deu com os olhos na fronte repellente do bandido que, sentado ao lado, a contemplava, sem todavia lhe tocar: a infeliz, com um mo-

vimento de energico desprezo, retirou logo a face angelica.

Entretanto, dos bandidos sentados ao lume, um, que pelos traços finos e salientes do rosto e pelo dizer um tanto apurado, parecia descendente da flor da sociedade, dizia aos companheiros.

— Isto é que é vida rapazes! vida de heroes! A carne succulenta que ali está no brazido a fumegar, traz-me á lembrança os banquetes dos reis que fizeram a guerra de Troia. Sim, aquelles heroes cantados pelo maior dos poetas das eras que ja lá vão, eram ladrões e assassinos, como nós. Sabem vocês o que nos falta? E' um poeta para nos divertir, emquanto nós comemos. A' fé que hei de trazer para aqui o primeiro cego que eu para ahi encontre de harpa ás costas.

Os circumstantes desataram uma gargalhada.

— Ah!... vocês riem!... Olhem: o melhor poeta que assistia aos banquetes dos taes reis ladrões era cego; mas tocava harpa melhor do que um anjo e cantava trovas mais doces que o mel.

Disse: tirou da algibeira um cachimbo; encheu o de tabaco; accendeu-o e poz-se a fumar, emquanto o que fazia de cosinheiro tirou do lume o bocado de carne mais succulenta e entalando-o 'num pão branco, o foi levar ao capitão. Este devorou o pão e a carne e bebeu dois grandes copos de ouro cheios de vinho delicioso.

Acabada a ceia os bandidos accenderam os cachimbos e com delicia indizivel se puzeram a saborear o fumo.

— O' Castro — disse então um de elles ao que, ha pouco, lhe chamara heroes — conta-nos para ahi mais alguma cousa.

— Não — replicou o salteador, levantando-se; — vou me deitar que de aqui a nada pertence-me a vigia.

— Conta uma historia bonita — disse um terceiro — que eu faço a vigia em teu logar.

— 'Nesse caso — tornou elle, assentando-se 'num cepo de pinho — prestem-me attenção, que eu lhes vou contar uma historia muito interessante.

«Vocês não me disseram outro dia que sonhando de rijo eu proferira com desesperação terrivel o nome de Luiza dos Martyres?

— Sim, fui eu quem te o disse—exclamou um dos bandidos.

— Pois bem — continuou Castro, cruzando uma perna sobre a outra; — é uma historia passada entre mim e essa mulher, que odeio de morte e que foi causa da minha desgraça, que eu lhes vou contar:

«'Numa das mais frias manhãs do inverno um padre, ao passar uma ribeira, encontrou 'num cesto de vimes, preso entre loendros, uma creancinha mais linda que a estrella luzente que vocês vêem além nascer ao romper da alva.

'Neste ponto Castro interrompeu a narração para fumar á vontade e reaccender o cachimbo que se lhe ia apagando.

A narrativa do bandido causara viva afflicção a Luiza, que, para se não trair, teve de esconder a face no chale perfumado. Se ella tivera então olhado com attenção para o facinora que estava a seu lado, vel-o-ia fincar os cotovelos sobre os joelhos e entre as mãos esconder a fronte para occultar duas grandes lagrimas que, apezar seu, se lhe deslisavam pelo rosto.

Quando o salteador interrompeu a narração, Luiza enchugou o pranto e descobriu a fronte, a fim de respirar.

— O homem — disse o facinora, atando o fio do discurso — não sei por que maldito capricho levou comsigo a engeitada e a mandou crear e educar. Annos depois a creança encontrada á borda de ribeira, era

mulher de formosura perigosa, de andar nobre e elegante, gesto gracioso, embriagante sorriso, espirito fino e alma desenvolvida.

— E como se chamava ella ? — interrompeu um dos bandidos.

— Luiza : ja lhe o disse.

Aqui as lagrimas assaltaram de novo os olhos da malfadada, que anciosa encobriu a face no chale ja ensopado em pranto. No chefe dos bandidos, porém, notava-se expressão e attitude bem diversa : embebia-se em cada palavra que saia dos labios do narrador ; o coração dilatava-se-lhe no peito, e nos olhos lhe fluctuavam ondas de alegria. Dir-se-ia animado da consolação infinda, que transluz no pae, que está ouvindo encarecer as qualidades de seu filho.

— Sim — continuou Castro — era mulher de formosura perigosa. Creiam que não ha nada mais perigoso no mundo do que a mulher bonita ; enleia com um volver de olhos ; embriaga com uma palavra; allicia com um sorriso ; e depois esmaga com o desprezo, tortura com o ciume ou mata com a traição !

«Ah ! foi esta a celebre Luiza dos Martyres que um dia me fascinou a mim ! Em vão corri apoz olhares languidos e sorrisos ledos ; pedi áquella mulher — oh !. . . tão linda como eu ainda não vi outra, e tenho a sua imagem gravada aqui no fundo dos meus olhos ; — pedi áquella mulher, dizia eu, o seu amor e a minha felicidade : e ella respondeu-me com um sorriso vago ! A' maneira que recrescia a minha paixão, 'nella a frieza redobrava, ou então olhava para mim com insultante dó. Occorreu me a idea de me matar ; mas o pensamento de que ella nem uma lagrima por mim derramaria, encheu me de desespero e levou-me a conservar a vida na esperança de me vingar ou de ainda a possuir um dia. Porém o sentimento violento que me dominava era mais forte que eu : julguei enlou-

quecer. Ora vocês ja sabem por experiencia que as dores agudas se mitigam com a embriaguez: escuso dizer-lhes que tratei de afogar a minha paixão em vinho.

«Como porém não podia andar sempre embriagado e nas horas lucidas necessitava de esquecer aquella mulher, lancei-me ao jogo para queimar o tempo e escandescer a imaginação. O jogo, de ha muito é sabido, conduz á ruina: gastei por isso bem depressa a fortuna que me haviam deixado meus paes. Da ultima propriedade que vendi, apenas me restavam cem peças de ouro; perdi-as em dois lances. Desesperado travei razões com o individuo que me as ganhara: viemos ás mãos: e eu tive a infelicidade de o matar.

«Vi-me então obrigado a fugir da sociedade: e agora aqui me teem morando 'nesta respeitavel casa de rocha!... Serve-me de leito um feixe de mato: e tenho por occupação roubar e matar. E' uma boa lição para os insensatos que teimam em amar apaixonadamente a mulher que os despreza.

— Que mais queres tu, homem?! exclamou, dando-lhe no hombro uma forte pancada, o capitão, que entretanto se aproximara. Não és senhor de estes bosques? Não tens ouro e liberdade! Não és amado por uma linda pastora que te vem todos os dias trazer pão e leite? Que te falta pois? Dize-me cá: essa Luiza de quem tu falas foi uma creança encontrada na ribeira que passa junto de P.?

— Parece me que sim.

— E sabes onde ella hoje pára?

— Julgo que está lá para as bandas de Faro. Desejava ainda encontral-a um dia, só para a ver ajoelhada aos meus pés e ter o gosto de lhe rasgar o coração com este punhal. O' Luiza! O' Luiza! a ponta de este ferro me vingaria do teu despreso!

— Bravos bandidos, disse o capitão, fazendo que

não ouvira as ultimas palavras de Castro—vão se deitar, que a noite ja vae adeantada.

Luiza como que sentia a lamina fria de um punhal penetrar-lhe no peito, a cada palavra do bandido, que outrora arrastara ao carro de seus amores. Tinha profunda compaixão de este homem, que por amor de ella havia perdido a honra, fortuna, familia, sociedade e até a paz do coração e tranquillidade da consciencia, derradeira felicidade que abandona o desgraçado. O infortunio tornava-a mais sensivel ao mal alheio: amarguravam-na todas as dores acerbas que despedaçavam a alma do infeliz: e quasi que estava arrependida de o não ter amado. O dó, o amor, a desgraça, o terror, o desespero travavam-lhe no intimo seio accesa briga e pareciam conspirar para a enlouquecer. Quando sentiu os salteadores levantarem-se para se irem deitar no outro recinto da caverna, esperou cair morta ás punhaladas de Castro; porém este, sem a reconhecer, passou.

XIV

O pae que engeita seu filho expõe-se a matal-o

EMQUANTO os bandoleiros se deitaram, o chefe poz no fogo duas achas de pinho que illuminaram o interior da caverna, exhalando resinoso odor; depois estendeu no chão um feixe de rosmaninho e lançou-lhe por cima um cobertor de lã, de quadrados brancos e negros: de ahi foi por-se deante da sua captiva, que ja tinha desvelado a fronte.

Fitando lhe o rosto de formosura ideal, o bandido exclamou:

— Oh!... como tu és bella, rapariga! és mais formosa que um lirio do valle! Mas... porque choras? porque tremes? Socega, que emquanto estiveres ao pé de mim, ninguem se atreverá a tocar com um dedo 'num dos cabellos de tua cabeça.

Luiza ergueu os olhos vermelhos de chorar, a fim de ler nos do facinoroso as intenções que nutria. Concebeu então esperança vaga de salvar-se. Fazendo um esforço sobre si mesma, com inexprimivel doçura disse ao bandido :

— Sinto me quebrantada : se me desse um gole de vinho ?. . .

— O que tu quizeres, seductora mulher ! . . . Estáme dizendo o coração que eu ja te vi, mas não sei aonde. Se tu foras a mulher formosa que em sonhos me apparece, queixando-se amargamente de mim, mas sem razão . . . oh ! que feliz eu era agora ! Dize-me : conheces aquelle homem que, ha pouco, esteve ali contando a triste historia de seus amores ?

— Não.

— Não me dizes o teu nome ?

— Adelaide — respondeu Luiza, depois de vacillar um momento.

Emquanto o bandido foi buscar um vinho especial, Luiza dizia comsigo mesma :

— Ora esta ! Então não estou sentindo sympathia por este homem ? Mas que pode o meu coração ter de commum com um ladrão, um assassino? ! Entregar me a este, para me guardar de aquelle, é preferir a vergonha á morte : mais vale antes morrer. Se conseguisse embriagal-o, talvez que, embuçada no seu capote de salteador, podesse escapar-me por entre aquelles brutos, que meio ebrios ali começam a resonar.

O orgulho perde as mulheres : se Luiza em vez de se dobrar á vaidade, tivesse consultado e seguido o coração, a sorte correr-lhe-ia mui diversa.

Entretanto o bandido aproximara-se e apresentara-lhe um copo de ouro, cheio de vinho delicioso. Ella tomou-o delicadamente e molhou os labios rosados no licor. Depois, offerecendo-o ao salteador, disse com expressão meiga :

— Não quer saber os segredos da mulher que acha *mais formosa qne um lirio do valle?!*

A estas palavras o bandido sentiu no cerebro doce effervescencia e no peito attracção irresistivel para aquella mulher encantadora, de quem elle estava quasi escravo: tomou o copo e esgotou-o a largos tragos. Depois apresentou-o, dizendo:

— Lá na cidade nem sempre se bebe por um copo tão lindo, como este; não é verdade, meus amores?

— Sim, tornou Luiza machinalmente, enchendo-o de novo.

Lançando para o bandido um olhar fascinador:

— Parece-me que ja lhe não vejo no rosto aquella expressão tão carregada que ainda ha pouco me aterrorisava. O vinho tornou-o prasenteiro: beba mais este copo, que lhe o peço eu...

O salteador olhou desconfiado para Luiza, tomou o copo, exhauriu-o lentamente e tornou a entregar-lhe o. Ella poisou o sobre um cepo e encheu-o ainda uma vez.

—O' mulher! exclamou então o bandido com amarga inflexão, nem tu sabes o mao pensamento que me fizeste conceber agora!

Luiza estremeceu.

— Olha, continuou elle: quando eu era ainda rapaz, fui um dia santo á egreja da minha aldeia. Havia uma grande festa, em que prégou um padre muito velho. Parece-me que o estou vendo. Recordo-me perfeitamente de lhe ouvir dizer que Judith, mulher mui formosa, seduzira e embriagara Holofernes que, pelo que eu entendi, era homem assim cá dos meus; e que depois lhe cortara a cabeça e fugira sã e salva.

-- Monstro!... murmurou Luiza, tremendo; crê que eu era capaz de matar alguem?

— Não, minha... redarguiu elle, tomando-lhe a mão direita entre as suas mãos grosseiras e nervosas.

Luiza, retrogradando, retirou com violencia a mão.

Querendo segural-a pelo corpete do vestido, o salteador lhe o rasgou ; e como visse que a victima se lhe ia escapando, arrancou do cinto um punhal, precipitou-se contra ella, compellindo-a a sentar-se no feixe de mato que servia de leito. O seio de alabastro lhe o beijou elle então soffregamente. Ia dar-lhe outro beijo ainda mais soffrego, quando, entre as formosas proeminencias do peito lhe vendo uma cruz de fogo, largou o punhal e ergueu-se aterrado, como que impellido por um sentimento de horror.

Luiza, os olhos scintillantes de ira, e de raiva abrazado o coração, não reparou no modo por que se erguera o bandido. A precipitação destroe muitas vezes 'num momento a felicidade de uma existencia inteira. Precipitada a captiva não viu senão o punhal que o facinoroso lhe deixara ao pé. Preferia a morte ao ultrage : cerrou energicamente o ferro na mão direita e enterrou o no peito.

Ao mesmo tempo o assassino, apertando a cabeça entre as mãos, acudia exclamando :

— Oh !... por alma de tua mãe não te mates !

— Ja é tarde ! murmurou Luiza, arrancando um suspiro profundo e caindo com o tronco do corpo sobre o volume de mato que servia de travesseiro.

Era porém esta a vez primeira que ella ouvira alguem falar-lhe de sua mãe.

O seu nascimento fôra para ella sempre um mysterio que, por uma aspiração natural ao espirito humano, desejava ver quebrado, antes de morrer ; por isso em voz suffocada perguntou ao bandido que ajoelhara ao lado :

— Conheceu minha mãe ?

— Conheci !... respondeu elle suspirando : era uma linda aldeã, a quem chamavam a bella Aurelia! Oh! continuou, com os olhos arrasados de lagrimas, não

posso lembrar-me de ella, do seu amor e da sua ternura, sem que viva saudade me venha ferir o coração!

— Dar-se á caso ? !... murmurou Luiza, com olhar espantado.

— Acaba, acaba !... Envergonhas-te ? ! Horrorisas-te ? !... E' certo, sim : o signal que tu ahi tens no peito quer dizer que este desgraçado que tu estás agora odiando com todos os rancores da tua alma é ..

— E' ?

— Teu pae.

— Meu pae !... Oh confusão ! oh desespero !... murmurou a linda mulher, inclinando para o lado esquerdo a cabeça moribunda.

— Sim, teu pae !... Não te dizia eu ainda agora que me estava dizendo o coração que ja te havia visto ? Porém tu illudiste-me e trataste de me repellir. Horrorisas-te ao saber que teu pae é criminoso ! Tens razão !... Desculpo-te, porque sei que a gente, como tu, creada na sociedade mais facinorosa, do que o proprio assassino, não crê que no coração do criminoso haja uma centelha de virtude ! O odio que me vota essa indigna sociedade, que me fez o mais desgraçado dos homens, abandonando me, é que me exaspera contra ella cada vez mais. Não cuides, minha filha, que foi o vicio, não ; foi a miseria que me obrigou a engeitar-te ! Tua mãe, poucos dias depois de te dar á luz, estava prostrada na cama da morte : e tu vagias cortada de fome ! Pedí a uma visinha que te amamentasse ; e ella rejeitou com um modo insultante ; a miseria e a crueldade cercavam-me de todos os lados... Morava então no campo, muito longe da aldeia : não podia deixar tua mãe, que sem dizer palavra me procurava incessantemente com os olhos moribundos. Não tive coração para te ver morrer ! puz-te 'num cesto de vimes, forrado de oleado e lancei-o á ribeira... Oh ! querida filha, crê, por quem és, que

tive uma fé inabalavel em que a Providencia te havia de salvar! Mas o que eu nunca esperei... foi ser causa da tua morte!

Quando o bandido se calou, Luiza metteu no bolso do vestido a mão meio desfallecida, tirou um retrato que ella fizera a lapis e beijou-o, cobrindo-o de lagrimas de sangue. Mostrando-o ao salteador, murmurou:

— Conhece?

— Perfeitamente.

— Não me diz que é feito de elle?

—Quando ia descarregar-lhe uma punhalada, defendeu-se, mostrando-me nos braços um innocente. Uma voz do coração me disse que nas veias de aquella creança refervia ainda o meu sangue: o braço decaiu-me sem vigor, e teu marido, minha filha, foi-se em paz.

— Promette-me fazer... com que isto lhe vá ter ás mãos? disse Luiza em afflição mortal.

— Prometto.

A moribunda escreveu rapidamente a lapis nas costas do retrato algumas palavras quasi inintelligiveis, e entregou-o ao bandido, dizendo lhe:

— Eu sou a infeliz Luiza, de quem ha pouco falaram com tanta amargura e a quem prometteram a morte. O homem a quem deve mandar esse retrato chama-se Henrique da Silva. Morro... ah! jamais cuidei morrer tão cedo longe das pessoas que tanto amor me dedicavam!...

— Pois tu não crês que teu pae te ama agora mais que ninguem? perguntou o bandido com os olhos arrasados de lagrimas.

— Ó meu pae! murmurou Luiza, arrancando um gemido profundo e estorcendo-se em convulsões dolorosas; tenha dó de mim! que ja não posso aturar esta dor que me dilacera o coração!...

Pondo as mãos para o bandido com a mais supplicante e afflictiva expressão, continuou:

— Meu pae!... se me tem amor... em nome do ceo! acabe de me matar!... mate-me... mate-me...

— Pobre filha!... exclamou o malfadado com inexplicavel inflexão; tu ainda querias accumular sobre esta consciencia, torturada pela funesta recordação de tantos crimes, o remorso de te haver matado ás minhas proprias mãos?! Não, tu não morrerás antes de dares um beijo 'neste desgraçado que é teu pae! Pode ser que esse osculo de perdão e de paz possa lavar todas as nodoas da minha vida criminosa e conduzir minha alma ao seio de Deus, onde repousa tua mãe!

Assim disse: e aproximou a face do rosto pallido de sua filha, que lhe poisou os labios gelados e morreu abraçando-o, como se lhe quizera communicar a energia de toda a sua virtude.

Tal foi o fim tragico de esta mulher que a natureza dotara de intelligencia perspicaz e de coragem varonil. A sua morte não está em harmonia com as ideas elevadas e humanitarias que professava; não nos admiremos, que a dor tortura, e muitas vezes allucina e transvia os mais fortes espiritos. Se a dor, por que se deixou dominar, lhe não tivera desvairado a rasão, não se teria suicidado e conseguiria libertar-se. Parece que a Providencia se empenhara em mostrar 'neste facto, que o suicidio, longe de ser balsamo para sanar os grandes males, é um triste defeito do espirito humano: e que o pae que engeita seus filhos se expõe mais de uma vez a tirar-lhes a vida.

XV

Horror e maldição

PASSARA-SE este drama na caverna dos salteadores, emquanto Henrique, revestindo-se de coragem, se levantara contra a adversidade e dera-se pressa em correr a Faro, no intento de logo pela manhã estar no pinhal com alguns soldados, a fim de libertar a sua extremosa Luiza. Davam onze horas no relogio da Sé, quando ia entrando na rua Direita. Lembrou-se então de que Augusto, seu amigo intimo, fôra fazer uma viagem pela Italia e Allemanha e de que não tinha na cidade ninguem, a quem sua filha confiasse. Sentou-se á porta de uma casa alta para descansar um momento e resolver que partido devia tomar. Estava limpando o suor que em grandes bagas lhe corria da face, quando duas senhoras, uma ainda joven, esvelta e elegante, outra

ja idosa e obesa, acompanhadas de um criado, pararam defronte. Este avançou, e para abrir a porta pediu grosseiramente licença a Henrique, o qual se levantou de mao humor no momento em que a lua, desvellada de cinzenta nuvem, espalhava meiga luz. Ao mesmo tempo a dama elegante com voz trémula, exclamava:

— Ó snr. Henrique!... Por aqui a estas horas?!... Que faz?

— Descanso, D. Julia; estava fatigadissimo... Não sabia que me havia sentado á sua porta...

— Inda bem: suba e venha descansar... mas o senhor está desfigurado... que lhe succedeu?

— Nada, minha senhora. Agradeço o acolhimento que me offerece; mas acceito-o para outra pessoa, que eu não entregaria senão a alguem, cuja bondade fôsse comparavel á sua.

— Quem é?!

— Minha filha.

— Onde está ella? Deve ser linda, como sua mãe.

— Aqui, tornou Henrique, mostrando o innocente.

Julia tomou-o nos braços com a meiga solicitude com que as donzellas costumam pegar nas creanças e beijou-o ternamente. Fitando os olhos no rosto infantil, que adormecido respirava serenidade e innocencia, tornou-o a beijar e exclamou:

— Como ella ha de ser linda!

— Se lhe faltarem seus paes, exoro lhe, D. Julia, que lhe sirva de mãe.

— Mas venha cá... Onde está Luiza?

Henrique foi-se, e não respondeu.

— Julia, disse então a senhora idosa á joven, que era sua sobrinha, não me dirás que mysterio é este? que quer dizer tudo isto?!

— Eu sei lá! respondeu Julia, assustada.

— Mas quem é aquelle homem?

— É Henrique da Silva, o rapaz que vive com Luiza dos Martyres.

— Ah ! é aquelle !... Ninguem me tira da cabeça que elle teve parte na morte de teu irmão.

— Está enganada, minha tia ; olhe : 'naquelle tempo sabia eu tudo que se passava na casa, onde elle estava ; quando lhe disseram que tinham matado Antonio, viram-lhe duas grandes lagrimas correr pela face.

— Que importa ? não sabes que os homens são capazes de tudo, até de chorar sobre a victima que ensanguentaram ?

— O' minha tia, não diga isso de Henrique ; parece-me que ninguem o excede em boas qualidades.

As duas senhoras subiram e continuaram a dizer de elle algumas cousas que pouco nos interessam. Julia desfez-se em affagos com a criança que, accordando entre gente estranha, chorou largo tempo desconsoladamente.

Ao nascer do sol, Henrique estava no Valletisnado com vinte soldados. Ao pé de uma ribeira que atravessa o pinhal viu um chale, junto de um monte de rama de pinheiro que ia começando a arder. Vivo abalo lhe assustou o coração. Desceu apressadamente do cavallo ; deitou as mãos a um ramo da extremidade que ainda não ardia ; arrojou-o para o lado e ficou petrificado de horror ; debaixo do ramo descobrira elle o rosto cadaverico da sua amada. Quando tornou a si, teria dado o derradeiro beijo na fronte pallida da infeliz Luiza, se não fosse repellido por um turbilhão de fumo e de fogo. Não tirou por momentos os olhos da pyra, onde estava sendo devorado o cadaver da mulher que elle tanto amara ; ergueu-os depois ao ceo, exclamando :

— Ó Providencia, tu pareces-me um sonho ! Que fez aquella innocente creatura, para ter a mais horrivel das mortes ?! Que mal fiz eu para ser condem-

nado a presencear o mais doloroso e atroz de todos os espectaculos?! Ó Luiza, Luiza! se os que morrem, como tu, não entram no seio de uma vida brilhante, não ha nada mais miseravel do que o homem! e nada mais ridiculo, que o seu espirito!

'Neste instante alguns tiros eccoaram pelo bosque; os soldados tinham encontrado os bandidos. Henrique não se importou com isso; montou a cavallo e picou de esporas a caminho de Faro. Em Almancil encontrou um recoveiro que lhe trazia carta da familia. Abriu-a e leu:

«HENRIQUE:

«Não ha quem te possa arrancar a essa mulher com «quem vives escandalosamente aos olhos do mundo. «Desprezaste a honrosa posição que eu te queria dar, «para me cobrires as faces de vergonha; tens-te es«quecido de tua familia e desprezado todos os meus «conselhos; foste sempre gastador, concentrado e al«tivo: pois bem!... filho prodigo, em castigo da tua «desobediencia recebe a maldição que 'nesta hora te «envia

«teu pae — H. I. DA S.»

— O ceo não tem dó de mim! exclamou Henrique depois de ler a preciosa epistola. Sobre uma dor intensa outra inda maior!... Que importa?!... Lembrar-me-ei sempre de aquella maxima de G.: «*E' dever do homem levantar-se contra a oppressão, contra a dor e contra a morte.*»

Rasgou vagarosamente o papel, em que seu pae lhe escrevera a maldição e continuou o caminho. A's dez e meia da manhã entrou na casa onde deixara sua filha. A tia de Julia recebeu o affectuosamente e mandou-o sentar, em quanto foi chamar a sobrinha, que andava passeando no jardim com a Luizinha ao collo.

Henrique estava quebrantado de fadiga e de im-

pressões atrozes : sentou se ao pé de uma banca ; fincou sobre ella os cotovellos ; descansou a fronte nas mãos e abstraiu-se em meditação tão profunda que não respondeu a Julia, que o cumprimentou, quando entrara. A meiga donzella sentou-lhe então a filha defronte. Reconhecendo seu pae, a creança deu um grito de alegria e lançou-lhe as mãosinhas ao cabello. Elle despertou, pegou no innocente e beijou-o, lembrando-se com a mais viva saudade da malfadada Luiza.

XVI

A miseria é a origem do crime

LOGO ao anoitecer Henrique foi-se deitar e adormeceu ; porém, alta noite, acordou magoado por uma visão triste : em escura e humida casa, que se assemelhava a uma espelunca escavada pelo genio do mal, a fim de ahi lançar os desgraçados para os torturar e pouco a pouco lhes extinguir a vida, viu elle em sonhos, sentado e carregado de ferros, um homem, cujo rosto descarnado, guarnecido de longas barbas e illuminado por uns olhos scintilantes, tinha a expressão atroz do desespero e do odio. Esta imagem do criminoso maltratado pelo rigor estupido da justiça humana, ergueu silenciosa a mão, como que implorando-lhe um favor supremo. A pungente attitude do espectro acordou Henrique em sobresalto.

Pela volta da tarde do dia seguinte estava elle contando a Julia, que chorava, como vira Luiza pela derradeira vez, quando foi interrompido pelo carcereiro, o qual lhe veiu dizer que se achavam presos quatro dos bandidos que o haviam assaltado no Valletisnado e que o capitão lhe mandava rogar encarecidamente a bondade de chegar lá para lhe dar uma papalavra.

Henrique deu algum dinheiro ao carcereiro e despediu-o delicadamente. Poz-se depois a pensar no que lhe quereria o bandido ; formou mil diversas conjecturas, até que finalmente se decidiu a ir.

Meia hora depois entrava na cadeia. O carcereiro conduziu-o a um quarto, cujo pavimento era de abobada ; abriu um alçapão forrado de ferro ; lançou ao fundo uma escada e desceu, convidando Henrique a seguil-o. Este foi ; mas teve de parar em meio, porque não via nada ; a mudança repentina da claridade para a escuridão tirara-lhe a luz dos olhos : fechou-os algum tempo, para os dispor a ver quasi nas trevas. De ahi continuou a descer até ás lages humidas de uma casa, cujas paredes meio enterradas no chão estavam a rever agua. Esta espelunca era apenas allumiada por um raio de luz coada por uma fresta guarnecida de ferro.

Henrique olhava aterrado para este sepulchro, onde a barbarie da justiça humana enterrava vivos os criminosos, quando o carcereiro, indigitando o fundo, disse :

— Está além.

'Neste momento um raio do sol que ia decaindo entrou pela fresta, e foi illuminar o rosto desesperado de um homem que estava sentado 'numa tarimba, com ferros aos pés e os pulsos algemados.

— Oh... exclamou comsigo mesmo Henrique ao ver o desgraçado ; os sonhos teem mysterios... Cá

está o prototypo do pesadelo que tive a noite passada!

Avançou para o preso que se deixou ficar sentado, e lhe disse, quando o viu ao pé:

— Não me conhece?

— Eu?! Não.

— Pois não se recorda de me ter visto em parte nenhuma?

— Absolutamente nenhuma idea...

— Ja vejo que é muito esquecido ou muito generoso. Pois bem!... Eu sou o homem que o pretendeu matar no Valletisnado. Sou Manoel Vicente da Aroeira. Sou aquelle ladrão que sosinho teve a coragem de roubar os vinte commerciantes que iam juntos da feira de Faro...

— Mas, atalhou Henrique, foi para me dizer isso mesmo que me mandou chamar!

O preso levantou se e exclamou:

— Tem rasão!... Esta gente teve medo que eu furasse as paredes com os dedos ou matasse alguma das ratazanas que ahi divagam por este cemiterio, onde me enterrou vivo; lançaram-me algemas!... Metta a sua mão aqui no meu seio e tire um papel que lá está e mostre-o ao snr. carcereiro para elle ver que é um retrato.

— Não preciso... acudiu o carcereiro, deitando todavia por cima do hombro de Henrique um olhar para o retrato que este desenrolava.

— Pediu-me, continuou o preso, para que lhe o fizesse entregar aquella bonita mulher que á minha ordem lhe foi roubada lá no bosque.

— Não se lembra tambem de ella? perguntou então a Henrique o bandido com um riso satanico.

— Lembro-me, tornou elle, fazendo por occultar a indignação que lhe accendera no seio aquella pergunta insultante.

— Olhe: 'nesse retrato que ainda agora lhe entre-

guei depositou ella muitos beijos... agora que está cumprida a minha missão, espero que me não incommode. Peço-lhe... que se vá embora, que eu sinto a raiva de despadaçar todos os homens que me apparecem defronte!

— Adeus, murmurou Henrique, dando se pressa em sair de aquella prisão hedionda e homicida.

Quando chegou a casa, observou o retrato que lhe entregara o preso, e reparou que no reverso estava escripto:

«Meu Henrique:

«Morro longe de ti e da nossa querida filha. Per-«doa-me; fui eu mesma que, preferindo a morte ao «insulto, enterrei no seio um punhal. Sinto a vida «apagar-se-me, como a luz moribunda. Saudades tuas «me cortam o coração, e me fazem derramar torren-«tes de lagrimas... Adeus... Conserva-me sempre na «lembrança e não sacrifiques recordações minhas ao «amor de outra mulher. Ah!... se me não tivera sui-«cidado, estaria amanhã gosando do teu amor... O «capitão de estes bandidos é pae da tua

Luiza.»

No outro dia o preso tinha uma boa cama para se deitar e estava em ferros só quando lhe iam passar revista. De ahi em deante Henrique foi visital-o todas as tardes.

— O' meu amigo, disse uma vez o salteador ao amante de sua filha, não se incommode por amor de mim, que eu bem sei que me hão de accusar de coisas espantosas, muito mais do que eu tenho feito, e que de aqui hei de caminhar para a morte.

«Deixe-me ter o gosto de dar um bom encontrão no carrasco para o deitar da forca abaixo e despertar a hilaridade na populaça, que ha de estar muito seria a ver a sociedade mais criminosa, do que todos os

ladrões do mundo, assassinar miseravelmente um homem que ella tinha a obrigação de educar e corrigir.

«Deixe-me ao menos o prazer de fazer do alto da forca um bom gesto aos espectadores para seduzir algum de elles a succeder-me 'nesta missão de vingar tantas victimas, que os homens teem feito em nome da justiça.

— O senhor, tornou Henrique, parece-me que é injusto para com a sociedade. De onde lhe vem essa amargura com que fala de ella? Para que deseja perturbal-a, se o principio da perfeição que lhe exige é o mesmo que ella pede? Não encontra por ventura entre os homens um que lhe mereça confiança ou sympathia e que entenda a justiça, como ella realmente deve ser?

— Ó meu caro, deixe-me dizer-lhe a verdade: o unico homem bom que tenho encontrado na minha vida é o senhor; o senhor que comprou talvez a peso de ouro os miseraveis officiaes de justiça para me tirarem os ferros que me lançaram aos pés e ás mãos; o senhor, que apesar de saber que eu sou capitão de ladrões, apesar de se lembrar que lhe puz um punhal ao peito, disse, quando veiu aqui a primeira vez, que me não conhecia; o senhor emfim que tem o bom senso de me achar ainda capaz de boas acções. Não se magoe com o que lhe vou dizer: o senhor é quem me prende hoje aqui; creia que a despeito dos ferros com que me prenderam eu me havia de safar de esta enxovia.

— E para onde ia depois?

— Não tem que saber; para a minha vida de salteador.

Henrique fez um gesto de amargura.

— Olhe, continuou o preso: a natureza deu-me um coração bem formado, como creio que o dá a todos os homens; pudera ser muito proveitoso á sociedade,

se ella não me tivesse desprezado e pervertido. Eu casei-me aos desoito annos e fui sempre quinteiro. Quando enviuvei aos vinte e cinco, o senhorio poz-me fora.

Fui então morar para a minha aldeia, onde me fiz trabalhador de enxada. Um anno de uma invernada mui grande, estive muitos dias sem trabalhar : deixei por isso de ganhar para comer. A miseria era tanta que ninguem se fiava de mim. Pedi então recursos á minha intelligencia ; mas ella que não tinha sido cultivada, estava mais esteril, que o cerro mais descalvado. Tinha verdadeira inveja de dois ou trez homens que sabiam ler; eram doutores que tinham o que desejavam e que eram ouvidos e respeitados por todos os homens da aldeia. Um domingo levantei-me cambaleando de fome, e fui para uma venda esperar que saissem da missa a ver se alguem me dava um copo de vinho. Em má hora fui; a vendeira estava lá para dentro: e eu roubei um pão, e da gaveta, meio aberta, tirei dois pintos e não sei quantos vintens. Fui de ali a uma venda comprar uma canada de vinho, e de ahi para casa, onde devorei o pão, bebi o vinho e deitei-me a dormir. Quando acordei, estava preso ; umas visinhas que me viram entrar acudiram aos lamentos da vendedeira que se queixava de lhe haverem furtado não sei quantos mil réis no que a justiça acreditou, apezar de me terem encontrado na algibeira apenas nove tostões. Trouxeram-me depois para esta maldita cadeia, onde encontrei um homem que me ensinou a ler, e de onde fugi oito mezes depois com os meus camaradas que tinham minado a prisão.

— Ó homem ! mas para que fugiu você ?! Era possivel que se tivesse livrado.

— Pois o senhor não sabe porque eu fugi ? É porque eu vim para aqui bom, e no fim de oito mezes

de convivencia com adulteros, rixosos, ladrões, assassinos, estava disposto a commetter todos os crimes.

— Eu ainda acredito na sua rehabilitação e tenho até a esperança de que ha de vir a ser um grande homem.

— Duvido.

— Pois creia, que a fé faz milagres ; a fé conduziu o bom ladrão ao paraiso.

— Mas o bom ladrão não teria fé em Jesus, se este em vez de implorar perdão para os seus assassinos, os cobrisse de maldições.

— Quer dizer com isso que os homens não se corrigem com o abuso da punição ?

— É verdade. A maior parte das vezes ou todas, o criminoso não tem responsabilidade, porque pratica o crime obrigado por uma força maior. Olhe, snr. Henrique : estou convencido, pela experiencia que tenho dos criminosos, de que a ignorancia e a fome, ou a falta de bens intellectuaes e materiaes, para melhor dizer, a miseria, é a origem de quatro quintos dos crimes que se commettem.

XVII

O socialismo

De ferros aos pés e aos pulsos encontrou Henrique no dia seguinte outro homem na enxovia.

— Quem é aquelle? perguntou Henrique ao Aroeira.

— É o Judeu: era um dos meus mais valentes soldados.

— Elle é Judeu?

— Não; puzeram-lhe a alcunha de Judeu por causa de uma historia que elle teve com o dono de uma fabrica de cortiça, o qual era da raça judaica.

— O' Judeu, exclamou o Aroeira em tom intimativo, anda cá!

O homem aproximou-se, rojando uma grossa cadeia de ferro, que lhe tinham deitado aos pés, e, parando junto do Aroeira, disse:

— Aqui estou ás ordens, capitão.

— Dize lá a este senhor porque te chamam Judeu.

— É por amor de uma brincadeira que eu fiz ao Samuel, dono de uma fabrica de cortiça em Faro.

— Conte lá a tal brincadeira, disse Henrique, fitando o rosto do facinora, que com seus olhos perguntava ao seu capitão : — quem é este homem ?

— Conta á vontade ; não tem duvida, respondeu o Aroeira ao seu bandido.

— Então ahi vae, começou o Judeu : Ha de haver trez annos estava eu e mais uns quinhentos homens trabalhando 'numa fabrica de cortiça que o Samuel tinha na Ribeira. Nós ganhavamos dois tostões por dia. Vae senão quando o Judeu, ao fazer o pagamento na sexta á noite, disse-nos que quem quizesse ganhar nove vintens, que ficasse, e quem não quizesse que se fosse embora.

«Aquillo era no fim do verão e havia pouco trabalho : ficamos todos, ainda que descontentes com o judeu. Mas de ahi a oito dias o maroto abaixa outro vintem. Então é que foram ellas.

«Ora o judeu comprava a cortiça em bruto por uma truta e meia ; e vendia-a por um dinheirão, depois de trabalhada. Nós cá os chefes, dissemos uns para os outros : o maroto do judeu rouba nos ! Reunimo nos á noite 'numa taberna e concordamos em que era preciso dar uma lição ao Samuel.

«Passamos palavra á gente de confiança, e na segunda feira pela manhã, quando o judeu entrou na fabrica, era quem lhe havia de atirar mais para cima. Eu abro-lhe a cabeça com um ferro ; outros largam fogo á fabrica : foi ahi o diabo ! Foi preciso vir a tropa applacar aquella grande desordem.

«Como o Samuel morresse, e eu visse que a cousa não estava para mim bem parada, fugi. Alegrei-me bastante, quando soube que a justica andava a cata

de mim. Mas agora esta é que está uma dos diabos... Ó capitão, então nós não saimos de aqui?

O Aroeira fez que não ouvíra a pergunta do Judeu, e disse para Henrique:

— Então não lhe o disse eu hontem? a miseria é a causa da maior parte dos crimes.

— E é verdade, confirmou o Judeu; oito vintens gastava um homem só em comer; não lhe ficava nada para a mulher e para os filhos. E assim de esta arte, emquanto as nossas familias ficavam sem pão, o sr. Samuel tinha mais vinte mil réis, cada dia, que eram os quinhentos patacos que elle nos roubava.

— Mas, retorquiu Henrique, parece-me que elle não roubava esse dinheiro; o que o homem fazia era um contrato. Não violentava ninguem; quem queria o salario de 160 réis trabalhava, quem o não queria, ia-se embora em busca de quem lhe desse mais. O operario tinha a sua liberdade e a sua força; e o judeu o seu dinheiro.

— Aquelle dinheiro não era todo de elle, replicou o Judeu; aquelle dinheiro era resultado do nosso trabalho. Se o trabalho era nosso, o dinheiro tambem o devia ser: logo o judeu roubava-nos.

— Então os senhores queriam repartir egualmente entre si todo o producto que o judeu tirava do seu capital e da sua industria?!

— Não, senhor; o que nós queriamos era sermos donos da porção de capital correspondente ao trabalho de cada um. A justiça deve ser assim: a cada um o que é seu.

Henrique estava surprehendido com a logica de ferro de este homem. Chegou a convencer-se de que elle tinha razão e disse-lhe:

— Mas o meio de resolver essa questão não era matar o homem; era pedir ás auctoridades um regulamento do trabalho.

—Qual historia ! exclamou o Judeu. Se nós fossemos pedir isso ás auctoridades, chamavam nos ladrões e mettiam-nos na cadeia ! Estão trocados os nomes, meu senhor ! os bons chamam se ladrões e vão para a cadeia ou para o degredo ; os ladrões chamam-se bons, homens serios — fazem o que querem, vivem onde querem e em plena liberdade ! Que mundo este!

— Então que remedio quer você dar a isto?

— Isto não se endireita sem muita pancada, meu senhor ! E' preciso derramar sangue, muito sangue, ondas de sangue ! Os velhacos tem ás suas ordens as auctoridades e a força publica que elles pagam e sustentam á nossa custa, e não largam senão á viva força as posições, em que, sem se mortificarem, teem tudo quanto desejam.

« E' uma luta gigante esta ! luta desegual ! Elles teem os tribunaes e o exercito para nos bater e nós para chegarmos até elles temos que derrotar primeiro a sua praga de escravos ! Elles teem a organisação e as armas ; nós não temos uma nem outra cousa. E comtudo é preciso trabalhar e vencer ; e não se pode vencer senão dando-lhes caça, quando estão longe dos janizaros que os guardam.

« O dinheiro do trabalhador dá para tudo : para pagar aos tribunaes, para pagar ao exercito, para os padres, para os frades, para a familia real ! Nós, trabalhadores, somos como as abelhas que fazem o mel e os homens é que lhe o roubam e comem.

« Mas, se a abelha, quando lhe vão roubar o mel, fructo do seu trabalho, o defende, aggredindo com violencia os ladrões, porque não havemos nós, trabalhadores, defender-nos e aggredirmos tambem ?!

« Eia, senhor : o que eu fiz ao judeu era uma cousa justa !

— Dizes bem, rapaz, exclamou o Aroeira. Tambem cá a mim sempre me pareceu que devía ter mais de

dois patacos por cada tarde que ia cavar. Se eu tivesse mais alguma coisa não me veria um dia obrigado a pegar 'num pão e 'nuns pobres vintens para matar a fome, e não estaria hoje aqui.

«Elles queixam-se dos criminosos? Elles é que são os criminosos! Elles é que são os verdadeiros reos! elles é que deviam estar aqui 'nesta optima casa que mandaram fazer!

«Ladrões! ladrões são os que exploram o trabalho dos pobres e os que monopolisam os bens que Deus creou para todos.

«Que diabo quer agora cá dizer seis homens serem senhores de vinte leguas de terra tal qual a natureza a produziu e, a final de contas, a gente não poder lá entrar nem colher matto, porque é dos taes homens a terra que elles não crearam, que nenhum homem creou!

— A terra, ajuntou o Judeu, a terra creou-a Deus para todos e devia ser de todos.

— Apoiado! exclamou o capitão. Emquanto não for assim ha de haver sempre lutas e mortes! Acredite, Henrique, ajuntou batendo-lhe no hombro: ninguem mata pelo prazer de matar; a maior porte dos crimes são consequencias das iniquidades que os grandes fazem aos pequenos. A desegualdade é que transtorna tudo.

«De que serve uns terem muito sem trabalhar nada; e outros não terem nada, trabalhando muito? Serve de lançar o cão esfaimado no estomago dos trabalhadores e de os obrigar á viva força a ir buscar comer, onde estiver. De ahi vem a luta: da luta a morte. Isto é assim.

— Mas como se ha de estabelecer essa egualdade? E' impossivel que os que trabalham tenham aos bens o mesmo direito que os que não trabalham.

— Não é impossivel, não senhor, respondeu o Judeu. Não é o capital fructo do trabalho?

— E'.

— Tenha cada um o capital correspondente á porção do seu trabalho; nada mais justo!

— Mas o trabalho só por si é uma força: necessita materia em que se empregue, e essa materia adquire se com dinheiro. Não deve pois o capitalista ter tambem lucro?

— Ninguem o nega; mas um lucro proporcional.

— Como é que se pode encontrar o termo da proporção entre o capital e o trabalho? o senhor quer um impossivel.

— Qual impossivel! nem impossivel! olhe: ve-se quanto é necessario para sustentar diariamente um homem. Um homem, por exemplo, alimenta-se com dois tostões: o capitalista tem o lucro correspondente a tantos homens, quantos dois tostões tiver empregado em materia prima.

— Isso é uma coisa difficil de regular; é complexo.

— Mas não é impossivel, como ha pouco dizia. E pensando-se bem encontram-se as verdadeiras bases. Elles é que não querem, accrescentou o Judeu, meneando tristemente a cabeça.

Henrique despediu-se dos presos, e foi pensando nas doutrinas que elles apresentaram. Conheceu que os homens diziam muitas verdades e tinham certa razão. Empenhou-se deveras pelo Aroeira, que foi conduzído de Faro para Lisboa.

O salteador do Valletisnado, depois de estar anno e meio no Limoeiro, foi posto em liberdade pela justiça, a quem Henrique vendou os olhos com uma facha de ouro.

Solto, Aroeira mudou de nome, atravessou o Atlantico e foi para o Brazil.

XVIII

A idea de este seculo

CHEGAMOS ao fundo dos abysmos da sociedade, onde habitam a fome, o horror e o crime.

Paremos um momento; reunamos as nossas faculdades e examinemos com firmeza e imparcialidade o que se passa.

A devassidão, a miseria, a fome, o crime, o terror apoderam-se de milhões de individuos, da maior parte da raça humana!

O seio da sociedade agita-se com violencia e tudo indica estar proxima uma explosão terrivel! terrivel, porque a superficie social é dura, insensivel como o ferro! Não ha desgraça que a commova, não ha supplicas que a abrandem, nem ha amor que a enterneça! Será necessario que os elementos internos se incen-

deiem e se dilatem para a rebentar e fazer voar em estilhaços, como a polvora faz á granada.

E comtudo a superficie social devera pensar, porque tem alma; devera commover-se, porque tem coração; devera modificar-se, porque vive e porque a explosão lhe tirará a vida.

Quaes são porém esses elementos sociaes que pesam como um grossa camada de ferro, sobre o grande corpo da humanidade.

Na analyse que fizemos da sociedade o que é que encontramos ao de cima?

O clero organisado e ligado com o poder secular, que é composto dos homens abastados, dos tribunaes, dos carceres, dos soldados que elles sustentam para sua defeza e segurança.

E' esta a liga terrivel de que se compõe a camada dura e inflexivel que faz nascer no seio da sociedade a miseria e a fome, o horror, o crime e a morte!

E' esta superficie asquerosa que tem de ser destruida para que a humanidade se não excrucie em dores e não morra de fome!

O clero!... O que encontramos nós no clero?

Encontramos a ociosidade que o esteriliza, a abundancia que lhe dá um parecer obeso, singular, typico, a devassidão e o cynismo!

Esse clero existe em nome de Christo, cuja doutrina tinha por fim acabar a escravatura, dividir a riqueza fraternalmente e levantar as massas desgraçadas; levantal-as pelo trabalho e pela moral e fazer da humanidade uma familia.

Mas esse clero falsifica a sua missão, pondo-se ao lado dos espoliadores contra os espoliados.

Esse clero não respeita a moral, porque, não podendo cumprir a lei paradoxal do celibato, quebra a nas trevas, recorrendo, para fingir que a cumpre, aos mais extravagantes artificios e ás maiores infamias!

Esse clero préga o jejum, a mortificação; e foge da lei para ir refocillar-se em banquetes, que são verdadeiras orgias!

Esse clero para cumprir a missão do Mestre, devia prégar ao mundo a liberdade, a fraternidade, a egualdade que promette o espirito do Evangelho e o elevam á altura da doutrina de um Deus; mas abusa do seu logar para algemar as consciencias, para paralysar as evoluções de pensamento e para tyrannisar os povos!

Esse clero devia ser a *vida e a luz do mundo;* mas é a morte e as trevas, porque não pensa, porque não trabalha, porque não promove o bemestar da humanidade!

Devera ser tolerante e misericordioso esse clero; é porém mais sanguinario e mais feroz, que o tigre, porque não ha agua lustrar que possa lavar o sangue da *S. Bartholomeu* e da *Inquisição!*

Devera esse clero por-se á frente das multidões desprotegidas, subjugadas ao peso do trabalho, cujos resultados opimos são devorados pelos grandes e ricos do mundo, e por elle mesmo; devera trabalhar pela rehabilitação das classes soffredoras; devera luctar com os principes e os poderosos da terra, que vivem na grandeza insultante, quebrando pela raiz as maximas fundamentaes do christianismo; devera ser perseguido e ser martyr até ao triumpho definitivo de idea christã, até não haver homem que tivesse fome de pão e sêde de luz e de justiça; devera ser perseguido e ser martyr; e não é! Tyrannisa e persegue!

Descrente e cynico ri se da humanidade que illude ou assassina em horriveis hecatombes!

Um clero assim não pode continuar a existir, porque seria um perpetuo insulto á rasão, um obstaculo insuperavel ao progresso, uma guerra exterminadora contra a humanidade.

Entre o clero ha comtudo raros homens que vêem e que sentem os males, de que são causa os principes da Egreja; mas para não serem esmagados teem que retirar-se do meio de elles.

Tal é o quadro que nos offerecem as personagens que nos passaram e passam defronte.

Dahi tirâmos fatalmente esta conclusão: de um clero descrente e cynico, obscurante e nefasto, intolerante e sanguinario, não pode vir a regeneração do mundo.

Donde ha de vir ella? Do outro elemento que juntamente com o clero compõe a superficie social? Dos senhores do dinheiro e da terra, dos reis com os seus tribunaes e com os seus exercitos, dos que se apoderam do fructo do trabalho das massas activas, dos que monopolisam as riquezas e bens naturaes?

De esses tambem não; porque são elles que opprimem a humanidade e paralysam o seu andamento ascencional.

Donde ha de partir pois a nova regeneração do mundo?

Donde houver a idea de essa regeneração.

E onde é que se encontra essa idea?

Das personagens que nos passaram daente, revelaram-na os operarios da materia e do pensamento: as classes trabalhadoras e os homens pensadores.

Aquelles produzem a riqueza; estes a estudar, a combinam e dirigem.

Por certo a regeneração 'neste seculo ha de partir das classes que se revolvem no seio da sociedade, a braços com o trabalho, em luta com a fome, com a desgraça e com o crime.

O socialismo é o grande pensamento de este seculo: é o novo progresso que ha de sair do parto doloroso de tantas lutas e tanto sangue.

O progresso realisado pelo socialismo não é a extincção completa do individuo com os seus direitos e

com as suas liberdades ; é pelo contrario, o complemento e affirmação dos direitos e liberdades de cada um. Esse progresso consiste em dar a cada individuo os bens que lhe pertencem, como homem e como productor.

Não nos espantemos de ver que essa grande idea se agita no cerebro de desgraçados. Olhemos para elles com respeito, porque a sua desgraça provém da privação dos seus direitos, e da dura condição, a que violentamente os arroja a tyrannia e crueldade dos ricos e dos grandes.

Não ha idea nenhuma grande, civilisadora, que no começo não tenha sido perseguida e vilipendiada.

Essa idea luta, luta até que vence, porque da sua victoria depende uma lei constante do mundo — o Progresso.

PARTE II

I

Transformações

ESTAMOS em 1837. Realisara-se em parte a predicção de Henrique; quasi todos os conventos, que hoje estão convertidos em ruinas, hospitaes, asylos, quarteis militares, theatros, palacios, museus e academias, tinham sido abandonados pelos frades, que fugiram ao sopro ardente da liberdade ou despiram o burel para se alistarem nas fileiras do progresso.

Com a extincção dos conventos dera-se uma grande transformação social. Os frades eram senhores de enormes riquezas, as quaes iam ainda continuamente augmentando. Mais alguns seculos, e as ordens religiosas seriam senhoras do paiz inteiro.

Esta accumulação de cabedaes 'num grupo de individuos deixava na miseria a população nacional,

que os frades tinham a astucia de illudir, dando-lhe cada dia *por amor de Deus* uma escudella de caldo ás portas dos conventos.

Não havia melhor vida, que a claustral: era uma felicidade ser freira ou frade. Passava se uma existencia regalada no seio do ocio e da abundancia. Para os claustros é que os fidalgos mandavam os filhos segundos e as filhas que não podiam casar com fortuna. E não hão de chorar pelos conventos?!

Essa vida tinha porém uma condição dura—a castidade, a privação de um goso, de uma funcção natural, necessaria para a reproducção da especie; mas todos sabem como aquelles *castissimos habitantes das cellas viviam extasiados com os perfumes da virgindade!*

Ora os frades eram entidades moraes, e, como não morriam, os seus bens tinham o cunho da immobilidade, da morte. Os religiosos tinham rendimentos de sobejo; a familia era sempre a mesma: não se afadigavam portanto para desenvolver a prosperidade nas suas propriedades. De ahi um grande mal para a agricultura e para a riqueza publica.

Os frades tinham-se apoderado da instrucção primaria e secundaria; ensinavam nas suas aulas a ler e escrever portuguez, leccionavam latim, logica e rhetorica; mas todos esses exercicios da intelligencia tinham por ponto objectivo a religião, pela qual explicavam Deus, o homem e o mundo, e dispunham o povo, promettendo-lhe encantos no ceo, a despojarse (em proveito dos conventos, ja se vê) de todos os bens da terra, a soffrer resignados a miseria e a fome, e a sujeitar-se humilhantemente ao jugo de ferro do rei que sustentava os frades e dos frades que sustentavam o rei!

A miseria publica, a ignorancia, a sujeição ignobil, eis os tres grandes males que diminuiram consideravelmente com a extincção dos conventos.

Na ordem politica tambem se dera uma transformação notavel ; D. Pedro IV deu na *Constituição* uma carta de alforria aos seus escravos. O rei governava em nome de Deus ; ficou governando em nome da *Carta :* era sempre o rei a governar.

Entretanto as ideas de liberdade tinham-se desenvolvido, tomando grande ascendente : a revolução de septembro de 1836 arrancou, desgraçadamente por dois annos só, o poder absoluto das mãos da filha de Pedro IV.

'Nessa epocha de transformação appareceram homens que se destiguiam pelo seu valor, ou pelo seu genio, ou pela sua actividade e trabalho : Portugal, moribundo sob a influencia lethargica dos frades e sob o sceptro ensanguentado da realeza absoluta, começa a dar signaes de vida aos primeiros clarões da liberdade. A miseria publica vae desapparecendo, e a mão fertilizadora do progresso vae derramando a alegria e a fortuna no seio de algumas familias ; vae-se generalisando a sciencia, e o commercio principia a florescer, fecundando com o seu pollen de ouro a sociedade esterelisada pela tyrannia secular e pelo somnambulismo religioso.

Durante o apertado cêrco do Porto, um homem audacioso e emprehendedor conseguira entrar a barra com dois navios carregados de mantimentos : tirou de essa empreza uma fortuna consideravel.

Esse homem não nos é estranho ; é aquelle Augusto que nós encontramos sorrindo se dos amores e extravagancias da mocidade, e olhando a vida pelo prisma do util

Em 1837 tinha Augusto sociedade commercial com o visconde de S.

O visconde de S. era o homem menos aristocrata de este mundo ; era titular, porque pertencera á commissão revolucionaria que nas trevas preparava em

Lisboa o triumpho da causa liberal: em compensação dos seus serviços, D. Pedro dera-lhe um titulo, que elle entendeu conveniente não rejeitar, para não cair no desagrado do imperador e dos seus partidarios, mas a que não dava importancia.

O visconde de S. era um verdadeiro democrata; era até socialista tanto quanto se podia sel-o 'naquelle estado de cousas.

Comprava grandes propriedades rusticas, cujo amanho entregava a camponezes intelligentes e activos, com os quaes repartia proporcionalmente os productos.

Dos homens do mar escolhia os mais aptos e comprava-lhes navios para elles governarem, dando lhes lucros nos fretes e nos carregamentos.

A muitos proporcionava meios para se estabelecerem na industria ou no commercio, recebendo pelos capitaes emprestados um juro insignificante.

Levantara assim da miseria centenares de familias: era um homem querido e popularissimo, devéras affeiçoado á rehabilitação do povo e ao triumpho da liberdade.

Como dissemos, o visconde de S tinha no commercio sociedade com Augusto. Um dia o visconde convidou o socio para jantar.

A's duas horas da tarde de um domingo de Outubro entrou Augusto em casa do visconde que o apresentou a sua familia — sua mulher, senhora de seus 40 annos, e uma formosa rapariga que passava no publico por filha de S. — Augusto inclinou-se com respeito deante das senhoras, e depois, olhando fixamente para a mais nova, exclamou:

— Ora esta! Nunca vi nada mais parecido! é exactamente ella em corpo e alma! V. Ex.ª quer dizer-me o seu nome?

— Luiza dos Martyres e Silva — respondeu a rapariga muito admirada de aquellas exclamações.

—Pois senhor, tornou Augusto, olhando para o visconde; eu tinha cá umas certas theorias sobre a belleza, mas agora tenho que as reformar. — Estendendo familiarmente a mão para Luiza, perguntou: — V. Ex.ª não me conhece?

— Não! replicou Luiza cada vez mais admirada.

— Pois não se recorda de me ter visto uma vez, ha ja annos, 'numa quinta ao Ludo?

— Não! respondeu Luiza, movendo a cabeça para dar força á sua negativa.

Em vista de estas perguntas e de estas respostas, S. dizia comsigo mesmo: que diabo de historia é esta? A viscondessa franzia a testa e carregava as sobrancelhas, querendo recordar-se de cousas passadas.

— Devéras V. Ex.ª não se recorda de me ter visto com um rapaz alto, triste, pallido e sympathico, chamado Henrique?

— Ah! exclamou a viscondessa, batendo as mãos, ja o conheço! E' o snr. Augusto Guilherme; não é?

— Em pessoa, minha senhora. Mas eu é que não me recordo de ter visto a V. Ex.ª

O visconde começou a olhar o caso a serio, e pozse muito attentivo, esperando o desfecho de estas surprezas.

— Julia Lucio! exclamou a viscondessa, abrindo os olhos para Augusto.

— Como V. Ex.ª está mudada! não a conhecia.

— Este senhor, disse a viscondessa ao marido para o esclarecer, era amigo de meu irmão, e foi uma vez com Henrique jantar comnosco á nossa quinta do Ludo. Foi ahi que Henrique viu Luiza pela primeira vez.

— E' verdade, corroborou Augusto. Então ainda me não conhece? ajuntou elle, olhando para Luiza.

— Não!

— Anda cá, que eu te explico, homem! bradou o

visconde, batendo no hombro de Augusto: —esta Luiza é filha de outra Luiza. ja percebes?

— Mas que parecida? Então como está a mamã? perguntou Augusto a Luiza.

— Morreu! respondeu ella tristemente.

— Que é feito de Henrique! perguntou, mudando de tom, á viscondessa.

— Isso são contos largos, atalhou o visconde; constam de uns papeis que eu tenho ali.

— Era amicissimo de aquelle rapaz, continuou Augusto; tinha um genio extravagante e parece-me que ha de ser muito infeliz; preciso saber onde está.

— Era realmente um homem de talento e de bom coração; o melhor coração que eu tenho conhecido. A elle é que eu devo a minha fortuna. Tinha porém ideas inteiramente oppostas a esta ordem de coisas, com qne de moneira nenhuma transigia: e isso foi-lhe funesto.

— Ha de me emprestar os taes papeis, se não ha ahi algum segredo.

— Não: podes lel-os. Luiza que te os empreste, porque lhe os dei, ha seis mezes.

— Empresta mos? perguntou Augusto a Luiza.

— Aquelles papeis são o meu thesouro: não os deixo do meu poder por motivo nenhum: se quizer, leia-os cá em casa.

— Acceito.

Luiza foi-lhe os buscar e entregou-os. Augusto dispunha se para ir ler; mas o visconde, tirando-lhe-os da mão, disse: — deixa lá isso para depois de jantar: le-os á noite no meu gabinete.

Com effeito depois de jantar, que acabou pelo noite adeante, o visconde entregava no seu gabinete os papeis a Augusto, dizendo-lhe:

— Estes papeis desmancharam um casamento; e agora supponho que fazem outro.

— Desmancharam um casamento! Como?

— Olha: o marquez de L. entrou-me um dia aqui pela porta dentro, pedindo me Luiza em casamento, que ella é menor ainda e eu sou o seu tutor. Ora eu não devia consentir em tal enlace, mas ao mesmo tempo não queria contrariar a vontade da rapariga: o aperto era grande; para estudar o meio de sair de elle, disse ao homem que um casamento era caso serio, que eu precisava pensar e por conseguinte pedia trez dias para lhe dar a resposta.

— Pensei, pensei: á noite chamei Luiza e disse-lhe: tenho aqui estes papeis que eram de teu pae, escriptos pelo seu proprio punho; a minha consciencia exige que te os entregue: ahi os tens.

«De feito succedeu exactamente o que eu tinha calculado: no dia seguinte pela manhã appareceu aqui Luiza com o parecer abatido e o rosto com vestigios de uma grande dor. Depois de me dar os bons dias, disse-me: — O marquez de L. veiu hontem pedir-lhe o seu consentimento para se casar commigo: não é verdade? — E', respondi eu. — Então que lhe diz?

«Como eu me demorasse na resposta, Luiza afagou-me a cabeça com a mão direita e beijou-me a testa dizendo-me:—Comprehendo o seu embaraço: quando elle vier amanhã diga-lhe que sim, e depois mande-me chamar.

«No outro dia recebi o homem com todo o agrado e disse lhe: — Consinto, comtanto que Luiza queira, porque não faço nem desfaço casamentos: tomei o conselho do antigo dictado. — Consente, respondeu o marquez verdadeiramente satisfeito; tenho aqui uma carta, em que me diz que sim.

«Mandei chamar Luiza e perguntei-lhe: E' do teu gosto casar com o snr. marquez de L.? — Perdão, marquez, replicou ella; eu retiro a minha palavra por circumstancias imperiosas. Declaro-lhe, porém,

que isto é uma resolução livre e irrevogavel da minha vontade. — Assim disse, e saiu da sala com resolução e gravidade.

«O marquez ficou petrificado; depois cumprimentou-me e foi-se embora: e o casamento desmanchou-se.

— Parece impossivel! Luiza não amava esse homem?

— Amava-o extremosamente.

— Pois ha lá nada capaz de apagar as chammas do amor, quando se levantam no coração de uma mulher?!

— Ha sim, ha!

— O que é?!

— E' a alva de um enforcado! E' o sacrificio da vida de um homem em homenagem e defesa de uma grande idea! Lê e verás.

O visconde saiu, e Augusto começou a ler com vivo interesse aquelles papeis, a que ligava tanta importancia. Acabou de os ler ja o sol era nado. As fontes latejavam-lhe e a cabeça doia-lhe, como se estivera apertada por um cinto de ferro.

Duas grandes lagrimas lhe corriam pelo rosto, quando a porta se abriu e deixou apparecer, como por encanto, uma figura de mulher, suave, angelica, exclamando com voz dulcissima:

— A chorar! chora por meu pae?

— Sim, disse Augusto com a cabeça.

A mulher avançou, tirou do bolso do seu vestido um lenço, com que limpou as lagrimas choradas em memoria de seu pae. Depois perguntou com doçura ineffavel:

— Era muito amigo de meu pae?

— Muito.

— Ha de ser tambem meu amigo; sim?

— Serei tudo que V. Ex.ª quizer; seu irmão, seu cão, ou seu escravo! Se me fôsse permittido escolher...

— Que escolhia?!

— Uma união reconhecida e respeitada pela sociedade.

— Está dito! exclamou Luiza, estendendo a mão direita a Augusto que lhe a tomou estremosamente.

— Não sei se acredite, porque V. Ex.ª parece que é versatil 'neste ponto da vida.

— Acredite pela minha honra: e fale ao visconde que, supponho, deve ficar muito contente.

Augusto saiu, beijando com respeito a mão da sua noiva.

Luiza foi guardar 'num cofre as memorias de seu pae, que, sendo generoso para com os inimigos, parece que a reservara a ella, penhor mais querido da sua alma, para mostrar a sua gratidão a um amigo.

A sorte tem de estes caprichos: esmaga um homem sob o peso de grandes dores, e torna felizes todos quantos esse homem cobre de bençãos.

II

Memorias

Faro 1 de Janeiro de 1833

Há trez annos que vejo quasi todos os dias, ao cair da tarde, um vulto de mulher sympathica 'numa das janellas, que deitam para uma varanda, vir encostar-se á grade e contemplar merencoriamente o pôr do sol, ou passear com os olhos pregados no espaço em busca não sei de que idea ou pensamento. Traja invariavelmente longo vestido de mimosa alvura. O cinto, porém, é umas vezes côr de rosa, outras negro, lilaz ou azul. Pisa o chão com aquelle ar gracioso e brando, com que a nuvem branca vae pisando o ceo de Abril.

O seu cabello castanho, cortado na direcção do pescoço, e dividido ao meio desde o alto da cabeça até á extremidade da testa, cae em bellos anneis e da-

lhe á fronte uma expressão insolita e etherea. A belleza serena e voluptuosa do seu rosto, a vista nos enleva e arrebata o coração. E' uma deusa de Phidias ou uma virgem de Raphael? Divindade não; é uma flor que abriu na aurora do seculo XIX. Uma flor?... é uma linda mulher.

Hoje de manhã fez muito frio. Ao meio dia fui passear para o lado do nascente; saí da cidade e metti-me por uma estrada que se eleva gradualmente até um ponto, de onde se avistam bellos panoramas para leste e oeste. Ao chegar ahi, virei me para o poente e vi lá embaixo um cavallo negro vir a correr com a velocidade do raio. Ora o caminho de aqui para ésto desce 'num declive pronunciado e mao: imaginei logo que o corcel e uma dama que elle trazia se iam despedaçar, e dispuz-me para o suster. Ao aproximar-se estendi com energia o braço direito e segurei o animal pelo cabresto, obrigando o a descrever um semicirculo.

— Ja me ía fugindo a cabeça—me diz a dama sorrindo-se.

Emquanto eu afivelava bem o freio, chegou um homem montado 'num cavallo alazão. A donzella reprehendeu severamente o seu pagem, e entretanto descalçava com ineffavel graça a luva da mão direita, a qual depois me estendeu nua, e com ella apertou a minha com effusão de sincero reconhecimento, exclamando:

— Jamais esquecerei!

Acompanhei os cavalleiros com os olhos até os perder de vista, e dahi fui para casa. Junto de uma janella de vidraça, defronte da qual fica a varanda, onde á tardinha apparece aquella especie de visão, me assentei 'numa cadeira e me puz a ler João Jacques Rousseau. A's trez horas o meu criado veiu-me entregar esta carta:

«Senhor

«Minha filha Horacia de Sena Freire, acabou de me dizer que lhe deve a vida. Como agora não posso ir agradecer-lhe pessoalmente, espero dever-lhe o obsequio de vir hoje acompanhar-nos a jantar.

«O seu muito obrigado e affectuoso amigo,

José Horacio de Sena Freire.»

Mal acabei de ler esta carta, deitei machinalmente a vista para a varanda e deparei com Horacia, a qual me perguntou com os olhos e com a cabeça:

— Vem ?

Com a cabeça lhe respondi :

— Não.

Ella aproximou-se da grade, onde apoiou o cotovello do braço direito ; reclinou a sua linda fronte na palma da mão, e com certo ar de seductora tristeza se poz a olhar para mim. Vendo eu, que se não retirava, meia hora depois levantei me, cumprimentei-a e fui vestir outro fato. Quando voltei, ainda ella lá estava com os olhos pregados na minha janella. Ao ver-me, sorriu-se, ergueu-se de improviso e desappareceu. Dahi a dez minutos Horacia, conduzindo-me pela mão, me apresentava a seu pae.

José Horacio é um dos portuguezes que sob o commando do marechal Ney, combateram ás ordens de Napoleão. Antes do jantar conversamos sobre os feitos e ideas do grande soldado, e concordamos em que elle havia caido pela mesma razão que os outros conquistadores : em consequencia da usurpação da liberdade e do poder. Falando de guerra, caimos insensivelmente nas questões do nosso paiz.

— Isto vae decididamente mal — disse Horacio de Sena Freire ; — temos de um lado um rei absoluto e sanguinario, e de outro um imperador que dá uma

constituição, pela qual o povo ainda fica submettido ao pensamento e poder dos padres, ás prerogativas dos fidalgos e aos interesses dos monarchas. Estamos arranjados! o padre não nos deixa pensar; o fidalgo não nos consente subir; o rei não nos permitte reger; somos uma especie de escravos amarrados ao poste e vergalhados por aquellas tres illustres classes que se alimentam do nosso suor. Quem, como eu, sabe o que é a guerra, não pode deixar de a lamentar; mas realmente males de esta ordem só com ferro e fogo se curam.

— Isto vae mal, vae, tornei eu; mas a guerra tambem é um mal.

— Relativamente falando; em absoluto a guerra é um bem. Qual é o direito do homem aggredido? Defender-se. Qual é a ultima razão dos povos opprimidos? Levantarem-se. Para as nações torturadas pelo despotismo de um punhado de homens, acredite no que lhe digo, a guerra é o mesmo que o bisturi para aquelle que tem o peito roido por um cancro. O ferro corta-lhe algumas fibras sãs, produz-lhe uma dor energica; mas leva-lhe tambem a ulcera que lhe causaria a morte.

—O que eu dahi concluo é que o despotismo é um mal e a guerra outro: é necessario evitar ambos.

— De accordo. Vamos para a mesa.

Fizeram-me sentar no logar de honra. Eu estava ali bem; tinha defronte, no extremo opposto, um rico vaso do Japão cheio de lindas camelias; perto de mim, ao lado esquerdo da mesa, a bella, a encantadora Horacia; do direito, um homem que pelos antecedentes me levava a presumir, que não me havia de aborrecer, perguntando-me em curtos intervallos se achava o comer bom e o vinho generoso. Com effeito mal começamos a jantar, Sena Freire me disse:

— Peço-lhe que esteja em familia.

— E' verdade, ajuntou sua filha : Henrique da Silva, não acceita a minha amisade de irmã ?

— Pois não, minha senhora! respondi eu, dando certa elevação ás palavras ; acceito e retribuo com todos os affectos de irmão.

— Tornemos á nossa questão da guerra e do despotismo, disse com ligeira animação José Horacio, depois de curtos instantes de silencio. Que remedio para males tão chronicos ?

— Busquemos. No individuo ha males desorganisadores, incuraveis, porque o homem tem de morrer ; na sociedade não, que a humanidade é eterna : busquemos e havemos de encontrar. Conheçamos a essencia do governo ; o que é elle ? E' a personificação da vontade dos povos : todas as vezes, portanto, que em vez de ser isto, é a imposição violenta do arbitrio de um ou de alguns homens, as massas levantam-se e a guerra rebenta, como o raio do seio das nuvens entumecidas.

— A questão por consequencia reduz-se a constituir governo sempre á vontade do povo.

— Exacto.

— Resta-nos encontrar o meio.

— E' aquelle por que o povo pode pacificamente mostrar a sua vontade.

— Temos o suffragio universal.

— Optimo.

— Mas os homens que escolherem um governo morrem, e succedem-lhe outros que nascem todos os dias, que trazem novas ideas, novos pensamentos, outras vontades : como fazer, portanto, um governo que seja a expressão exacta da vontade das massas?

— Consultando-as de um em um, de dois em dois ou de tres em tres annos quando muito.

— Ora agora supponhamos que o povo se divide em duas porções, uma um pouco menor do que a ou-

tra : ahi temos duas massas enormes a encontrarem-se e a guerra imminente.

— Sujeita-se a menor á maior ; se as ideas da minoria são boas, ellas desenvolvem se, porque o bem é fecundo : dahi a um ou trez annos, que são para as sociedades o mesmo que um instante para o homem, torna á luta pacifica-a ver se colhe as palmas do trabalho do pensamento. Se as não alcança, torna ainda. Se então as fileiras rareiam, a ídea era má : e a minoria devia logicamente sujeitar-se ao imperio do progresso, como o individuo ao poder do tempo.

— O progresso!... Toque 'neste com esse copo de vinho do Porto. Bebamos ao progresso da humanidade!

— Ao progresso ! exclamei eu.

— Olá ! disse o meu conviva, olhando para sua filha, depois de pousar o calice sobre a mesa. O' minha pobre Horacia ! que tens tu, que estás tão triste ? !

— Se lhe parece !...

— O que ?

— O homem ! o homem ! sempre o homem ! não ha ente mais egoista nem mais orgulhoso. E a mulher ? A mulher não vale nada : é uma creatura de mais, fraca, ridicula, indifferente, esteril !

José Horacio desatou uma gargalhada : levantou-se e foi dar um osculo no mimoso rosto de sua filha, dizendo :

—Então minha doida ! a humanidade não é mulher?

Horacia abriu um sorriso que foi morrer 'num beijo na mão de seu pae.

— Ora ahi está, continuou elle, o que se faz em dar instrucção a uma mulher ! é tornal-a pretenciosa e exigente !

— Então está arrependido de me educar, meu pae?

— Não ! se tu és tão boa !... e as tuas exigencias são filhas de nobres aspirações !

— Senhor, veiu dizer um criado, está ali o snr. B.

— Não tenho remedio senão receber-lhe a visita: até logo.

— Horacia... Oh! como estou fatigado! não posso escrever mais. É uma hora da noite: vou me deitar.

2 de Janeiro

— Horacia, murmurei eu, a sós com ella, não me dirá em que pensa quando á tardinha se põe triste com os olhos fitos no espaço?

— Eu sei lá! Em coisa nenhuma talvez; a mulher não pensa.

— Em verdade, eu não lhe merecia a ironia de que vem repassada essa phrase.

— Ora veja bem!

— Ah! E' punição de querer penetrar no santuario da sua intelligencia?

— Não, não é isso. Entre nós de ora avante não ha segredos.

— Então que é?

— Adivinhe.

— Em que se põe a pensar?

— E' teimoso, como uma pedra. Ja lhe disse que a mulher não pensa; sente.

—Mas o sentimento é a irradiação do pensamento.

— Ah! sim? Está de feito convencido de que a mulher pensa?

— De feito.

— Julguei o contrario; tenho geralmente ouvido dizer aos homens que as mulheres não pensam: cuidei que fosse da mesma opinião.

— Ora!...

— Olhe: penso em vestidos, passeios, flores, musica, bailes, espectaculos, devaneios de amor, em summa em tudo aquillo que seduz o coração de uma senhora de esta epocha. Está satisfeito?

— Não. Para que falta á verdade?
— E quem lhe disse que eu faltava á verdade?
— O resentimento com que fala dos homens, e um que inexprimivel que se nota no seu rosto.
— E não tenho razão? Não hei de falar com desabrimento do homem, quando sei que elle equiparou por tanto tempo a mulher ao escravo?!
— Mas depois não consentiu que ella chegasse os labios ao calice do pensamento, que aspirasse os perfumes da poesia? não lhe deu um dote, direitos sobre os filhos e não a libertou?
— Direitos sobre os filhos!... Foi o homem que deu á mulher direitos sobre os filhos, ou é a natureza mesma que lhe os dá? Quanto ao dote foi um especialissimo favor, não ha duvida! Deus creou o ceo e a terra exclusivamente para os homens; assignou um pacto com os varões hebraicos, e ás mulheres musulmanas prohibiu a entrada no paraiso. Assim eu fôra feliz, como Deus e o ceo estão muito longe de ser o que os homens imaginam.
— Mas emfim foi ainda o homem que abriu á mulher as portas do Empyreo.
— E não digo eu bem?! Arbitro do ceo e da terra o homem dispõe de isso, como lhe apraz; não conhece outra lei senão a sua vontade e o seu capricho. Soberbo e ambicioso tem se deificado successivamente; imaginado edens e creado olympos. Que de loucuras! A vida e a ambição do homem chegam a metter dó.
— E tambem a da mulher, que é sua companheira inseparavel.
— Nas lagrimas e no infortunio.
— E no goso.
— Excepto o dos direitos. Que é a liberdade para a mulher condemnada a viver no canto de uma casa, amarrada ao capricho do marido? Porque lhe é veda-

do entrar na politica e legislar sobre a sua sorte? Porque lhe fecham os thesouros da sciencia?

— O' minha Horacia, a mulher é um bello defeito da natureza. Demasiado credula, como pode ella arriscar se a todos os perigos da liberdade? Em extremo debil, com que vantagem poderia entrar nas lutas sangrentas, a que muitas vezes nos arrastam as resacas da politica? Delicada em tudo, como applicar-se aos arduos trabalhos do pensamento?

— Não gosa então a mulher dos mesmos direitos que o homem por defeito de intelligencia?

— Talvez.

— Mas Sapho e Hypathia?

— Então é defeito de coragem.

— Semiramis e Joanna de Arc?

— E' por falta de reflexão.

— Ora adeus!... Isso está rebatido; a demasiada credulidade é filha da ignorancia.

— Porém, se a mulher tem todas essas virtudes, porque não caminha ella em tudo adeante do homem?

— E' pela sua generosidade e pelo amor.

— Generosidade e amor! são duas phrases bonitas. Mas... qual foi o motivo de esta discussão?

— Foi que eu percebi que nos seus planos de organisação social o suffragio era vedado á mulher.

— Uma illusão; estando ha muito convencido de que o homem isolado seria incompleto, e de que sem a mulher fôra impossivel a perpetuidade da raça humana, da unidade de fim deduzi a egualdade de direitos.

— Por consequencia estava a zombar de mim?

— Não; estava gostando de a ouvir discorrer.

Horacia esteve pensativa alguns momentos. Depois perguntou com uma inflexão de suavissima ternura:

— Com franqueza, Henrique, antipathisa comigo?

— Para que pretende saber isso?

— Olhe: tenho uma boa fortuna; meu pae ensinou-me philosophía, mathematica e historia e eu tenho estudado e pensado muito; ora o senhor é o homem que enche as minhas ambições e satisfaz as exigencias do meu pensamento; dahi devo-lhe talvez a vida: se quizesse...

— O que?

— Eu era a tua Aspasia. Estudavamos, discutiamos. Tu fazias te escriptor; eu era o teu secretario: e juntos haviamos de conseguir illuminar de gloria o teu nome.

— Porém com que direito me apoderava eu dos teus pensamentos?

— Com o que te dava o excesso e a abnegação do meu amor!

— Horacia, terna e magnanima Horacia! quem pudera acceitar o teu amor!

Levantou se Horacia da cadeira, em que estava sentada, e empallidecendo, murmurou:

— Desprezas-me!

— Oh! não, não; morro cedo; e não queria que as recordações de uma união intima e idealisada te fizessem derramar lagrimas que requeimassem as flores do teu bello rosto!

— Quem te disse que morrias cedo? Se foi algum medico, não acredites.

— Foi o coração, que me não engana.

— E' que o teu coração está morto. Ama, se queres viver muito.

Horacia aproximou-se de mim. Oh!... que amor fulgurava em seus olhos! que doçura parecia ondear em seus labios! que voluptuoso perfume exhalavam os seios que se viam palpitar pela suave transparencia do seu vestido branco, apertado na cintura por uma faxa de seda azul bordada a ouro! Ao rosto virgineo que celestial graça lhe davam os cabellos flu-

ctuantes ! Que sorriso ! que encanto ! que seducção ! Ao sentir os dedos da sua nivea mão passarem pelo meu cabello, que ondas de ternura se moviam languidas no intimo de meu peito! Que estava eu vendo ?! Os ceos abertos ?! prodigios de amor ?!...

Ah! quão vária e mutavel é a vida! 'Naquelle momento vozes de prisão e de morte, que se levantaram na rua, vieram quebrar o meu encanto. A existencia dos homens livres está sendo perseguida pelo mais estupido e atroz de todos os despotismos.

5 de Janeiro

Todas as vezes que me entrego á dedicação de alguma mulher, uma grande desgraça cae sobre a minha existencia e me corta uma fibra do coração; amei Elisa, tentei suicidar-me; quiz viver para amar Luiza, assassinaram-na : parece que padecer muito, é condição de quem muito ama.

Reflectindo em Horacia, determinei não me prender ao seu amor; porém, que força de vontade não me é necessaria para resistir á magica seducção de esta mulher, que a cada momento, apezar meu, se me representa na imaginação ? !

Não obstante, não a hei de amar. Que é porém a alma sem a luz do amor ? Um recinto, onde estão adormecidas varias figuras, envoltas 'num manto de escuridade. Mal ahi apparece aquelle sol do mundo do sentimento, ellas despertam, levantam-se, tomam posições arrebatadoras, attitudes sublimes : a alma é então um eden, no qual se passam dramas, cujos papeis mais importantes pertencem á poesia.

Quem não ama, está morto ; mas o amor da mulher, ephemero, como a rosa que o vento desfolha, não me convem. Ha uma dama tão linda, como os amores, immortal, como a intelligencia. Cincoenta e oito secu-

los não lhe teem podido levar das faces um atomo de rubor virginal, nem branquear ao menos um dos seus longos cabellos negros: com o correr do tempo, oh maravilha! sua belleza augmenta! Aos que a adoram e por ella morrem, chamam os perversos, insensatos; os indifferentes, doidos; a multidão lhes chama sabios, martyres ou heroes. Ó humanidade! eu amo-te, porque sou uma porção de ti mesma.

6 de Janeiro

Onze da noite. Acabei de dar lição a minha filha, em quem vejo constantemente a imagem viva de sua mãe. Pobre creança! és tu que me prendes com grilhões mais pesados, do que esses, com que a morte amarra os cadaveres. Se tu não foras, sacrificar-me-ia ja por este povo adorador do despotismo que o esmaga, e lhe nega o direito de pertencer á raça humana.

Quanto custa fazer entrar uma idea boa no coração das massas entorpecidas pelas sombras da ignorancia! Que de torrentes de sangue não tem custado cada um dos vagarosos passos que o homem tem dado no decorrer de tantos seculos!

Se eu pudera suspender a revolução que entre nós se agita, á fé que não correria nem mais uma gotta de sangue. Mas que pode materialmente um só homem contra tantos? O' guerra, monstro horroroso, eu morreria de desespero, se não tivera a esperança de que te hão de pôr termo um dia! Ah! quando se convencerão os homens de que assassinarem-se mutuamente é o maior de todos os absurdos! Em cada uma das vidas ceifadas nos campos de batalha quantas invenções uteis não terá perdido a humanidade!

Se um habil humanitario dirigira a instrucção publica por espaço de dez annos, no decurso de vinte teria operado uma brilhante revolução. Fôra para de-

sejar que alguns homens intelligentes andassem de terra em terra ensinando ao povo a philosophia da historia ; optimos resultados deveriam produzir estes missionarios da liberdade e da sciencia humana.

O' minha filha, que estás dormindo o somno da innocencia, porque vem a tua imagem agora sorrir á minha alma ? Deus te dê uma familia numerosa, para que no teu regaço de mãe lhe transmittas as boas lições que te hei dado.

Estão caindo frocos de neve : como que sinto as mãos presas por uma corda de frio.

9 de Janeiro

Acabo de presenciar um espectaculo repugnante : um missionario na praça publica deturpa vergonhosamente as doutrinas do Evangelho ; diz ao povo que a liberdade é um sacrilegio e que o rei é na Terra a imagem de Deus : e que por isso devemos soffrer humilhados os castigos que elle nos impõe, como soffremos o raio que vem do ceo !

Este barbaro vestido de sotaina, amarrada á cintura com uma corda de esparto, ameaça com o fogo do inferno a pobre gente que o escuta, se faltar á obediencia do governo que ahi está a enforcar desgraçados, pelo facto de quererem a prosperidade da sua patria e o progresso da vida humana : e o povo crê, chora, lamenta-se e vae beijar a orla da tunica do homem que o assassina com o punhal da mentira.

Fiado em que a força do bem é superior á do mal, sentia vontade irresistivel de dizer a verdade áquella desgraçada gente. 'Neste comenos entrou na praça um homem acompanhado de soldados. Uma voz do seio da turba exclamou : «*É malhado !*» Dahi a pouco um chuveiro de pedradas caiu sobre o infeliz. Notei que trez ou quatro mulheres grosseiras se torna-

navam salientes no insulto. Taes são as funestas consequencias da duplice tyrannia que nos opprime.

Oh!... eu quero o equilibrio das fortunas, a extincção das dignidades hereditarias, a apotheose do trabalho, da sciencia e da virtude; quero o respeito á propriedade e á existencia humana; quero a vida no gozo de todas as sensações suaves e o homem na plenitude de todos os seus direitos; a guerra abomino-a com todo o exaspero da minha alma; mas 'neste momento, em que vejo o despotismo levantar-se insolente e sanguinario, quasi que perdoo aos revolucionarios do Porto, defenderem a liberdade á força de armas.

10 de Janeiro

O ceo está nublado e triste. Assomando-se, de quando em quando, pallido, entre nuvens pardacentas, o sol parece um pobre, coberto de andrajos. O mar, bradando desesperado, repelle os pescadores. Apresentam os campos um aspecto que nos faz doer a alma; tem o que quer que é de parecido com a lugubre severidade da morte. Os dias curtos; fomes, doenças e falta de trabalho. Ondas de pobreza invadem as ruas, envolvem os viandantes e sobem ás casas, como as vagas aos rochedos. Iria melhor a sociedade, se os que teem estado á frente das cousas publicas não fossem egoistas que vivem da ignorancia e miseria dos povos, como a mais cobarde das aves de rapina vive de despojos cadavericos.

Quasi todos observam passo a passo a guerra civil que nos flagella. Desejam alguns que triumphe a causa de Dom Pedro; mas ai de aquelle que revelar tal desejo! lá o espera a prisão ou a morte! Estupida intolerancia! nem sequer nos é permittido pensar em vivermos livres!

11 de Janeiro

A's dez da noite recebi uma carta, na qual Julia, dizendo-me que a minha vida está em perigo, me aconselha a fugir.

Que motivo terá ella para me aterrar com a gravidade do risco e indicar-me a fuga? Serão preoccupações do seu espirito feminil? ou uma famosa combinação? E' singular esta mulher, doida, ou sublime... Que tempestade de pensamentos agita a minha alma! Ai! que me sae a phrase partida! Embora; tem o merito da naturalidade, filha do primeiro impulso.

Ora do que eu não duvido é de que este exercito de satellites do despotismo seja capaz de me vir prender, a fim de me devorar os bens por meio do sequestro. E estão a imaginar fadas, serpentes... O inimigo do homem é o homem mesmo. Quanto mais ignorante, mais barbaro e mais fanatico. Não sei que generosa personagem bradava a uma nação de homens livres: «*Instrue-te, ó povo, se queres ser feliz.*» Ella tinha razão; a luz da intelligencia dissipa as figuras phantasticas do mal.

Temo que me roubem a existencia, ainda tão precisa a minha innocente filha. Está ahi um navio a partir para Inglaterra: embarcar me ei, mal amanheça.

12 de Janeiro

Eu devera agora, sentado no convez de um navio, estar contemplando com prazer as estrellas do ceo, vendo á luz de um bello luar, a brisa enfunar as velas, ouvindo o sussurro da agua cortada pela proa, ou admirando o bello horrivel de uma tempestade no mar. Devera?!... prever o risco e evital-o a tempo.

Estou na hedionda espelunca da cadeia de Faro.

Quem me diria a mim que havia de ser companheiro de infortunio de aquellas figuras cadavericas, que eu via outrora metterem o braço pela grade de ferro, e estenderem a mão, pedindo-me esmola? de aquelles semblantes severos que se agrupavam á janella gradeada, a fim de respirarem um pouco de ar livre? Isto é uma fornalha, onde se queima a virtude e a vida.

Os alguazis que me arrombaram a porta e me prenderam, disseram que vinha preso por ter protegido as familias dos malhados; por ser inimigo da religião e do estado. Adeus, meus bens; ja os sequestraram. Agora que ja não tenho nada, e á força me separaram (para sempre?) de minha filha, estou prompto para fazer guerra. Não hei de tomar na mão o punhal do assassino e craval-o no coração do despota, não; que a idea productora do tyranno, lá iria logo erguer outro. Pela força prodigiosa do pensamento e da palavra hei de escavar na luz ou nas trevas a ruina das instituições da tyrannia.

Uma hora depois de entrar aqui, falei aos presos: elles queriam revolucionar-se, matar o carcereiro e arrombar as portas da prisão. Não gosto de estes apostolos de ferro e de fogo: quero homens que olhem com indifferença para a morte, emquanto prégam a paz e a liberdade.

A's 4 da tarde. — Depois do meio dia, o carcereiro veiu-me chamar e conduziu-me para um quarto, onde deparei com Julia e minha filha, a qual me enlaçou logo os braços na cintura, e se não fartou de me beijar as mãos, cobrindo as de lagrimas. Pobre creança!... queria ficar presa comigo! Que de caricias! que de tocantes e innocentes supplicas! que de prantos ella empregou para que não a mandasse embora! E que de forças eu pedi ao coração para deixar ir dos meus braços aquelle bocado da minha alma! Ape-

sar de ter soffrido muito, é este o transe mais doloroso de toda a minha vida. Quem não for pae ou mãe não o pode comprehender.

Filha da minha alma! parece-me que ainda te estou vendo, ao transpor os umbraes da prisão, dizeres-me com os olhos um adeus despedaçador!

E' noite. Na cadeia ainda não ha luz.

13 de Janeiro

Depois que Julia e Luiza se foram embora, eu tornei ao fundo da prisão, onde jaziam os maiores criminosos. Quando á noite o carcereiro veio accender a luz, approximando-se de mim, disse: «Queira-me acompanhar.» Levou me para um quarto, lá acima. Ahi encontrei uma excellente cama, um bufete com um lindo candieiro e duas cadeiras de palha: afigurou se-me não estar na cadeia. Atirei me logo para o leito. O guarda deu as costas e fechou a porta.

A's onze horas ainda não dormia. Senti dar volta á chave: a porta abriu-se e assomaram duas personagens: o carcereiro que tornou a fechar a porta e saiu, e outro baixo, embuçado 'numa capa que lhe encobria meio rosto. Approximou-se de mim, e desembuçando-se, me estendeu a mão, sorrindo-se. Julia! exclamei eu, levantando-me de improviso.

—Não me esperavas aqui a estas horas; não é verdade?

— Eu sei! Ha mulheres capazes de tudo. Cleopatra, que andava em guerra com o irmão, em casa de quem estava Cesar, foi, enrolada 'num fardo, ás costas de um escravo, implorar a protecção do heroe de Roma.

— Deixemo-nos de divagações.

— Onde está minha filha?

— Em minha casa. E' preciso ires te preparando

para a ir ver, ajuntou Julia muito de mansinho.

— Que ? !... Trazes ordem de me soltar ?

— Trago o plano de te pôr em liberdade, murmurou ella, dando uma expressão encantadora aos olhos, e correndo pelo seu lindo cabello de ouro as mãos de açucena.

— Como ? !

— Toda a questão se reduz a prender o carcereiro, quando aqui vier, de maneira que não faça alarme.

— Elle vem cá ?

— A' meia noite trazer-nos o ponche.

— Fica por minha conta ; amordaça-se e amarra-se áquelle leito.

— Já tinha imaginado isso. Muito me hei de eu rir, se logro aquelle tratante, que não me quiz vender a tua liberdade mais caro, para me ceder este quarto e esta visita por cem moedas de oiro.

— Julia, magnanima Julia ! com que te hei de pagar tudo isto ?

— A dedicação paga-se com dedicação, murmurou ella, sorrindo-se e tocando de leve com o index da mão direita na ponta da minha barba. — Olha, ajuntou : e a corda para prender o homem ? Ah ! vamos cortar a colcha. — Então não me ajudas ? me perguntou ella depois de metter mãos á obra.

Eu, que estava sentado, sorri-me tristemente.

— O riso de um sceptico ! exclamou ella, deixando tudo pela mão.

— Não te enfades : continua a tua obra.

Ficou a olhar para mim pensativa, estatica. Só continuou depois de eu, para a assegurar do meu affecto e da minha crença nos seus planos, lhe ter com ternura beijado a cabeça.

Julia é decidida : concluiu depressa o que tinha a fazer. Veiu sentar-se ao pé de mim e combinar o meio, por que nos haviamos apoderar do carcereiro.

Disse-me que ja estava fretado um barco para nos conduzir a Gibraltar, e que de ahi iriamos para Londres. Que de passeios a cavallo, que de espectaculos, que de empresas, que vida luxuriante ella delineava! Como a sua imaginação vivissima dava a tudo isto o cunho da realidade! Apesar de toda a poetica seducção de esta mulher adoravel, eu estava triste. Eram inuteis todos os esforços que empregava para expellir as ideas lugubres que se me levantavam no espirito e atravessavam o coração.

Soou alfim meia noite: dahi a alguns minutos a porta entreabriu-se e o carcereiro appareceu. Um estremecimento nervoso me percorreu o corpo e o coração batia me violentamente. Eu tinha de mostrar que era homem, e sentia-me disposto a isso. 'Nesse instante, porém, um alarido immenso rebentou no fundo da prisão: o carcereiro escoou-se, tornando a fechar a porta. Revolucionados os presos puzeram tudo em alarma. Uma hora depois o tumulto havia socegado.

São seis horas da manhã. Sentada defronte de mim, Julia tem os cotovellos apoiados no bufete e o rosto entre as mãos. Vertem sangue seus labios mordidos com desespero; e seus olhos, de um azul limpido, teem uma expressão terrivel!

27 *de Janeiro*

Ha trez dias que me não é dado ver o sol, nem respirar um atomo de ar livre; transportaram-me em corpo e alma para o inferno!

Hontem á noite encostei-me a um muro e fechei os olhos, diligenciando dormir. Dahi a alguns momentos andava passeando 'naquelles campos lugubres, onde vageiam tristes as sombras precitas; era um sonho fastidioso, originado pelas vagas recordações de um

bello episodio da *Eneida.* Ai! Quem me dera que fosse realidade! Ahi vastidão e arvoredo; aqui um sepulchro cheio de ar infecto e materias fecaes!

O' liberdade! liberdade! querida filha do ceo; existes acaso só para os principes?! Se algum outro homem ousa erguer para ti os olhos, commette um crime de lesamagestade, e é por isso digno de ser condemnado á morte?!

O' liberdade! liberdade! que de tormentos por amor de ti! Cara irmã! se tu nasceste comigo, se foste embalada no mesmo berço, se eu sem ti sou escravo, porque te não hei de eu amar?! Quem é o criminoso? E' quem te ama ou quem te supprime? Qual é o bem? E' o amor, ou é o odio?

A's 7 horas do dia 13... Oh! esta transição não foi bem feita! porém que me importa? Vou seguindo os impulsos do coração: deixo as regras que nos querem impor certos homens, os quaes, julgando-se senhores de todas as harmonias da arte e da sciencia, pretendem ser eternamente imitados. Não sabem elles que o estylo é o genio, e que este é variavel como a physionomia.

A's 7 horas do dia 13, dizia eu, Julia, de quem 'neste momento quasi que tenho saudades, despediu-se de mim, e o carcereiro me reconduziu para o fundo da prisão. Duas horas depois me foi perante quatro soldados lida a ordem de partir para Lisboa. O guarda, talvez por piedade, quiz-me pregar um L nas costas, a fim de não ser apedrejado pela populaça escrava e brutal.

O L — ladrão — é o escudo, com que se cobrem os liberaes menos corajosos, quando são presos e conduzidos por entre o povo. Mal o carcereiro me apresentou este signal ignominioso, occorreu-me logo a idea de aquella maxima: «*Potius mori, quam fœdari.*» Olhei para o homem e disse-lhe em tom firme:

«Mais vale morte, que vergonha.» Elle abaixou os olhos e poz-se com os dedos a enrolar a letra.

Sai da prisão e fui conduzido no meio da escolta. Quando ia atravessando a praça, um bando de rapazes insolentes apupavam um velho coberto de andrajos. Vendo os soldados, o desgraçado reanimou-se e atirou aos travessos com o bordão, a que ia arrimado. Então um dos mais atrevidos tornou atraz e, agarrando o pau, que o infeliz lhes arremeçara, correu mais impetuosamente. Emquanto eu embarcava, o pobre, desesperado, ficou atroando o ar com insultos e pragas.

Ao meio dia, o cahique, no qual vim de viagem para Lisboa, estendeu ao vento as suas azas de cysne e foi mansamente sulcando as aguas. Na tarde do dia seguinte estavamos perto do Cabo de S. Vicente. Norte rijo encapellava o mar : o naviosito, não podendo montar o promontorio, veiu arribar a Sagres, onde estivemos até 20. Seguimos depois viagem e fundeamos no quadro ás 10 horas do dia 24.

A's trez e meia da tarde entrei no Limoeiro, onde a crueza, a miseria e a fome devastavam as victimas do mais inaudito fanatismo e da oppressão mais execranda. Depois de ser interrogado, um dos empregados da prisão tirou-me o lenço de seda que me servia de gravata e o alfinete de ouro que levava no peito ; dahi, com espanto meu, desatou-me as fitas das ceroulas e cortou-as. Perguntei para que me fazia isto. Respondeu-me : «Para o snr. não se enforcar.» Não pude deixar de sorrir-me da misericordia de estes assassinos que roubam e insultam o preso com o mais ridiculo de todos os pretextos. Santas leis ! felizes tempos ! bemaventurada geração !

Conduziram-me depois por um corredor, no fim do qual abriram um alçapão, por onde desci para uma sala triste, na qual estavam cinco presos, que me pa-

receram homens delicados. Um de elles, alto, cadaverico, olhar altivo, longo cabello enxovalhado, quando me viu, estacou, e cruzando os braços contra o peito, mediu-me 'num relance de olhos.

No fundo da sala havia uma porta de ferro. Abriram-ma: entramos 'num corredor sombrio, no fim do qual levantaram outro alçapão, por onde desci para o inferno. O inferno, meu caro, chamam aqui á ultima enxovia do Limoeiro.

Estava o dia nublado e era o sol quasi posto: no inferno não havia luz. Quando me achei no fundo de esta prisão asquerosa, confesso que senti comprimir-se-me o coração e a alma quasi que afogar-se em tristeza; é que ella não foi creada para viver nas trevas nem supportar os horrores da escravidão.

Longo tempo fiquei estatico, abysmado em meditação profunda, da qual fui arrancado pelo mais doloroso de todos os gemidos.

— Quem está ahi? disse eu, interrogando o suspiro lugubre que partira lá do canto da prisão.

Ninguem me respondeu: parecia 'neste vasto sepulchro reinar o silencio da morte. Julguei que as dores agudas, as quaes ha muito perseguem incessantemente a minha alma, a tinham lançado agora na prostração pallida do terror, e a faziam delirar, ouvindo echos, onde não havia mais que mudas sombras. Com attenção escutei para me convencer de que laborava em illusão ridicula; outro suspiro ainda mais dorido me veio provar que existia realmente 'neste inferno alguem que padecia, interrogei de novo com voz trovejante:

— Quem está ahi?!

De esta vez ainda ninguem me respondeu. Este mysterioso silencio fez-me pensar se me devia ou não dirigir para o logar, donde saíam os queixumes; levou-me porém a attenção para um facto de outra na-

tureza; ruido de portas que se abriam e fechavam. Dahi a nada senti abrir a porta de este iuferno mortifero: o mesmo homem que para aqui me conduzira, desceu acompanhado de dois guardas, trazendo na mão uma lanterna accesa. Olhei logo, como por instincto, para onde ouvira os gemidos, e vi lá junto da parede um vulto estendido no chão. Uma voz cansada e cavernosa disse então ao demonio que trouxera a luz:

— O' senhor T., quer-me finalmente deixar morrer aqui?

T. fez um sorriso satanico, e sem dizer nada foi accender outra lanterna, pendurada na parede ennegrecida.

Os trez homens subiram e desappareceram á maneira de nocturnos phantasmas: dirigi-me logo ao meu companheiro de prisão e com muito boas maneiras lhe disse:

— Não me diz o que tem? Posso-lhe ser util 'nalguma cousa?

— Quem é o senhor? tornou elle, fitando em mim os olhos encovados.

— Um homem que não commetteu crime e que está preso, porque lhe quizeram roubar os bens e o accusaram de ser liberal.

— Oh! bem haja o ceo que me deparou um amigo! — exclamou elle com inexprimivel alegria.

— Mas diga-me: que tem? Está atacado do cholera?

— Não; estou no ultimo periodo da pthysica! — respondeu, suspirando e fechando os olhos cansados.

Ajoelhei ao pé da esteira, onde o infeliz estava deitado e tomei-lhe carinhosamente a mão ardendo em febre.

— Ah! exclamou então elle, quando me lembro de que ainda ha trez mezes era tão feliz! via a luz do

sol espraiar-se no ceo, respirava ar livre, encontrava rostos amigos, passeava em liberdade, embriagava me de amor, nutria doces aspirações... Como tudo isto se desfez 'num momento!

«Eu amava, e agora mais que nunca, amo a liberdade; mas não cheguei a tomar 'nella parte activa. E os infames accusam-me de espião e lançaram-me 'nesta masmorra, onde me tiraram lentamente a vida, a mim, que era capaz de vender saude e de correr a pé o mundo inteiro!

«A fim de não morrer de fome vi-me obrigado a comer umas pelles cozidas que são o jantar que todos os dias me trazem 'nessa tijella de cobre que ahi está tal qual hoje me apresentaram... Esse cheiro incommoda-me: atire com isso lá para longe.

'Neste ponto fez breve pausa. Depois continuou:

— Envenenaram-me pouco e pouco... Oh!... maldita sociedade, como tu tratas os teus filhos! Se eu...

Cavernosa e convulsiva tosse lhe cortou a palavra. A custo solevantou a cabeça e, aproximando a da borda da esteira, lançou ao chão uma golfada de sangue. Sobrevindo-lhe o desalento, por algum tempo o julguei morto.

Sentara me ao seu lado. Quando tornou a si, deu com os seus nos meus olhos que o contemplavam: benevolo sorriso lhe ondulou nos labios encrespados. Foi lentamente erguendo o braço direito, e em signal de agradecimento me pousou na coxa a mão desfallecida. Olhando para o sangue que vomitara, fez um triste acceno de cabeça e com amarga inflexão exclamou:

— Escreva além 'naquella parede com esse sangue:

«Maldição! trez vezes maldição ao inventor das prisões homicidas!

«Maldição ao carrasco! maldição aos tyrannos!

«Oh!... triste vingança!... O ultimo grito do homem liberal deve ser de perdão para os seus assassinos: escreva pois com o sangue de este martyr:

«Perdão! perdão para todos!»

«Mas, se um dia se vir livre lá fora, prégue ardentemente contra o absolutismo! desenhe a todos com o que a imaginação tem de mais lugubre, este quadro horroroso de um rapaz, de vinte e dois annos, mirrado de fome, cortado de dores, pelos absolutistas barbaramente assassinado no fundo de esta masmorra infecta!

Vendo eu que se ia de novo alterando e que outro accesso de tosse lhe podia extinguir a vida ja tão debi, disse, apertando-lhe amigavelmente a mão febril:

— Não se altere, que lhe faz mal. Viva, que havemos de sair de aqui.

Moveu a cabeça, como quem duvída, e abriu um sorriso de incredulidade. Depois, fitando em mim seus grandes olhos negros, redarguiu:

— De aqui havemos de sahir para a cova ou para a forca; que é para onde têm ido todos os que teem cá estado!

«Perdão! eu não devia dar-lhe esta noticia. Mas emfim... o senhor parece me um de aquelles homens que encaram friamente a morte.

«E demais: a morte que é senão o acto mais nobre da existencia!? A magestosa tranquillidade do meu espirito no meio de tantos horrores e de tão flagrantes injustiças, não é uma prova segura de que a morte é conductor mysterioso de outra vida esplendente!?

Aqui, penetrante dor contraiu o rosto do enfermo que levou as mãos ao peito, o qual parecia estalar-lhe.

Passados momentos, arrancou um suspiro, semelhante aos que eu ouvira. Perguntei-lhe então porque me não respondera, quando o interrogara nas trevas. Olhou para mim, sorrindo-se tristemente. Levou a

mão á cabeceira e tirou um relogio de ouro que em entregou, dizendo:

— Permitta-me que lhe offereça esse relogio, como recordação. Estava destinado para um anjo que me adorava; mas...

— Mas?...

«Era de este mundo, onde as cousas mais formosas
teem sorte mais villã:
e, rosa, ella viveu o que vivem as rosas:
o espaço da manhã.»

O infeliz para me dizer que a sua amante morrera recitou com muito sentimento a traducção de aquella celebre quadra de Malherbe:

«Elle était de ce monde, oú les plus belles choses
ont le pire destin:
et, rose, elle a vécu ce qui vivent les roses:
l'espace d'un matin.»

— Quem me diria então a mim, disse elle depois de recitar os versos, que havia de vir morrer 'nesta masmorra?! E como!...

A mão descarnada levou-a aos olhos para enxugar as lagrimas que 'nelles marejavam. Dahi, como que envergonhado de ter chorado, reassumindo as forças que lhe fugiam:

— O' meu amigo, perdoe-me esta fraqueza! é vergonha chorar, quando se caminha para a eternidade!

E eu perdoei-lhe aquellas lagrimas, arrancadas pela saudade pungente de objectos que jamais esquecem.

Quando morre na manhã formosa da existencia, o homem chora, como a aurora, quando se despede.

Ver com indifferença na juventude o sopro gelado da morte emmurchecer e levar uma a uma as petalas da flor mysteriosa e brilhante que chamam vida, isso é do inteiramente cynico ou do infinitamente justo.

Não era elle uma nem outra cousa ; collocado por factos especiaes, cuja origem não tratava de profundar, nas circumstancias de gozar sem se affligir com a dor dos outros, deixava muitas vezes escapar este grito irreflectido : « não vim cá para emendar o mundo. » Seu coração bem formado, como o de todos os homens, quando nascem, transtornara-se um tanto com as doutrinas dos pessimistas e inclinara-o para o egoismo. A revolução encontrava-o indifferente ; mas no seu correr vertiginoso arrojou-o de improviso para o fundo de um carcere, bem como a torrente impetuosa que transborda, arroja ao seio do abysmo a pedra immovel vestida de musgo pela beneficencia do ar e do sol.

Abandonado á miseria e á crueldade nas lages frias de uma prisão, é que elle conheceu que o seu bemestar tinha relações intimas com a sociedade e que por conseguinte, trabalhando por esta, trabalhava para si mesmo : quiz subir e entrar com vigor na luta... ja era tarde, que dali ao sepulchro ia só um passo !

Chorou... chorou o seu erro : e o seu pranto de arrependimento merecia compaixão.

Se bem que este rapaz malfadado, a entrar no silencio respeitoso da eternidade, me attraisse especialalmente a attenção, eu sentia sempre um vacuo. Ah ! a mocidade e innocencia ultrajada faziam-me recordar da minha querida filha !

Abysmando me 'nesta reflexão, o preso respeitou os meus pensamentos e conservou-se largo tempo silencioso. Deram oito horas : os guardas vieram passar revista ao carcere e apagar a luz. Quando sairam, dirigi os olhos para o morrão que estava a fumegar, como se tivera saudades da claridade. O meu companheiro fez o mesmo ; e arrancando umas palhas da esteira, onde jazia prostrado, entregou-me as, dizendo :

— Corra, ponha isto sobre o morrão e assopre com força.

'Num salto fiz o que elle me disse : as palhas tomaram ala e a luz accendeu como por encanto.

— Ainda bem ! exclamou o doente, ha trez noites que não tenho luz !

Alegrou-se com esta companheira da vida e pediume que o ajudasse a sentar. 'Neste momento uma onda empestada, saida dos respiradouros das sentinas invadiu a prizão e pareceu querer matar-nos.

— Como são felizes, murmurou o enfermo, os que respiram ar puro !

Deixou-se cair e estendendo-me a mão direita, disse:

— Vou dormir : adeus ; até ámanhã.

Virou o rosto para a parede e escondeu a cabeça no cobertor : eu fui passear lá ao largo, a fim de lhe não perturbar o somno Passeei agitadamente para ver se expellia o frio que me encommodava. Quando um raio da claridade matutina entrou por uma fresta da prisão, aproximei-me do meu companheiro, chamei por elle, saccudi-o primeiro com brandura, depois com violencia e não respondeu ; estava morto!... Não digo bem ; estava assassinado !

O seu assassino monstruoso é esta porção ignobil da sociedade que pretende conservar o mundo no estacionamento o mais funesto. A prisão não deve ser um cadafalso, onde se corta a vida lentamente. Se ha crime no mundo que mereça punição rigorosa, é o dos homens que sustentam estes patibulos hediondos, em que as victimas expiram nas trevas, longe da compaixão publica ; crime que não tem desculpa, porque, de ha muito, está provado que o criminoso é um doente, o qual a sociedade deve restabelecer.

Mas aquelle rapaz estava innocente : e morreu ás mãos da justiça humana! Como pode esta ser equitavel para aquelle que ja não existe ? !

Clamemos contra estes malvados, que para opprimir seus similhantes abusam da mais santa das virtudes, que o porvir nos ha de vingar!

Não posso narrar estes factos, sem fazer as reflexões que elles me suscitam. Isto serve-me ao menos de alivio aos duros trabalhos, por que me fazem passar. Consola-me e robustece-me a idea de que a justiça está do meu lado.

Continuemos: o cadaver do meu companheiro levaram-no pela manhã quando vieram revistar a prisão. Nas noites dos dias 25 e 26 dormi alguns instantes, encostado a um canto da enxovia. A refeição 'nestes dias era o tal caldo e pelles, de que me falava o pthysico. Eu comia apenas um bocado de pão negro que tambem me traziam.

Ao meio dia do dia 27 fiquei maravilhado, quando o celebre empregado silencioso, encarregado de esta prisão, me apresentou um bom jantar e uma excellente cama: interroguei-o com os olhos, mas elle carregou ainda mais o seu rosto bastante feio. A' noite, quando veiu seguido dos guardas apagar a luz, estava eu deitado. Aproximando-se de mim, atirou-me um embrulho para cima do cobertor. Lancei logo mão de elle: e vi que era muito pesado. Abri-o e encontrei preparos para accender a luz, um cartuxo de dinheiro, um castiçal e velas. Mal accendi uma, fui examinar melhor o que me trouxera: achei um bilhete que dizia assim:

«HENRIQUE:

«Não desanime; creia no poder do meu braço, na sorte que me protege e na dedicação que lhe consagro.»

Quem se interessará por mim? Andará 'nisto a mão de Julia? Talvez; a dedicação das mulheres appare-

ce asvezes illuminada pelo resplendor da heroecidade.
Uma hora no relogio da Sé. Como a vida se escoa rapida! Ai de aquelle que na torrente vertiginosa se não pode apegar a um raio da immortalidade!

17 de Julho

Que cinco mezes de monotonia! Tenho estado apathico. Hoje acordei com uma grande febre. Oh! bem haja ella! que me trouxe a minha antiga sensibilidade. Sinto o corpo como que arder, desfazer-se...
Bemdito seja quem deu a morte ao desgraçado!
Para o condemnado a viver 'neste inferno a morte é a fonte de agua fresca e pura, com que depara o caminhante no deserto.

18 de Julho

Vou melhor. Vivamente me preoccupa esta carta:

«Henrique:

«Vae ser julgado no dia 20. Hão-de accusal o de inimigo da religião e do estado, por ter propagado doutrinas contrarias á fé, e conspirado contra o rei, auxiliando os malhados. O dr. D., seu defensor, está munido dos documentos necessarios para destruir aquellas vagas accusações Os membros do tribunal tem o maior interesse em absolvel-o. O meu amigo não tem mais que negar absolutamente todas as accusações que lhe fizerem, tecer um bom elogio a D. Miguel e fazer uma invectiva furibunda contra os liberaes. Confie, o seu caminho, tão cheio de fragas e de espinhos, está plano e juncado de flores. Tenciono dar-lhe um bom abraço e fazer-lhe uma agradavel surpreza.»

Querem absolver-me e juncar-me o caminho de flores com a condição de renegar publicamente a minha fé politica!

O' meus senhores! isso é mais serio!... veremos. Perversos! por quanto venderiam essas flores áquelle que se interessa por mim?! Consciencia, justiça, direito, moral, ah!... eis ahi quatro phrases, em nome das quaes os despostas tem mandado assassinar os que não querem receber o seu jugo de ferro.

São acaso o direito e a moral, o capricho dos juizes, o egoismo pomposo e a vida luxuriante dos reis? São ideas vagas, indefinidas, envoltas 'num veo de sangue? Oh! não, não! a moral, o direito são a liberdade e reciprocidade de interesses e de affectos. Se não fôra isto, que de perplexidades agitariam a minha alma? que de horrores povoariam a minha imaginação! que de remorsos pungiriam a minha consciencia?

O' grande principio da fraternidade! que esplendidos horizontes tu apresentas deante dos olhos de quem ama o bem: encanta-me, arrasta me o prazer de morrer por ti!

21 de Julho

A's duas da tarde. Acabo de chegar do tribunal. Tudo estava realmente disposto para me absolverem; o ouro convertera em amigos aquelles algozes de tantas victimas. O accusador falou pouco e sem enthusiasmo, sem convicção. O meu defensor fez uma brilhante apologia das minhas qualidades de servo, dedicado á causa do clero e do snr. D. Miguel, apresentou documentos pelos quaes provou ter eu feito donativos a communidades religiosas, e prestado serviços ao partido realista na mesma epocha, em que me imputaram os factos de que era accusado: concluiu, pedindo a minha absolvição em nome da justi-

ça, da religião e do estado. O presidente perguntou-me então com certa inflexão de benevolencia, se tinha alguma cousa que ajuntar em minha defeza: levantei-me e disse:

— A mais viva attenção e a mais severa imparcialidade da justiça, fundada 'naquelle eterno e benefico principio social — não fazer o que não queremos que se nos faça a nós — exige a gravidade dos argumentos que vou allegar em minha defesa. Que singular contaste entre elles e os que apresentou o meu defensor!

«Declaro terminantemente que não tenho idea de ter feito donativos para sustentar a funesta influencia de certas corporações religiosas, nem ter auxiliado o partido realista.

— Fora malhado! exclamou uma voz de entre os espectadores: seguiu-se algum sussurro que foi abafado pelo presidente, o qual intimou o silencio. Restabelecido este, continuei:

— O fanatismo dos padres e o absolutismo dos reis formam no espelho da razão a estranha imagem de dois monstros que se nutrem da ignorancia e miseria dos povos!

— Que diz o senhor! exclamou o juiz, como que atterrado pelo meu arrojo.

— Digo que o poder supremo não pertence aos soldados, nem aos padres, nem aos juizes, nem aos reis; é de todos: é do povo. Um governo é a personificação das ideas politicas e sociaes de uma geração: cada geração tem conseqintemente direito a um governo proprio seu, o qual deve transigir com as imperiosas necessidades do progresso. Não será pois injustificavel o governo, que em vez de se ostentar no pedestal da opinião publica, se ampara com as pontas das bayonetas, e que em logar de enriquecer a terra com estradas e aqueductos, a esterelisa, regan-

do com sangue humano e dizimando as sociedades?!

— Pergunto, — disse o presidente — se isso é uma allusão ao governo de sua magestade?

— Clara.

— Intimo-o para que se ca'e.

— Em nome de quem?

— Da justiça.

— Desejava que ella me dissesse se pode impedir que o meu pensamento atravesse instantaneamente o passado, o presente e o futuro e se atire pela infinidade do espaço, sem todavia mudar de logar?

— Não, por certo.

— O' justiça incoherente, se não podes coarctar a acção do pensamento, como queres supprimir a liberdade da palavra que é a viva expressão de elle?!

— Oh!... isso é facil! — respondeu o juiz com um riso satanico — manda-se cortar a cabeça a quem fala.

— Mas o que não é facil; o que é de todo impossivel á vossa justiça é restituir a vida ao innocente, ao qual tiver mandado decepar a cabeça!

— Não tem duvida, tornou elle exasperado; na justiça, como na religião, paga asvezes o justo pelo peccador.

— Ah! invocaes a religião; e não sabeis que ella diz: « *não matarás: todos são irmãos e eguaes; tractae os inimigos, como os amigos; assimilhae-vos a Deus que faz nascer o sol tanto para os bons como para os maos?!* »

« Protesto solemnemente em nome de Deus e dos homens contra a falta de respeito que tendes pela vida humana. Dizeis que sois a voz da justiça e não sois mais do que um escravo cego de um rei absolucto e sanguinario!

« Abri os olhos e vereis que estão escorrendo sangue essas mãos que teem assignado tantas sentenças de morte!

O juiz, impellido pelo fogo do desespero, ergueu-se de improviso na tribuna, e estendendo os braços para mim, exclamou :

— Cale-se !... vae ouvir a sua sentença !

'Neste momento o meu defensor recebeu um bilhete, e deqois de correr por elle os olhos, levantou-se e disse com uma voz de ferro :

— Esqueceu-me declarar que o reo padece ha trez dias de alienação mental.

Esta declaração abrira de repente um abysmo entre mim e o carrasco : ao ouvil-a, a assembleia, cujo interesse eu tinha captivado, deu espontaneamente um grito de alegria.

Ah !... Quem ha ahi que possa ver sobre suas ideas desenrolar a loucura as azas brancas e descommunaes ?!

As ideas !... oh ! as ideas ! estes atomos da alma são tão caros, como os filhos, bocados do coração ! Quando palpita o amor, morre-se por elles e por ellas! sobem-se com heroecidade as escadas do cadafalso e não se sente o cutelo do algoz ! A figura severa da tragedia apodera-se da victima e mostrando-a ás gerações que vão passando, conduze-a ao pantheon da gloria, reverbero da immortalidade !

Como podia eu apoiar com o silencio a declaração do meu defensor ?! virei-me para elle e disse :

— Muito lhe agradeço os esforços que tem feito para me salvar ; mas protesto contra essa declaração que me dá por demente ! Não ha por ventura unidade em todas as minhas ideas ? harmonia nos meus gestos ? seriedade no meu porte ? segurança no meu olhar ? Não quero ser absolvido em virtude de um protesto que me degrada. Declaro que estou no uso pleno da minha razão : se me acham criminoso, firam sem piedade ; se não, absolvam-me. Estejam certos de que encaro a existencia com a tranquilidade do

homem que não presta homenagem senão ao bem.

Dez minutos depois ouvi ler a minha sentença de morte, e ouvi tambem um grito que me cortou o coração. Quando passei por entre os espectadores vi minha filha desmaiada nos braços de Julia.

Querido innocente! disseram te que teu pae era absolvido, e tu ias-lhe ao encontro! Se tu souberas o que se passou em minha alma, quando deparei comtigo?!...

O' Julia! eras acaso tu o braço que me protegia?! Foi a tua mão que traçou aquelle bilhete, em virtude do qual eu seria absolvido, se não protestasse?! Oh!... que espectaculo que tu me apresentaste! Que dor concentrada se desenhava no teu rosto! Como tuas lagrimas caiam sobre a face pallida de minha filha! Tu choravas por mim?! Assevero-te que ainda mulher nenhuma chorou com mais sentimento sobre o cadaver do seu amante!

E aquelle homem que de braços cruzados contra o peito estava no fundo de esse quadro, quem era? Não pude encarar a expressão do seu olhar. Eu ja vi aquelles olhos scintilantes: aquelle homem é. . oh triste recordação!... não, não, não pode ser!

Onze da noite. — Tristonho aspecto! Que pensamentos se levantam e voltejam em minha alma! Que lugubres affectos enluctam o meu coração!

Estou no oratorio. E' uma casa forrada de crepe, no fundo da qual ha um grande crucifixo illuminado por dois brandões, cuja luz funeraria esparge em tudo isto a tristeza da morte! Quando aqui entrei, cai de joelhos aos pés de aquella imagem. Adorei em verdade aquelle que os phariseus mandaram matar, porque ensinando a egualdade e fraternidade universal, ferira de morte a vaidade dos reis e o egoismo pharisaico.

O' Jesus! que intelligencia a tua! Quizeste fazer

da Terra um eden e immortalisar o homem pelo amor e pelo trabalho ; ja lá vão porém dezoito seculos e ainda te não comprehenderam ! Invocando o teu nome, o rei, os ministros, os escribas e phariseus d'esta epocha mandam-me enforcar ! Mas que fiz eu ? Declarei guerra á guerra, morte á morte ; quiz o homem na plenitude de suas faculdades ; exigi a reciprocidade de interesses e de sentimentos ! Ahi está o meu crime ! é tão grande, como o teu ! Tu, escarnecido, sobraçaste o manto da gloria ! crucificado, abateste a cruz ! Ah ! não poder eu tambem abater a forca ! esmagar os thronos !...

Mas onde me leva a torrente dos meus pensamentos ? ! O' immortalidade ! doirado sonho !

Ouço passos : veem render a sentinella que me vigia atravez das grades de uma porta de ferro.

22 *de Julho*

A's nove da manhã. Hontem á noite depois que o andar monotono dos soldados me veiu interromper, não sei que tempestade caiu de repente sobre o meu cerebro ; a cabeça violentamente agitada parecia fugir-me : finquei os cotovellos nos joelhos e deitei a fronte nas palmas das mãos. Passados alguns instantes de somnolencia, afigurou-se-me que a sentinella me chamava : observei. Era exacto. Consultei a inteligencia ; ella offereceu-me um processo complicado : appellei para coração que me disse : «Vae» : Fui.

— Então, com um milhão de raios ! — murmurou o soldado, quando me viu ao pé — o senhor quer ou não quer sair de essa casa de defuntos ?!

— Para onde ?

— Boa pergunta !... Para onde quizer.

— Que ha a fazer ?

— Largar esta manhã fogo a toda essa trapagem

que cobre a parede, e por-se cá ao pé da porta para não morrer afogado em fumo, e gritar, como um doido, quando vir os padres ou os guardas.

— E depois ?

— O physico e dois cirurgiões veem-no ver. Declaram que está doido : vae para o hospital e de lá foge. Eu me encarrego de o pôr em salvamento onde quizer.

— Mas quem é o senhor ?

— Não me conhece ?

— Ah ! exclamei eu, fitando-o bem, é o homem que de braços cruzados olhou para mim no tribunal, quando vinha entre os sargentos da Intendencia.

— Esse mesmo.

— E quem é esse mesmo ?

— Pois não me conhece ? Não adivinha ?... Veja-me bem.

— Parecia-me...

— Quem ?

— O Manoel Vicente da Aroeira.

— Em corpo e alma. Mas que é isso ? Enternece-se ?!... A chorar como uma creança !

— Uma triste recordação !... Uma fraqueza !... Não é nada.

—Não é nada ?! Mas que ondas de essas lagrimas terão corrido por minha causa ! Ellas recordam-me que fui o assassino da tua mulher e da tua felicidade!

— O passado é um sonho : não falemos 'nisso.

— Maldito sonho ! que me abriu no coração o sepulchro de minha filha ! E agora aqui me tens a chorar tambem ! O' Henrique ! perdoa-me ! lembra-te que só tu hoje podias fazer rebentar lagrimas 'nestes olhos !

— E não ha ja muito que eu lhe perdoei ?

— E' verdade ! é verdade ! Aqui venho pagar essa divida, Coragem, meu filho ! sejamos homens.

— A respeito de animo, não tenha cuidado; aquella efflorescencia de feminil sentimento foi uma nuvem de estio. Mas diga-me uma cousa: tem a certeza de fazer o que prometteu!

— E' evidente; se não tivesse, não o dizia.

— Pois não é soldado?

— Qual soldado! isto foi um negocio que eu fiz com o commandante da guarda. Eu te digo o que sou em poucas palavras. Assim que me vi livre, mudei de nome e fui para o Brazil, onde entrei ao serviço de um negociante rico. Morrendo este oito mezes depois, a viuva me entregou a mim, que era intelligente e activo, a direcção da casa. Passado um anno, casei com aquella boa mulher, que foi para o outro mundo dahi a vinte e dois mezes, legando-me toda a sua fortuna. A sorte protegeu-me de maneira que hoje estou em Portugal com perto de cinco mil contos. Abonei, ajuntou elle devagarinho, colando a cara nas grades de ferro, oito contos ao imperador, o qual ja me mandou o titulo de visconde de S.

— Bravo!

— Tudo isto, bem o sabes, te o devo a ti.

— Agora outra cousa: conhece aquella mulher atraz de quem estava no tribunal?

— Ella é que me disse que estavas aqui.

— Como?!

— Eu sou membro da junta liberal em Lisboa. Um dia, estava tratando de negocios no meu gabinete; foi o creado dizer me que estava ali uma senhora que me queria falar. Como era mulher, mandei entrar sem muito receio. Ao ver-me, aquella linda creatura deitou-se de joelhos aos meus pés e com as lagrimas nos olhos me pediu que lhe ajudasse a salvar seu irmão, que estava no Limoeiro, preso por malhado. Não imaginas com que alegria e com que tristeza ouvi o teu nome! e com que alvoroço assentei nos meus joe-

lhos e cobri de beijos uma pequena que Julia levava pela mão e que é tua filha! Tua irmã levantou-se de improviso e olhou para mim desconfiada. Sorrindo-lhe com affabilidade e franqueza, respondi: a minha neta ja não sae d'aqui. — Tua irmã...

— Minha irmã?!

— Sim; Julia não é tua irmã?

— Ah!... irmã de um amigo meu; minha pela mais pura e heroica de todas as dedicações.

— Aquella mulher é incomprehensivel! Que mulher! Com os demonios! Aquella cabeça está sempre a referver. Julia é que arranjou os documentos que apresentou o teu defensor.

— Bem! chegamos onde eu queria. Está então minha filha em seu poder?

— Está. Hei de dotal-a com mil contos; hei de casal-a com um dos maiores titulares; hei de fazel-a duqueza. Protestei-o cá aos meus deuses: é resolução inabalavel.

— Oh! por Deus lhe peço que não aristocratise o meu sangue! O melhor titulo que o homem pode ter é o seu nome. Como a nuvem de oiro e de purpura, que se ostenta no horizonte ao desabrochar da aurora, annuncia o sol, o nome annuncia o individuo.

«O nome é uma lamina, um livro em branco, onde inevitavelmente se pintam, gravam ou descrevem todas as nossas acções.

«O nome é um trovador, que anda de terra em terra, cantando os feitos do seu heroe.

«O nome é um echo que se reproduz na estatua da praça publica, na face da campa funeraria, no pensamento e na palavra.

«O nome é uma urna de crystal, que mostra ás gerações que vão passando a essencia preciosa de um ser humano.

«O nome é a transfiguração do corpo em figura agil, impassivel, subtil, luminosa.

«O nome, emsumma, é o homem mesmo, o seu titulo natural, a sua gloria.

— Tudo isso é muito bonito, mas não passa dahi: o util está nas honras, nas prerogativas, nos gosos especiaes de um conde, marquez ou duque.

— Oh!... ahi, ahi 'nessa usurpação de direitos é que está o odioso. Diz uma tradição antiquissima que o homem foi feito de terra, mas 'naquelle termo generico não se compehende a nobreza; essa creou a a maravilhosa alchimia de um fluido ethereo e é tão distincta dos outros homens, como a luz das trevas.

«Mas tornemos ao serio: a nobreza é uma instituição antiga e ja representeu o seu papel no grande drama da civilisação. A sua missão está acabada; é forçoso retirar-se da scena. O progresso quer hoje dar a cada homem plenitude de acção e de vida. E' mais um passo que vae dar a humanidade no caminho immenso da perfeição. Ai de aquelle que pretender contrariar o triumpho que a logica imperiosa da existencia assigna presentemente á democracia!

— Pois seja assim. O tempo urge: vamos ao que importa Estás certo no modo por que has de sair de aqui?

— Estou: no meio de dois padres, com um carrasco atraz; e para que o povo não me livre, guardado por uma numerosa cohorte de escravos de libré, a que os governos despotas chamam soldados.

— Mas isso é um suicidio.

— Não é. Suicidio é eu abdicar a razão e renegar as ideas de sociedade e de vida para prestar homenagem a um poder tyrannico!

— O' Henrique! exclamou o meu interlocutor sensivelmente commovido, pensa no que fazes! Não será

isso uma exaltação do teu espirito, um fanatismo... Livraste-me um dia da morte! Ja que a desgraça me proporcionou occasião de te poder pagar essa divida, permitte-me que o faça. Suicida-te depois. Se queres morrer pela liberdade, vae bater-te nas linhas do Porto, vae-te apresentar ao conde de Villa-Flor, que vem atravessando o Alemtejo...

— Oh! isso não, não! E' preciso desarmar a morte pela morte. E' mister santificar a liberdade pela grandeza do sacrificio. E' necessario enternecer e maravilhar o bando sanguinario dos absolutistas pela heroecidade da abnegação e coragem com que morre o homem livre que elles levam á forca!

— Ouço ruido: ahi vêem render-me. Oh ceos!...

— Adeus! murmurei, estendendo-lhe por entre as grades a minha mão direita que elle apertou extremosamente, beijou e cobriu de lagrimas.

Ao despedir-me, exclamou :

— Espera !

— Que mais queres?

— A tua benção!

— Vae em paz. Crê na fecundidade do bem! Lembra-te que eras um homem perdido e que um rasgo de bondade te salvou!

Meia noite. — Desde que estou no oratorio alguns padres me teem vindo falar da minha alma, de Deus e da outra vida. Agora saiu um que, ao aproximar-se de mim, disse:

— Irmão, o Senhor te cubra da sua paz.

— Boas noites, respondi eu.

— Então não te queres preparar para a viagem longiqua?

— Qual viagem?

O padre ergueu a mão direita e os olhos para o tecto: eu exclamei:

— Ah! para o ceo.

— Sim.
— Diga-me: a viagem é temerosa?
— Boa, se houver crença.
— Em quê?
— Nas doutrinas da egreja.
— Quer então que?...
— Que se reconcilie.
— Diga-me primeiro donde vem, e quem é?
— Venho de Deus e sou o bispo de ***.
— Por consequencia inimigo natural dos liberaes; não é verdade?
— Porquê?
— Porque um rei ou um bispo liberal é um phenomeno extraordinario, ou, falando na vossa linguagem, um prodigio feito por Satanaz; o monarcha vive do despotismo, o prelado da reacção.
— Não é essa a razão porque os bispos são inimigos dos liberaes; é que estes, no ardor, com que defendem a sua causa, não respeitam os bens da egreja, nem a vida do clero; tornam se sacrilegos.
— A queixa é talvez justa; mas não devia partir de vós que tendes mandado queimar nas fogueiras da *Inquisição* milhares de homens livres. E' uma represalia: fica ella por ella.
O bispo estremeceu, como se lhe caisse uma braza no seio, e redarguiu 'num tom em que sobresaia a colera:
— Esses eram justamente condemnados; herejes! queriam a destruição da religião catholica!
— Mas não vos altereis, monsenhor, que me vindes perturbar estas horas de paz. Se quereis chegar ao ponto, discuti com tranquillidade.
— Perdão! ha cousas que ferem, quando um homem não está prevenido Bem vêdes que a justiça é da nossa parte.
— Não me parece: mas examinemos: vós mandas-

tes queimar os liberaes, porque não criam nas doutrinas que tendes ensinado ; não é isso ?

— Exactamente.

— Logo sois incoherentes ; para que vos queixaes amargamente dos romanos que vos mandavam deitar ao fogo ou aos leões pelo facto de ensinardes dogmas contrarios aos seus ? Não estão as vossas historias ecclesiasticas cheias de invectivas contra os imperadores que vos decretaram perseguições! Com que direito pois, martyres de outrora, vos erigis em perseguidores ! ?

— Porém que notavel differença entre nós e os romanos ! as doutrinas de elles eram as dos homens, as nossas são as de Deus.

— Ai ! que lá vos esqueceis de que elles vos condemnavam como inimigos da republica e dos *deuses !* De que lado portanto está a verdade ?

— Mas os milagres !

— Ora os milagres ! Nas lendas de elles tambem os ha.

— Mas a superioridade das doutrinas ?

— E por onde provaes vós a superioridade das doutrinas ?

— Pela razão.

— Muito bem ! chegamos finalmente ao ponto. Confessaes portanto que a crença é um facto determinado no espirito humano pela razão : para que a pretendeis pois impor pela força material ?

«A crença é o resultado da convicção, e esta não se adquire senão pela analyse dos principios que levam ao conhecimento da verdade : com que direito vos ergueis, por conseguinte, contra a liberdade de consciencia, vós que tendes discutido todos os vossos dogmas em concilios diocesanos, provinciaes e ecumenicos ?

«Se a vossa religião nasceu em nome de liberdade,

viva á sombra de ella. Se a vossa barca vae nas vistas de Deus, largae-lhe todas as velas e deixae-a correr.

— Oh! exclamou o prelado, abraçando-me com affecto, tens razão!

24 de Julho

A's cinco da manhã. Dormi esta noite socegadamente o meu ultimo somno. Acordei ás quatro horas, e perante os olhos da alma se me apresentou de improviso o espectro da morte. Nas consequencias de ella, irresistivel poder me arrasta a meditar.

O' pensamento humano! quão prodigiosa é a tua actividade! Porque atravessas tu as solidões tenebrosas que ficam do sepulchro além?! Que interesse é esse que te leva a procurar a luz no seio das trevas?! Para que pretendes dar vida ás cinzas e movimento ao cadaver?!

O intelligencia! esposa predilecta de este fragmento de barro, a que chamam corpo, que amor, que dedicação é essa que tens pelo vaso fragil que te encerra?! Que saudade! que dor! só ao pensares que elle se quebra!

Viajante! que foges de sorriso em sorriso, de affecto em affecto, de clima em clima, de espaço em espaço, de nuvem em nuvem, de ceo em ceo, de estrella em estrella, de idea em idea, de pensamento em pensamento, ambicioso insaciavel! que buscas?! homem! de onde vens e para onde vaes tu?!

Acordaste deitado entre myrthos e rosas? E em quanto dormias esse primeiro somno, tiveste uma visão celestial que te representava uma imagem bella, caprichosa, delicada, sympathica, terna, amante e amavel? Ao despertar, déste com os olhos 'num ente que, sentado ao teu lado, te contemplava, sorrin

do-se ? Não o abraçaste ? e sentindo palpitar o coração, não disseste : — Amo-te ! Linda creatura ! és minha mulher ! ?

De essa união intima não veiu á luz um filho que tu viste nascer ? Mas com que espanto o observaste, um dia, ardendo em febre e finar-se ? ! Tu e tua mulher choraram as primeiras lagrimas sobre o primeiro cadaver de homem.

Olhaste para a fronte de tua esposa, e viste com verdadeira magoa que o pranto lhe tinha levado o frescor e estragado a formosura ; correste a ver o teu rosto no espelho de um lago : e o coração te caiu aos pés, quando conheceste que ias envelhecendo. Foste abraçar aquella, cuja formosura te encantara outrora, e chorando com ella, murmuraram juntos : — Ai ! que somos mortaes !

Selvagem ! a fome te obrigou a buscar o sustento. A pensar te ensinou a dor ! Assentaste-te 'numa pedra, nos joelhos apoiaste os cotovellos, e, mettendo a cabeça entre as mãos, cogitaste na immortalidade. Não conhecias outro alimento senão o fructo : a arvore da vida sorriu á tu imaginação : e vagueaste de bosque em bosque em procura do pomo que te havia de remoçar. Vã esperança ! baldado empenho !

Quando, mais tarde, abraçado ao cadaver de tua mulher, te carpias, sem querer consolo, um levita, filho teu, mais imaginoso, do que tu, apontando para o ceo, disse : — Olha ! em nós ha dois seres distinctos: corpo e alma. E' pó o corpo ; a alma vae para além, onde está quem te creou.» Não te contentando porém com essa idea de vaga e incompleta immortalidade, abriste o seio de uma rocha ; ahi guardaste os restos caros de tua esposa e os cobriste com uma lage, na qual escreveste este epitaphio: AQUI JAZ EVA.

Não é esta, ó homem a tua primeira phrase, a tua primitiva, singela e tocante historia ?

Apezar de isso, caminhante infatigavel; tu não succumbiste ; conheceste que a natureza te fizera immortal na continuidade da tua raça e na conservação das substancias de que te compões.

Que importa ? Tu ambicionas muito mais ; a immortalidade individual é o teu perpetuo e dourado sonho ! Que de façanhas ! que de suores ! que de vigilias ! que de invenções ! tudo por um reflexo que te glorifique e te continue a vida !

Mas que é a gloria no espaço immenso e tenebroso da eternidade. Uma luz vaga. Para o individuo humano o que é ella ? Um balsamo, que sem a virtude de lhe conservar o corpo, lhe salva todavia o nome.

A gloria é ja portanto alguma cousa na immortalidade individual ; mas não é tudo : o homem busca a realidade dos seus sonhos de oiro 'num prodigio do ceo. Esse ressurgir longiquo não o satisfaz ainda. Hontem a procurou no mineral ; hoje no fluido ; amanhã... aonde ? Mas a esperança de a descobrir não o desampara.

Ah !... eu vou morrer para que elle multiplique as suas forças, trabalhe livre e a encontre !

O' poder do bem ! a minha missão está acabada ! recebe-me de novo no teu seio, onde sob outra forma continuarei a trabalhar no progresso do mundo !

FIM

INDICE

Prologo.... 5

PARTE I

I — Onde foi encontrado este livro.............. 7
II — Um suicidio frustrado.................. ... 11
III — Real e ideal............ 19
IV — Um anjo...... 27
V — A filha das aguas......................... 45
VI — Amor e ouro 51
VII — Predicção.. 65
VIII — O oratorio de G. 73
IX — A queda do catholicismo.................... 79
X — Um banquete de padres depois de um officio de defunctos 87
XI — Crenças e acções de um bom homem......... 95
XII — Duas tempestades......................... 103
XIII — A caverna dos salteadores........... 107
XIV — O pae que engeita seu filho expõe-se a matal-o 115
XV — Horror e maldição 123
XVI — A miseria é a origem do crime.............. 129
XVII — O socialismo............................ 137
XVIII — A idea de este seculo...................... 143

PARTE II

I — Transformações 149
II — Memorias...... 59